

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

LUANA LUZIA LÓSS DE FREITAS

**HOLLANDA LOYOLA, EDUCAÇÃO E EDUCAÇÃO FÍSICA:
REFLEXÕES PEDAGÓGICAS E PRESCRIÇÕES
EDUCACIONAIS (1934-1944)**

**VITÓRIA
2011**

LUANA LUZIA LÓSS DE FREITAS

**HOLLANDA LOYOLA, EDUCAÇÃO E EDUCAÇÃO FÍSICA:
REFLEXÕES PEDAGÓGICAS E PRESCRIÇÕES
EDUCACIONAIS (1934-1944)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Educação Física.

Orientador: Prof. Dr. Omar Schneider

**VITÓRIA
2011**

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

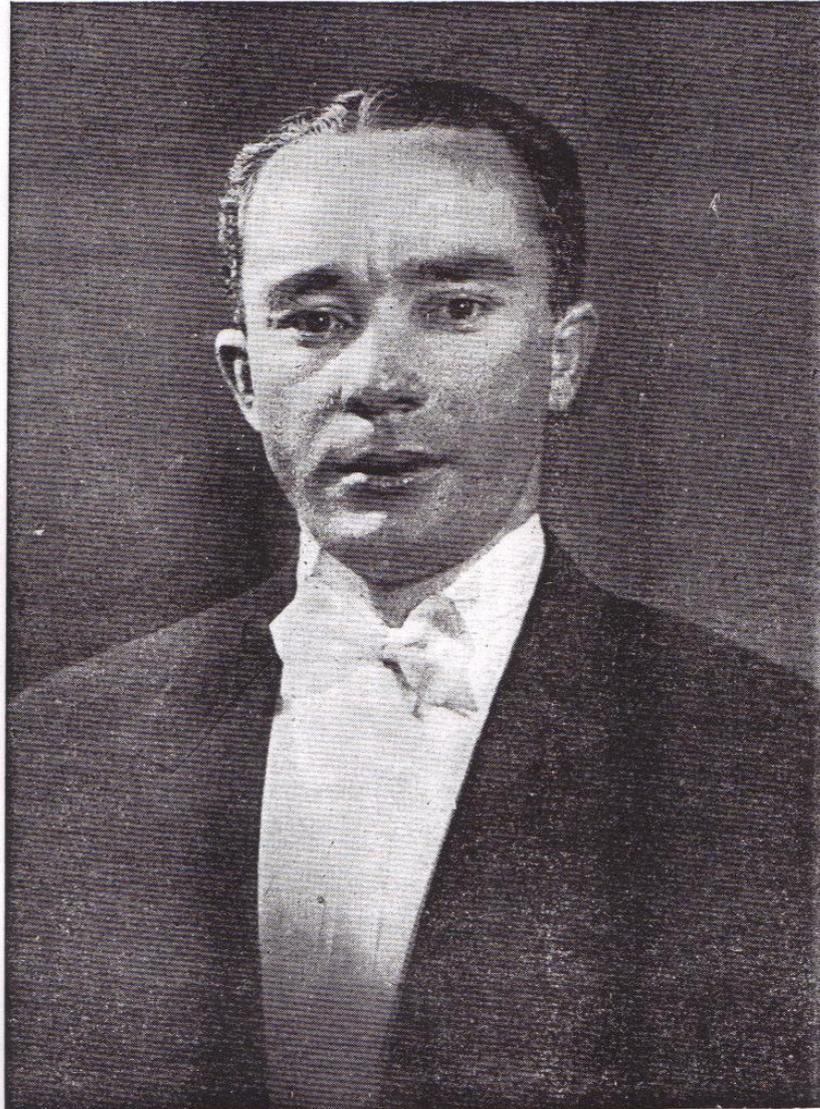
F866h Freitas, Luana Luzia Lóss de, 1985-
Hollanda Loyola, educação e educação física : reflexões pedagógicas e prescrições educacionais (1934-1944) / Luana Luzia Lóss de Freitas. – 2011.
172 f. : il.

Orientador: Omar Schneider.
Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Educação Física e Desportos.

1. Loyola, Hollanda. 2. Educação Physica (Revista). 3. Educação física para crianças. 4. Educação – História. 5. Educação física – História. I. Schneider, Omar. II. Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Educação Física e Desportos. III. Título.

CDU: 796

Homenagem
DA
Revista Brasileira de Educação Física



Prof. Francisco de Assis Holanda Loyola, falecido a 4 de
junho de 1944, um dos grandes batalhadores da causa da
Educação Física no Brasil

Fonte: *Revista Brasileira de Educação Física*, ano I, n. 9, set. 1944

LUANA LUZIA LÓSS DE FREITAS

**HOLLANDA LOYOLA, EDUCAÇÃO E EDUCAÇÃO FÍSICA:
REFLEXÕES PEDAGÓGICAS E PRESCRIÇÕES
EDUCACIONAIS (1934-1944)**

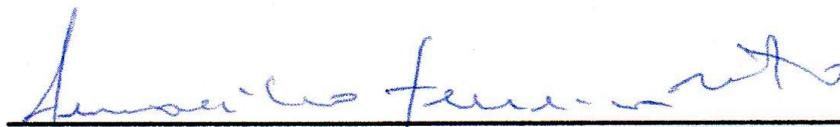
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação Física.

Aprovada em 27 de maio de 2011.

COMISSÃO EXAMINADORA



Prof. Dr. Omar Schneider
Universidade Federal do Espírito Santo
Orientador



Prof. Dr. Amarílio Ferreira Neto
Universidade Federal do Espírito Santo



Prof. Dr. André da Silva Mello
Universidade Federal do Espírito Santo



Prof(a). Dra. Regina Helena Silva Simões
Universidade Federal do Espírito Santo

**Para minha querida avó Irma
Redigheri Lóss**

O fardo pesado que levas,
Deságua na força que tens
Teu lar é no reino divino
Limpinho cheirando alecrim

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, a Deus pela vida.

A Santa Luzia que me protege abrindo os olhos para discernir quais caminhos seguir.

Ao meu orientador, Omar, que dedicou tantas horas a mim e ao meu trabalho. Com toda paciência soube me compreender, me ensinar, me permitir conhecer um pouco mais o universo da História da Educação. Dedico o meu crescimento a você, já que, sem seus ensinamentos, esta dissertação não seria a mesma.

Aos meus familiares:

Ao meu pai, de quem me aproximei muito no segundo ano do mestrado, pela compreensão nas minhas ausências na oficina.

À minha mamãezinha à qual não tenho palavras de tão parceira que é. Em tudo, tudo mesmo... Se estou aqui hoje me tornando mestre, é muito por você, pela educação que me deu e a influência na Educação Física.

À vovó Irma que eu sei que reza por mim todos os dias, quietinha na cama. Agradeço pelos abraços, cada olhar, cada beijinho que ela me joga diariamente e que me dão força para caminhar.

Ao meu irmãozinho que trabalhou durante as suas férias para que eu pudesse estudar.

À minha irmã, mestre Simone, que me fez ter o sonho de também ser mestre um dia e que, mesmo lá de longe, me incentivou dia a dia, como se realmente estivesse bem pertinho de mim.

À minha amada Renata que sempre me teve como muito mais do que uma irmãzinha, e sim uma filha, com cuidados, carinhos e broncas de uma mãe. Saiba, Rezinha, que muito do que sou vem de você.

Às minhas tias Mirinha e Maria Ely, sempre tão presentes me dando carinho, atenção, colo e coisas gostosas para comer quando estou nervosa.

Aos primos lost (Migs, Sinho e Banana) por me permitirem tantas alegrias mesmo em tempos de mestrado. Em especial, a Migs que, muito mais que prima, é também uma irmã que me acompanha nas alegrias e tristezas todos os dias.

Ao meu cunhado Paulinho pela disponibilidade e cuidado na leitura do *Abstract*.

Aos professores:

Ao professor Amarílio por ter acreditado no meu potencial desde o início. Pelas inúmeras conversas e puxões de orelha que só me fazem crescer. Obrigada pelo carinho, professor. Você foi fundamental nesta conquista.

À professora Regina Helena Silva Simões que, mesmo sem saber, é uma inspiradora para meus estudos. Seu carinho pelo que faz e pela vida me motivam a investir mais e mais na minha formação. Obrigada, professora, por aceitar o convite para esta banca de defesa.

Ao professor André pelas inúmeras conversas construtivas. Pelo carinho e compreensão sempre, e por ter aceitado o convite para participar tanto da qualificação como da defesa. Suas considerações deram muito sentido ao texto.

Ao professor Nelson Figueiredo de Andrade Filho pelas conversas, ensinamentos e conselhos para lá de carinhosos.

A professora Sandra, que soube ser atenciosa e compreensiva com as turbulências que surgiram. Professora, você foi fundamental para que eu me animasse a continuar esta caminhada e produzisse este estudo.

Aos amigos:

Às minhas amigas borboletas: Gio Gio, Maria Celeste (fada celestial), Meríssima Beounce, Renata, Rosi (Creide), Silvia Sangue Bom, que me permitem sempre voar para uma vida mais alegre, com muito brilho e cor.

Ao Viturino por ser tão “sem abarança” e trazer o conforto e alegria necessários na reta final do mestrado.

Aos colegas do Proteoria, Amarílio, Ana Cláudia, Anderson, André, Andreia Anchieta, Andréia Locatelli, Day, Érica, Felipe Carneiro, Felipe Manjuba, Fran, Grazi, Jeizebel, Júlia, Kézia, Lívia, Marcela, Rachel, Serginho, Silvana, Wagner, Wallace,

pelo carinho todos os dias, cada um com seu brilho especial, principalmente o Felipe Carneiro pelo companheirismo.

Aos colegas da turma do mestrado pelas inúmeras conversas que me fizeram evoluir e me divertir. Em especial, a Maria Celeste e Merinha que foram um belo presente que o mestrado me proporcionou.

Às queridas amigas Kezia e Rosy que souberam selecionar as melhores palavras para me revigorar nos momentos mais difíceis.

A Renata Duarte Simões, com quem eu pude dialogar sobre Hollanda Loyola. Obrigada pela atenção, por me ajudar na viagem ao Rio e pelas leituras atentas.

A Bernardo e a Macaco pela amizade e carinho sempre. Vocês me mostraram que sonhar realmente não custa nada.

A Alina pela disponibilidade e dedicação na correção deste texto.

A Denilza, Maria e Dona Irani por serem tão prestativas e cuidadosas, ficando até tarde no CEFD, porque eu precisava estudar.

À Universidade Federal do Espírito Santo e à CAPES pela concessão da bolsa que me possibilitou a realização deste estudo.

Figura 1 – Documento de entrada de Francisco de Assis Hollanda Loyola na Casa de Correção em 12



Fonte: Processo nº 595 (BRASIL, 1938).

[...] minúcias em geral consideradas triviais e sem importância, 'aquém da atenção', fornecem a chave para as maiores conquistas do gênio humano (GINZBURG, 1991, p. 97).

RESUMO

Este trabalho investiga as representações e prescrições construídas por Hollanda Loyola sobre uma Pedagogia para a Educação Física e Educação Física Infantil. Para tanto, utiliza como fonte três modalidades de impressos (jornal, revista e livros), locais em que esse ator fez veicular suas produções. Os impressos utilizados foram o jornal integralista *A Offensiva*, que circulou entre os anos de 1934 e 1938; a revista *Educação Physica*, periódico civil lançado em 1938 e extinto em 1945; e seus 12 livros publicados pela Cia. Brasil Editora. A análise foi feita com base nas proposições da História Cultural, fazendo opção pela investigação na *micro-história*, não apenas para descrever, mas também para interpretar os acontecimentos e assim compreender a realidade social (macro), pela análise das práticas (individuais ou coletivas) de apropriação e representação. A fim de traçar a relação entre as lutas de representação, focaliza os conceitos de *estratégia* e de *tática* de Michel De Certeau. Busca compreender Hollanda Loyola como ator/autor/editor que se posiciona estratégica/taticamente em função do jogo que está sendo jogado no campo da política e da cultura, nas décadas de 1930 e 1940, para definir o caminho que o Brasil seguiria após a Revolução de 1930. Investigando as suas prescrições sobre a Pedagogia e a Educação Física, constata que essas são práticas de apropriação e transformação dos saberes que, nos idos das décadas de 1930 e 1940, representavam o que existia de mais moderno em matéria de reflexão pedagógica. De posse dos saberes da Fisiologia, da Biologia e da Psicologia, ele se dedica a (re)pensar detalhadamente um método de Educação Física para todas as idades (do nascimento ao fim da vida), apropriado à realidade brasileira. Refletindo sobre um “Plano de Educação Física” para todas as idades, Loyola organiza também uma proposta de Educação Física que contempla as especificidades da Educação Infantil. Para ele, a infância era uma etapa destacada na vida do homem, com características próprias, que precisavam ser respeitadas, principalmente porque, nessa fase, seria mais fácil moldar/corrigir o caráter e prevenir que as crianças fossem corrompidas, o que dificultaria a produção do “homem novo”, patriótico e industrioso, necessário à sociedade moderna que se buscava construir nas décadas de 1930 e 1940.

Palavras-chave: Hollanda Loyola. Reflexões pedagógicas. Educação Física Infantil.

ABSTRACT

This study investigates the representations and recommendations devised by Hollanda Loyola about a Pedagogy focused on Physical Education and Physical Education for Children. The study uses three kinds of printed media as source of information (newspaper, journal and books), which are the avenues used by this social actor to convey his productions. The publications examined were the integralist newspaper *A Offensiva*, published between the years of 1934 and 1938; the journal *Educação Física*, published for the first time in 1938 and ended in 1945; and his 12 books published by Cia. Brasil Publisher. The analysis was based on the propositions of Cultural History, opting for an investigation based on micro-history, not only to describe, but also to interpret the events and then, to understand the social reality (macro) through the analysis of practices (individual or in a group) of ownership and representation. In order to delineate the links among the struggles of representation, the study focuses on concepts of strategy and tactics of Michel De Certeau. It tries to understand Hollanda Loyola as an actor/author/editor that sits strategically/tactically according to the game that is being played in politics and culture in the 1930s and 1940s, to define the path that Brazil would follow after the Revolution of 1930. Investigating his recommendations about Pedagogy and Physical Education, the study finds that these propositions are practices of appropriation and transformation of knowledge that, back in the 1930s and 1940s, represented one of the most modern in terms of pedagogical reflection. With a good knowledge in Physiology, Biology, and Psychology, he decides to (re)think in detail a method of Physical Education that can be used for all ages (from birth to the end of the life), suitable to the Brazilian reality. Reflecting about a “Physical Education Plan” for all ages, Loyola also organizes a proposal for Physical Education that looks at the specificities of Child Education. According to him, the childhood was a prominent stage in the life of a man, filled with intrinsic characteristics that needed to be respected, mainly because, at this stage it would be easier to shape/correct the character and prevent the children from being corrupted, a fact that would make more difficult the training of the “new man”, patriotic and industrious, necessary to the modern society that was sought to be built in the 1930s and 1940s.

Key-words: Hollanda Loyola. Pedagogical reflections. Physical Education for Children.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	– Documento de entrada de Francisco de Assis Hollanda Loyola na Casa de Correção em 12 de março de 1938	10
Figura 2	– Antigo quartel onde funcionava o CPOR/1ª Região, atual Museu Militar Conde de Linhares. Bairro São Cristóvão, Rio de Janeiro	63
Figura 3	– O núcleo de formação da Escola de Educação Física do Exército	64
Figura 4	– Hollanda Loyola, à frente, como Mestre de Campo da Milícia Integralista do Distrito Federal	67
Figura 5	– Documento anexado ao Processo nº 595 (1938) referente a armas e munições encontradas em poder de integralistas, dentre os quais estava Hollanda Loyola	69
Figura 6	– Documentos de entrada de Francisco de Assis Hollanda Loyola na Casa de Correção em 12 de março de 1938	70
Figura 7	– Resumo dos locais onde Loyola é citado no Processo nº 595 (1938) e os artigos que justificam sua condenação	71
Figura 8	– Declaração de Hermínio Ferreira – Diretor da Escola Nacional de Educação Física e Desportos – sobre o livro <i>Educação Física: tratado de pedagogia</i> de Hollanda Loyola	72
Figura 9	– Publicação no <i>Gazeta de Notícias</i> sobre o livro <i>Educação Física: tratado de pedagogia</i> de Hollanda Loyola	72
Figura 10	– Declaração do Dr. Raimundo Rangel – diretor do Colégio Paula Freitas sobre o trabalho de Hollanda Loyola como autor e sobre seu livro <i>Educação Física: tratado de pedagogia</i>	73
Figura 11	– Publicação no <i>Formação</i> sobre o trabalho que Hollanda Loyola vem desenvolvendo na área da Educação Física	73
Figura 12	– Publicação no <i>Diário da Noite</i> sobre o trabalho que Hollanda Loyola vem desenvolvendo com Educação Física brasileira e sobre seu livro <i>Educação Física: tratado de pedagogia</i>	73
Figura 13	– Capa da revista <i>Educação Physica</i> nº 16 (1938)	86
Figura 14	– Capa do livro de Hollanda Loyola <i>Educação Física: tratado de pedagogia</i> (1940)	86

Figura 15	_	Capa da revista <i>Educação Physica</i> nº 72 (1943)	86
Figura 16	_	Capa do livro de Hollanda Loyola <i>Volley Ball: regras e instruções</i> (1938)	86
Figura 17	_	Capa da revista <i>Educação Physica</i> nº 51 (1941)	86
Figura 18	_	Capa do livro de Hollanda Loyola <i>Basket Ball: regras e instruções</i> (1941)	86
Figura 19	_	<i>Oração do Atleta</i> escrita e publicada por Hollanda Loyola nas páginas iniciais de seus livros	88

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	– Loyola e sua reflexões pedagógicas no jornal <i>A Offensiva</i>	99
Tabela 2	– Loyola e sua reflexões pedagógicas na revista <i>Educação Physica</i>	105
Tabela 3	– Livros publicados por Loyola sobre a temática Pedagogia	109
Tabela 4	– Loyola e a Educação Física infantil na revista <i>Educação Physica</i>	112
Tabela 5	– Loyola e a Educação Física infantil em livros	112

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1	– Mapeamento do ritmo de produção de Hollanda Loyola (1934-1944)	77
Gráfico 2	– Produção de Loyola no jornal <i>A Offensiva</i>	79
Gráfico 3	– Produção de Loyola na revista <i>Educação Physica</i>	82
Gráfico 4	– Produção de Loyola referente aos livros	84
Gráfico 5	– Categorização dos trabalhos publicados por Hollanda Loyola nos diferentes espaços de circulação em que atuou entre 1934-1944.....	91

LISTA DE SIGLAS

- ABC** – Associação Brasileira da Cultura
- ACM** – Associação Cristã de Moços
- AIB** – Ação Integralista Brasileira
- CPOR** – Centro de Preparação de Oficiais da Reserva
- EsEFEx** – Escola de Educação Física do Exército
- PROTEORIA** – Instituto de Pesquisa em Educação e Educação Física
- R/2** – Oficial da Reserva
- TSN** – Tribunal de Segurança Nacional

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	20
O PERCURSO DA PESQUISA	21
A ORGANIZAÇÃO DO REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO DA PESQUISA	23
INVENTARIANDO OS USOS DE HOLLANDA LOYOLA NA EDUCAÇÃO FÍSICA BRASILEIRA	28
PLANO DE EXPOSIÇÃO.....	35
1º CAPÍTULO – ANÁLISE E PROBLEMATIZAÇÃO DAS FONTES	37
1.1 O JORNAL <i>A OFFENSIVA</i>	44
1.2 A REVISTA EDUCAÇÃO PHYSICA	52
1.3 HOLLANDA LOYOLA E O MERCADO DOS LIVROS NAS DÉCADAS DE 1930 E 1940	59
2º CAPÍTULO – CIRCULAÇÃO DE HOLLANDA LOYOLA NA IMPRENSA	63
2.1 TRAJETÓRIA DE FORMAÇÃO	63
2.2 O TRABALHO COMO AUTOR E EDITOR	77
2.2.1 Ritmo de produção.....	77
2.2.2 Hollanda Loyola no jornal <i>A Offensiva</i>	79
2.2.3 Hollanda Loyola na revista <i>Educação Physica</i>	82
2.2.4 Hollanda Loyola e seus livros.....	84
3º CAPÍTULO – HOLLANDA LOYOLA E A EDUCAÇÃO FÍSICA BRASILEIRA: REFLEXÕES PEDAGÓGICAS E PRESCRIÇÕES EDUCACIONAIS	91
3.1 HOLLANDA LOYOLA E A PEDAGOGIA	97
3.2 HOLLANDA LOYOLA E A EDUCAÇÃO FÍSICA NA INFÂNCIA	111
CONSIDERAÇÕES FINAIS	123
REFERÊNCIAS	129

APÊNDICES	137
APÊNDICE A – Textos publicados por Hollanda Loyola na primeira fase do jornal <i>A Offensiva</i> (1935)	138
APÊNDICE B – Textos publicados por Hollanda Loyola na <i>Chronica do Dia</i> (1936-1938).....	139
APÊNDICE C – Textos publicados por Hollanda Loyola na revista <i>Educação Physica</i> (1939-1944).....	149
APÊNDICE D – Livros publicados por Hollanda Loyola pela Cia. Brasil Editora	153
ANEXOS.....	154
ANEXO A – Histórico de vida escolar do aspirante Francisco de Assis Hollanda Loyola na Escola de Educação Física do Exército.....	155
ANEXO B – Diário Oficial de 13 de janeiro de 1937 apontando a relação dos sócios da Associação Brasileira de Imprensa.....	156
ANEXO C – Diário Oficial de 26 de julho de 1935 sobre a convocação de Loyola para servir na 1ª Região Militar.....	157
ANEXO D – Depoimento prestado por Hollanda Loyola em 12 de março de 1938 (Processo nº 595).....	158
ANEXO E – Depoimento prestado por Hollanda Loyola em 16 de março de 1938 (Processo nº 595).....	162
ANEXO F – Anexos da defesa de Hollanda Loyola preparada por seus advogados durante inquérito policial em 1938.....	166
ANEXO G – Decisão do juiz sobre a condenação e situação de cada um dos envolvidos no levante de 11 de março de 1938, bem como o mandado de prisão de Loyola.....	170
ANEXO H – Diário Oficial de 30 de dezembro de 1940 deferindo a inscrição dos trabalhos que satisfizeram as condições do edital do Concurso de Publicações sobre Educação Física.....	172

INTRODUÇÃO

EDUCAÇÃO física para ser completa, eficiente, racional deve ter base científica, por princípio a harmonia e o utilitarismo por fim; a sua pedagogia deve se caracterizar pelo agrupamento homogêneo dos indivíduos, pelo fisiológico dos exercícios, pela sua adaptação e pela verificação periódica dos seus resultados; as suas lições devem ter por regras a continuidade dos movimentos, a atração dos exercícios, a gradação do esforço, a alternativa do trabalho e do repouso relativo e a disciplina dos educandos. Com a educação física o que se visa é preparar o indivíduo para a vida, dotá-lo de predicados que o capacitem a enfrentar com superioridade todas as contingências do meio, faze-lo forte e são e útil, desenvolvendo e aperfeiçoando as suas qualidades físicas e conseqüentemente as suas qualidades moraes, dentro de um programa que consulte as realidades do momento, que atenda às exigências da época vertiginosa e tumultuada que vivemos. Qualquer método que se queira adotar fora dessas normas basilares é cair no empirismo, estacionar, regredir (LOYOLA, 1939, n. 35, p. 9).

Dentro das propostas da pesquisa *A constituição de teorias da Educação Física: o debate em periódicos no século XX*, que é desenvolvida, desde o ano de 2000, no Instituto de Pesquisa em Educação e Educação Física (Proteoria), buscamos criar condições para compreender, por meio da imprensa educacional, a forma como, no Brasil, foi e vem sendo produzida uma teoria para a Educação Física; e como, em determinados momentos, agentes sociais dotados de competências específicas se apropriam, sistematizam e fazem uso do conjunto de saberes provenientes de diferentes áreas do conhecimento, para justificar o papel da Educação Física na sociedade e, mais especificamente, no interior das instituições educacionais como disciplina escolar.

Guiada por esta pesquisa, apontamos um ator conhecido como Hollanda Loyola, autor da citação anterior, que muito publicou nas décadas de 1930 e 1940, porém ainda hoje é pouco conhecido na História da Educação Física Brasileira, mesmo tendo ocupado cargos importantes nos meios civis e militar de sua época, ter tido uma vida política ativa durante o Estado Novo e ter publicado sobre uma variedade de temas na área Educação Física, em diferentes suportes da imprensa, como jornais e revistas.

Suas ideias sobre a importância da Educação Física em um programa educacional chama a atenção pelo momento em que foram escritas e significadas. Elas fizeram surgir algumas perguntas: quem era esse ator? O que leu? O que produziu com o que consumiu? O que entendia como Pedagogia? Como aplicava seus princípios à nascente disciplina Educação Física? Qual método ele pensava que era o mais adequado para a Educação Física? Por que era compelido a escrever sobre esses temas? Quais são os ganhos que acumulou ao buscar tratar dessas questões? Muitas perguntas podem ser realizadas ao analisar a reflexão que ele deixou para a posteridade no ano de 1939, registrada em um impresso chamado *Educação Physica*, periódico comercial criado no ano de 1932. Em vistas dessas indagações, achamos necessário revisitar a História da Educação Física, uma vez que, ao olharmos para os intelectuais preocupados com a Educação Física nas décadas de 1930 e 1940, visualizamos que poucos são aqueles percebidos como representativos. De forma mais intensa, conhecemos Fernando de Azevedo e Inezil Penna Marinho, mas acreditamos que muitos atores ficaram desaparecidos, porque ainda não foram alvo de estudos mais sistemáticos, sua produção não chegou a causar impacto na área, ou mesmo porque estavam na periferia do sistema político e cultural hegemônico em determinado período.

O PERCURSO DA PESQUISA

Parte das ideias contidas na proposta deste estudo nasceu quando me preparava para ingressar no mestrado, isso porque, foi nesse momento que optei por aproximar-me da pesquisa histórica. Durante toda a graduação direcionei meus estudos e pesquisas à infância e ao cotidiano da Educação Física na Educação Infantil. Próximo ao final do curso, porém, cursando uma disciplina eletiva na Educação,¹ estudei sobre a História da Infância e isso me despertou interesse e curiosidade, de modo que, ao término desta, produzi um texto, posteriormente publicado no X Encontro Fluminense de Educação Física Escolar.

Neste tentei (re)pensar a Educação Física para a Educação Infantil por meio de uma análise das diferentes concepções de infância tecidas ao longo da história.

¹ Denominada Introdução à Educação Infantil.

Esse trabalho, com suas incompletudes, muito me instigou a caminhar um pouco mais próximo das pesquisas históricas.

Já no mestrado, com a ideia inicial de compreender historicamente como vem sendo construída pedagogicamente uma proposta de Educação Física para a infância, recorreremos aos estudos desenvolvidos no Proteroria. Nosso intuito era investigar a produção em periódicos do século XX sobre a referida temática para determinar o objeto de pesquisa e a forma como ele seria analisado.

Tendo acesso à revista *Educação Physica*,² primeiramente por meio do trabalho de Schneider (2003) e depois recorrendo diretamente à fonte, deparamo-nos com uma série de textos sobre reflexões pedagógicas e prescrições educacionais para diferentes idades, em especial, para a infância, escritos por Hollanda Loyola. Na busca de pistas sobre esse autor na revista *Educação Physica*, percebemos que ele foi militar, professor de Educação Física, jornalista, ocupando cargos importantes tanto nos meios civis como nos militares. Apesar de ter tido ampla publicação entre as décadas de 1930 e 1940 com uma atuação ativa na produção de artigos, livros e propostas para a Educação Física, sua obra ainda se encontra pouco conhecida na História da Educação Física.

Procurando mais informações sobre esse autor, descobrimos, no estudo de Simões (2009), que ele foi membro efetivo da Ação Integralista Brasileira (AIB), iniciando suas publicações sobre temas relacionados com a Educação Física em um jornal integralista denominado *A Offensiva*,³ no qual publicou, entre os anos de 1934 e 1938, um grande volume de material sobre diferentes temáticas, dentre elas, a *Pedagogia* e a *Educação física infantil*, tendo, a partir de 1936, uma coluna própria em que escrevia diariamente sobre esses temas.

Com a extinção do jornal em 1938, ele passa a integrar o grupo de redatores da revista *Educação Physica*, da qual se torna diretor-técnico e a pessoa que mais publica durante o período de maior estabilidade do periódico (1938 a 1941). Por

² Considerada a primeira revista civil na área da Educação Física, foi um periódico que circulou (inter)nacionalmente, entre os anos de 1932 e 1945.

³ O jornal *A Offensiva* foi criado como forma de divulgação das ideias da AIB movimento social de grande repercussão política, que emerge no Brasil Republicano, arquitetado por Plínio Salgado, como chefe nacional. O jornal *A Offensiva* circulou entre 1934 e 1938, ano em que a AIB foi extinta pelo Governo de Vargas e o Integralismo entrou para a clandestinidade.

meio de um projeto editorial da revista escreve aproximadamente⁴ 13 livros, ganhando prêmios nacionais e internacionais pelo Ministério da Educação.

Isso apontava que um caminho interessante para compreender o pensamento educacional, nos diferentes níveis de ensino e, em especial, na infância, seria recorrer à produção intelectual de personalidades que, em algum momento, tiveram a Educação Física como objeto de interesse e discussão. Nesse sentido, optamos por engendrar nossa investigação partindo da reconstituição das situações-problema com as quais se defrontou Hollanda Loyola ao se empenhar em construir uma teoria para a Educação Física no século XX, como professor, escritor, editor, político, intelectual (civil e militar), avizinhando-se dos repertórios de modelos culturais a que teve acesso e dos recursos (individuais e sociais; intelectuais e materiais) com que pôde contar na apropriação e usos que fez dos saberes em circulação ao construir suas reflexões pedagógicas para a Educação Física, em especial a Educação Física Infantil.

Para realizar a investigação, utilizamos, como referência, as proposições da História Cultural que, segundo Chartier (2002, p. 16-17) buscam “[...] identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler”. Essa possibilidade de pesquisa renova a forma com se interroga a ação dos homens no tempo, uma vez que deixa de centrar a atenção nos grandes recortes temáticos e passa a fazer opção “[...] por análises pontuais, delimitadas tão exaustivamente quanto possível, da particularidade das práticas e dos produtos culturais investigados” (NUNES; CARVALHO, 1993, p. 37).

A ORGANIZAÇÃO DO REFERENCIAL TEÓRICO METODOLÓGICO DA PESQUISA

Utilizamos, na investigação, as proposições da História Cultural e fizemos a opção pela investigação com base na *micro-história*, não apenas para descrever, mas também para interpretar os acontecimentos e assim compreender a realidade social (macro) pela análise das práticas (individuais ou coletivas) de apropriação e

⁴ Aproximadamente porque há indícios de que Hollanda Loyola possa ter escrito um quantitativo superior a 13 livros. Como nossas fontes não dão conta de confirmar esses indícios, optamos por trabalhar com o 13 publicações, não deixando, contudo, de sinalizar a possibilidade de esse número ser aumentado.

representação. O estudo se distancia de uma História das Idéias⁵ ao focalizar seus interesses nas práticas de representação, produzidas e compartilhadas por vários dispositivos. Diferente de uma História tradicional, que opta em estudar os grandes intelectuais, os grandes acontecimentos e as correntes de ideias, hierarquizando a cultura como sistemas polarizados, impermeáveis, em alta cultura, baixa cultura, popular ou erudita, a História Cultural procura seguir por outro caminho. Nessa modalidade de operação, buscamos avaliar um acontecimento em sua especificidade, a trajetória de uma vida em sua relação com outras vidas, a história de um grupo específico em confronto (simbólico) com outros grupos por acúmulo de autoridade em relação a um determinado tema.

Essas questões não podem ser percebidas por um questionário que direciona o olhar do pesquisador para resolver os problemas selecionados por uma história oficial, uma vez que a narrativa dessa modalidade historiográfica não permite deixar ver apenas a visão do vencedor, esquecendo que o vencido é uma construção do vitorioso que assimila, nas suas memórias, uma idealização do pretérito. Nesse modelo, muitas vezes, a narrativa torna-se linear, isenta de conflitos, de acordos e negociações, tendo como característica marcante a descrição e a enumeração dos acontecimentos. O que a Nova História se propõe também é um relato (que é uma pertença natural da história), porém que não exclui a inteligibilidade para que possamos ver o contraste das práticas de representação. Segundo Chartier (2002, p. 82), para compreender e escrever a história, é preciso perceber que a

[...] pertença da história à narrativa que funda a identidade estrutural entre relato de ficção e relato histórico, não exclui inteligibilidade. É demasiado simples a oposição que pretende pôr em contraste as explicações sem relato e os relatos sem explicações: a compreensão histórica é construída no e pelo próprio relato, pelos seus ordenamentos e pelas suas composições. [...] a proposta que liga narração e explicação pode ter um outro sentido, se elaborar os dados colocados na intriga como vestígios ou indícios que permitem a reconstrução sempre submetida a controlo, das realidades que os produziram.

⁵ “Ao acoplarmos idéias e história a ambigüidade deste último termo permite a leitura da expressão daí resultante segundo duas claves bem diversas: como proposição ontológica que afirma a existência ‘real’ das idéias *na história* (no sentido de matéria do conhecimento histórico); e como proposição epistemológica que garante a validade de um certo tipo de conhecimento histórico na qual as idéias constituem seu objeto. A primeira proposição conduziu à elaboração de ‘histórias’, em diferentes tempos e lugares, baseadas na premissa de que as idéias se apresentam/desenvolvem na história de maneira independente ou autônoma em relação às demais regiões ou instâncias do real, quando não se afirma que só elas, as idéias, são ‘reais’” (FALCON, 1997, p. 92).

Diante do exposto, a operação que faremos será primeiramente constituir como representações os vestígios (discursivos, estatísticos, etc.), para, em seguida, estabelecer hipoteticamente uma relação entre as séries de representações e as práticas que constituem o seu referente externo.

Como o estudo tem referência na História Cultural, utilizaremos, como guia, o conceito representação que, segundo Schneider (2010), freia o entendimento do conceito como alguma coisa separada da materialidade, algo como representação mental, ideias desencarnadas, longe dos dispositivos que as põem em circulação. Para Chartier (2002, p. 17), as representações do mundo social, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, “[...] são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam”.

As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas (CHARTIER, 2002, p. 17).

Ao trabalhar com a teoria das representações proposta por Chartier, buscaremos compreender a relação de uma imagem presente com um objeto ausente, na medida em que, para o autor,

[...] a representação é instrumento de um conhecimento mediato que faz ver um objecto ausente através da sua substituição por uma <imagem> capaz de o reconstruir de o figurar tal como ele é. [...] Uma relação compreensível é, então, postulada entre o signo visível e o referente por ele significado [...] (CHARTIER, 2002, p. 20-21).

O conceito de representação permite perceber que existem campos de concorrência e de competições cujos desafios se enunciam em termos de poder e de dominação, o que nos encaminha a trabalhar também com o conceito de *lutas de representação* que, segundo Chartier (2002, p. 17), têm “[...] tanta importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção do mundo social, os valores que são os seus, e o seu domínio”.

Ainda guiada pelo conceito de representação, analisaremos os impressos delimitando o seu lugar como materialização de um projeto cultural que envolve

estratégias de circulação de saberes pedagógicos, local onde se encontram sínteses de múltiplas relações sociais que se depositam no texto. Isso porque acreditamos que “[...] a linguagem/discurso não revela o real” (VEYNE, 1998, p. 275), mas sim algo sobre o real, que são as práticas de representação.

Visualizar o material impresso como estratégia permite observá-lo como representação, mas representação que não está envolta por uma aura de neutralidade, pois segundo Chartier (2002), é preciso que se observe que essas representações são coletivas, o que pressupõe que estejam sempre em concorrência e em competição, o que faz com que se considere que são ‘matrizes de práticas construtoras do próprio mundo social’ (SCHNEIDER, 2003, p. 21).

A pesquisa busca, então, se contrapor à tendência de estudar o mundo dos impressos valorizando apenas o seu conteúdo, ou seja, uma leitura que se prende aos discursos veiculados, aos tipos de discursos e às relações entre eles. Características que se percebem com muita facilidade em um tipo de pesquisa histórica preocupada com o discurso fundador, ou empenhada em produzir repertórios, acreditando que a materialidade das práticas reside nos discursos.⁶

[...] esta história (cultural) deve ser entendida como o estudo dos processos com os quais se constrói um sentido. Rompendo com a antiga idéia que dotava os textos e as obras de um sentido intrínseco, absoluto, único – o qual a crítica tinha a obrigação de identificar – dirige-se às práticas que, pluralmente, contraditoriamente, dão significado ao mundo (CHARTIER, p. 27, 2002).

Certeau (2004, p. 71) declara que é “[...] impossível analisar o discurso histórico independente da instituição em função do qual ele se organiza silenciosamente”. Desse modo, é necessário, ao propor a análise da produção da obra de Loyola, perspectivar o lugar em que esse ator circulava, publicava e organizava o seu discurso, os outros atores com os quais ele se relacionava, as estratégias de acúmulo de capital simbólico que ele empregava, em função de quais interesses e os sistemas que utilizava para tornar públicas as suas representações.

Tendo publicado em um jornal pertencente a um partido que usava o periódico para divulgar seus ideais e representações, sobre o futuro do Brasil, escrito para em uma revista de Educação Física, publicada por uma empresa

⁶ Ver Schneider (2010).

comercial, que concorria com um periódico lançado pelo Exército e, ao mesmo tempo, atuado em algumas instâncias militares e administrativas do governo no campo da educação e da Educação Física, Hollanda Loyola nos aponta que não pertencia apenas a um ambiente. Pelo contrário, circulava em diferentes direções e sentidos, sem uma fronteira que delimitasse a sua totalidade. Para compreender o que ele almejava, ao ocupar concomitantemente diferentes espaços, procuramos nos guiar pelos conceitos de *estratégia* e *tática* de Michel De Certeau (2004).

Para Certeau (2004), quando almejamos estudar as representações, é fundamental balizarmos o uso que os grupos ou indivíduos fazem do conhecimento a que têm acesso. Observando essa assertiva, perceberemos que, apesar de diferentes indivíduos terem acesso a uma mesma ordem “dominante”, cada um constrói um procedimento de consumo, ora seguindo a disciplina, ora seguindo a antidisiplina. A construção desses diferentes procedimentos de consumo perpassam pelas estratégias e/ou táticas.

Certeau (2004, p. 46) chama de *estratégia*

[...] o cálculo das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder é isolável de um ‘ambiente’. Ela postula um lugar capaz de ser circunscrito como um *próprio* e portanto capaz de servir de base a uma gestão de suas relações com uma exterioridade distinta. A nacionalidade política, econômica ou científica foi construída segundo esse modelo estratégico.

Isso significa que aquele que, em um determinado momento ocupa um lugar de poder, com um ambiente próprio, utilizar-se-á da *estratégia* para manter-se no poder e convencer aqueles que estão na periferia do sistema a seguir a ordem vigente. Estando no poder, ele pode ditar regras, porém não pode se locomover amplamente, fazer diferentes alianças. Por outro lado, a *tática* é um

[...] cálculo que não pode contar com um próprio, nem portanto com uma fronteira que distingue o outro como totalidade visível. A tática só tem por lugar o do outro. Ela aí se insinua, fragmentariamente, sem apeendê-lo por inteiro, sem poder retê-lo à distância. [...]. o ‘próprio’ é uma vitória do lugar sobre o tempo. Ao contrário, pelo fato de seu não-lugar, a tática depende do tempo, vigiando para ‘captar no vôo possibilidades de ganho (CERTEAU, 2004, p. 46-47).

É se utilizando de *táticas* que aqueles localizados na periferia do sistema realizam seus movimentos, suas alianças, avanços e recuos, locomovendo-se amplamente, procurando os momentos oportunos para aproximar-se dos lugares de poder que almeja.

Outro aspecto que não poderemos deixar de lado na análise dos dados é o período em que Loyola publicou, o Pós-Revolução de 1930, e a forma como o Estado se organizava politicamente. É preciso ficar atento a essa condição do ator social, mas não que ela seja a chave interpretativa para o que ele fez, ou deixou de fazer, publicou e se calou nos seus escritos sobre a educação, a Educação Física e os esportes, como programa de reorganização da cultura brasileira. Pretendemos ver as ações desse ator, suas práticas de representações em um campo de disputas, suas práticas para o acúmulo de capital simbólico para se tornar autorizado a tratar dos temas da educação e da Educação Física.

Loyola publicou, aproximadamente, entre 1934 e 1944, período em que vivíamos um Estado autoritário, disposto a impiedosamente calar qualquer voz dissonante. É entre as décadas de 1930 e 1940 que temos a Era Vargas, quando o Estado se torna paulatinamente mais centralizador, a educação passando por profundas reformas e a industrialização, progressivamente, tornando-se uma realidade. Em relação à Educação Física e aos esportes, há mudanças, como a produção de leis tornando a Educação Física obrigatória no Ensino Secundário, a criação da Divisão de Educação Física (1937) como ação fiscalizadora e orientadora da Educação Física nos estabelecimentos de Ensino Secundário e a criação da Escola Nacional de Educação Física e Desportos (1939).

INVENTARIANDO OS USOS DE HOLLANDA LOYOLA NA EDUCAÇÃO FÍSICA BRASILEIRA

Um dos primeiros procedimentos utilizados para definir o foco da pesquisa relacionou-se com a revisão bibliográfica das produções em que Hollanda Loyola aparece como objeto ou fonte de estudo. Ao todo encontramos sete trabalhos: quatro artigos, duas dissertações e uma tese. Desses, apenas um utilizou Loyola

como objeto da pesquisa, os demais são estudos sobre revistas nas quais o referido ator aparece como redator, editor e diretor-técnico.

Começando pelos artigos, o primeiro deles foi publicado nas Atas do II Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação (1998) por Samuel de Souza Neto, sob o título *Profissão, história e sociedade: Hollanda Loyola e a educação física*.

O trabalho utiliza como fonte a revista *Educação Physica*, que circulou de 1932 a 1945, para levantar algumas questões sobre a produção de conhecimento e organização profissional da Educação Física nas primeiras décadas do século XX, já que almejava ser “[...] um órgão orientador da educação física nacional” (SOUZA NETO, 1998, p. 571). Caracterizando a revista, o autor dá especial destaque a Hollanda Loyola, pois entre os vários atores que a compuseram, “[...] Loyola é o personagem impar que vai dar luz a revista, vai defender as idéias da nação de forma viril e romântica e conclamar os afeccionados pela Educação Física a lutarem por uma nova profissão: mais organizada, séria e científica” (SOUZA NETO, 1998, p. 577).

Desse modo, apresenta, brevemente, quem foi Loyola, sua formação e trajetória profissional dentro da revista, para, em seguida, discutir o que esse ator defendia na “luta pela Educação Física”. Souza Neto indica que Loyola lutava: pelo reconhecimento da Educação Física na escola, como matéria obrigatória; para tecer o perfil do profissional da Educação Física que era ainda muito realizada por leigos; por salários mais justos para a classe, bem como por uma aposentadoria diferenciada das dos comerciários em tempo de serviço; pelo reconhecimento de um currículo mínimo para a profissão, cuja regulamentação dar-se-a em 1939, com o Decreto nº 1.212, que cria a Escola Nacional de Educação Física e Desportos e estabelece diretrizes para a formação profissional; pela formação de uma Associação para organizar a área que foi, posteriormente, fundada em 9 de abril de 1941.

Seis anos mais tarde, Souza Neto publica, no XVII Encontro Regional de História (2004), o texto *Educação Physica: revista de esporte e saúde: profissão, história e sociedade*. Apesar do título diferente, muito se assemelha com a publicação de 1998. A diferença básica é o destaque antes dado a Loyola no título, agora conferido à própria revista.

Mesmo tendo como objeto de estudo questões sobre a produção de conhecimento e organização profissional da Educação Física nas primeiras décadas do século XX, ao utilizar a revista *Educação Física* como fonte, Souza Neto visualiza a importância de Hollanda Loyola para a referida revista, bem como a relevância de seus escritos para as discussões correntes à época.

Os outros dois artigos são publicados em 2008 por alunos doutorandos em Santa Catarina (CED/UFSC) e São Paulo (USP). O primeiro, *Unidade de doutrina e pedagogia da educação física nos escritos de Hollanda Loyola (1939-1944)*, de Felipe Quintão de Almeida, é fruto dos estudos que Almeida vem desenvolvendo ao trabalhar com a revista *Educação Physica* como fonte de pesquisa. Trata da produção intelectual de Hollanda Loyola na revista *Educação Physica*, impresso no qual ocupou o cargo de diretor-técnico entre os anos de 1939 e 1944, consagrando-se como seu principal e mais produtivo redator. Faz um recorte na obra de Loyola dentro da revista, a fim de destacar o esmero na defesa de uma unidade de doutrina para a Educação Física brasileira, bem como a discussão que ele faz sobre o lugar da ginástica e do esporte nos programas de Educação Física escolar e sua Pedagogia.

Ao reconhecer o lugar que Hollanda Loyola conquista dentro do periódico *Educação Physica*, tanto na sua função de diretor-técnico como de redator e responsável por boa parte das publicações entre 1939 e 1944, Almeida realiza um primeiro esforço de investigar a obra de Loyola. Apesar de ter restringido essa investigação à revista, consideramos o trabalho desse autor importante por vislumbrar a relevância de Loyola nos debates sobre Educação Física nas décadas de 1930 e 1940.

O segundo artigo, *Educação física para mulheres inscritas nas fileiras integralistas da década de 1930*, de Renata Duarte Simões, advém dos seus estudos no mestrado e, mais à frente, veremos que culminará na sua tese de doutorado, também utilizada na nossa revisão bibliográfica. O objetivo dessa pesquisa é investigar a “política de corpo” feminino constituída e difundida nas páginas do jornal *A Offensiva*, elaborado pela Ação Integralista Brasileira – movimento que tinha a finalidade de “[...] educar, disciplinar e preparar seus membros tornando-os soldados destinados a defender a nação” (SIMÕES, 2008, p.1).

A opção por essa revista dá-se pela grande quantidade de artigos e colunas voltadas à educação e disciplinamento do corpo. Uma dessas colunas e boa parte dos artigos são de responsabilidade de Hollanda Loyola. Neles, ele escreve, dentre outros temas, sobre: a importância dos jogos coletivos para as mulheres integralistas; a importância do treinador/orientador com formação adequada, apesar de tentar indicar exercícios pelo jornal para aquelas mulheres que não têm acesso ao trabalho orientado; a importância de se pensar numa prática corporal específica para mulheres pelas suas particularidades fisiológicas, bem como separá-las por idade, pensando nas atividades apropriadas para cada idade; a importância das atividades físicas em todas as fases, desde a infância até a idade adulta, dando especial atenção à puberdade, por ser, para ele, a fase mais significativa, já que é o momento em que surgem as imperfeições que precisam ser corrigidas pela Educação Física; importância de promover a atração pelo exercício, o que era possível utilizando o Método Francês.

O trabalho de Simões acrescenta os dados até então encontrados sobre a produção de Loyola, pois indica seu destaque em outro meio de circulação de saberes, para além da revista *Educação Physica*, o jornal integralista *A Offensiva*. O novo dado de que Loyola defende os princípios integralistas e constrói seus conceitos de Educação Física possivelmente influenciados por essa doutrina nos aponta a necessidade de compreender sua trajetória de formação, os modelos culturais a que teve acesso na apropriação e uso que fez dos saberes na construção de sua obra.

Tendo *A Offensiva* circulado entre os anos de 1934 e 1938, subentendemos que Loyola iniciou suas publicações em 1934, quatro anos antes de entrar para a revista *Educação Physica*, o que amplia, então, o recorte temporal de sua obra.

Revisados os artigos, vamos as duas dissertações. Estas não tratam diretamente de Hollanda Loyola, mas utilizam como objeto (SCHNEIDER, 2003) e fonte (BERTO, 2008) a revista *Educação Physica*, na qual se encontra a maior parte das publicações de Loyola (cerca de 130 trabalhos), bem como o periódico no qual foi diretor-técnico e editor.

A dissertação de Schneider *A Educação Physica (1932-1945): estratégias editoriais e prescrições educacionais*, desenvolvida na PUC – São Paulo – em 2003, tratou de estudar a revista *Educação Physica* como objeto cultural, campo de

disputas e lutas de representação. Para isso, analisou a revista prestando atenção à sua forma, às estratégias e aos dispositivos editoriais que permitem que o impresso circule nos anos entre 1932 e 1945; examinou a fórmula editorial da revista, as intervenções editoriais, procurando explicitar os dispositivos empregados para o impresso se caracterizar como periódico comercial e, ao mesmo tempo, ser de destinação pedagógica; e, por fim, apresentou a revista como um projeto cultural, um projeto de modificação de costumes, almejando sempre ser reconhecida como a “voz autorizada” da Educação Física no Brasil.

Nessa análise detalhada da revista, o estudo destaca a importância da entrada e permanência de Loyola no período de maior estabilidade do periódico (terceira fase 1938-1941), até um ano antes da extinção da revista.

Schneider afirma que várias foram as modificações adotadas durante a terceira fase da revista, mas o êxito dessa fase dá-se pela entrada de Loyola, primeiramente na função de redator no nº 33 (1939), para, depois, no número seguinte, assumir a direção técnica do periódico. É a partir desse momento que se percebe, na revista, a presença de mais artigos assinados do que não assinados. Loyola mesmo, durante o período em que se tornou diretor, foi a pessoa que mais publicou no periódico. Desse modo, tornou-se também o principal redator do impresso, constituindo-se, assim, a pessoa que mais utilizou a revista para se tornar conhecido e produzir seus livros. Além de muito publicar suas matérias, Loyola também se utilizou da revista para divulgar seus livros na Biblioteca Esportiva, livros esses que ganharam prêmios nacionais e, segundo os editores, até internacionais.

A dissertação de Rosianny Campos Berto *Regenerar, civilizar, modernizar e nacionalizar: a educação física e a infância em revista nas décadas de 1930 e 1940*, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal do Espírito Santo, em 2008, trata das representações e lutas entre as revistas *Educação Física* (do Exército) e *Educação Physica* acerca do modelo de escolarização da infância entre as décadas de 1930 e 1940, investigando como os conhecimentos que circundavam a educação da infância eram abordados pelos diferentes grupos de intelectuais que projetavam a Educação Física nesse período.

Em seu estudo, Hollanda Loyola ganha destaque por estar diretamente relacionado com o aumento das publicações envolvendo a Educação Física Infantil na revista *Educação Physica*. Entre os anos de 1932 e 1935, a revista teve apenas

quatro publicações sobre Educação Física Infantil. A partir da entrada de Loyola na revista (1939), esse número subiu consideravelmente, chegando a constar 18 a 25 artigos de 1939 até 1942. Em boa parte deles, Loyola aparece como responsável.

A presença de Loyola na produção da *Educação Physica* significou uma grande circulação de artigos que tinham como cerne as preocupações com a infância. Preocupações dele mesmo, já que era o autor que mais escrevia sobre esse tema para o periódico.

Dentre as preocupações de Loyola, Berto (2008) destaca: defendia uma Educação Física específica para as crianças, por ter essas características particulares; acreditava que as finalidades da Educação Física deveriam ser firmadas de acordo com o desenvolvimento moral e físico das crianças, sempre com ênfase no jogo, de acordo com os princípios do Método Francês, e segundo pressupostos da psicologia; destacava sempre a importância da “liberdade e interesse” das crianças nas aulas; lutava pela boa formação dos professores para atuar de maneira consciente e correta com as crianças; e, para além do espaço escolar, enfatizava a importância da educação no lar, colocando-a como a primeira grande escola da criança, além de apresentar programas para essas crianças que ainda não frequentam a escola (zero a três anos). São espécies de massagem que os pais podem realizar com seus filhos. Em 1941, dedica um artigo exclusivamente a essa questão, intitulado *Ginástica para o bebê*.

Mesmo não tendo Loyola como objeto de estudo, essas dissertações reafirmam a sua relevância na revista *Educação Physica*, a amplitude das temáticas que abordava, além de indicar uma nova forma em que divulgava sua obra, os livros publicados por meio de um projeto editorial da revista.

Por fim, a nossa revisão bibliográfica conta com a tese de Renata Duarte Simões, fruto de estudos que já vem desenvolvendo utilizando como fonte o jornal *A Offensiva*. Um desses estudos, publicado em 2008, já foi acima destacado.

Sua tese, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de São Paulo, em 2009, sob o título *A educação do corpo no jornal A Offensiva (1932-1938)*, trata da “educação de corpo integralista” elaborada e difundida, nas páginas do jornal *A Offensiva*, pela Ação Integralista Brasileira, com a

finalidade de educar, disciplinar e preparar seus membros, formando-os “[...] soldados obstinados a defender a nação” (2009, p. 19).

Estudando o jornal de 1932 a 1938, Simões destaca Loyola como o escritor com o maior número de textos publicados em *A Offensiva*, além de assinar uma coluna própria *Chronica do dia* (crônica esportiva com orientações sobre a prática de esportes, notícias dos clubes esportivos, de campeonatos, entre outros). O destaque de Loyola no jornal lhe conferiu o título de Chefe de Campo da Milícia. Em 1935, foi elogiado em público pelo Chefe do Estado Maior pelo seu trabalho no comando dos camisas-verdes, refletido na demonstração de disciplina e entusiasmo da Milícia.

Loyola escreveu no jornal sobre, os fins da Educação Física (corretivo, dando normalidade e capacidade às funções orgânicas; obtenção de saúde, força e resistência; preparação para a vida; “eugenia” e os diferentes nomes atribuídos à Educação Física (Educação Physica, Gymnástica, Cultura Physica), explicando por que, para ele, Educação Physica é o mais adequado. Também trabalha a distinção entre Educação Física e Esporte; discorre sobre a necessidade da Unidade de Doutrina na Educação Física brasileira; acredita que o Brasil deve ter um método próprio que atenda às suas demandas, mas que esse deve ser discutido cautelosamente dentro de um “Plano Geral” e, enquanto ele não fica pronto todos, deveriam seguir um mesmo método, que seria o Francês por ser este o oficial até então; defende, ainda, a especificidade da Educação Física por idade e sexo.

Fica evidenciado, nos sete trabalhos revisados, que Hollanda Loyola construiu uma ampla obra durante a década de 1930 e 1940, publicando sobre diferentes temáticas em mais de um espaço de circulação de saber. O que sabemos sobre esse ator e sua obra se resume, entretanto, aos dados dos trabalhos acima indicados.

Como os estudos não tiveram, a princípio, o objetivo de investigar a produção ou a vida de Hollanda Loyola, englobando os diferentes espaços em que circulou, mas promover discussões travadas em periódicos publicados nas décadas de 1930 e 1940, o que temos são dados que se assemelham a “cartas soltas embaralhadas” que nos permitem vislumbrar que Loyola muito pode ter contribuído na História da Educação Física Brasileira, mas, ao mesmo tempo, geram questionamentos maiores, dentre outros: quem foi esse ator social? Qual a sua trajetória de formação? Quais as suas contribuições nas reflexões pedagógicas e prescrições

educacionais para a Educação Física, nas décadas de 1930 e 1940? Como é retratada a educação da infância na obra de Loyola? A partir de quais abordagens justificava a necessidade da Educação Física Infantil? Como ele a organizava pedagogicamente a fim de contemplar as especificidades das crianças?

Esses e outros questionamentos nos encaminhavam a um estudo que não mais partisse de outros objetos para chegar a Hollanda Loyola, mas sim desse ator social para chegar à discussão de questões mais pontuais, como a construção histórica de uma Pedagogia para a Educação Física, em especial a Educação Física Infantil, nas décadas de 1930 e 1940. Utilizando como referencial a História Cultural, nosso objeto de estudo passa a ser as representações construídas por Loyola na sua trajetória de formação e estudos sobre a Educação Física, em especial, a Educação Física Infantil.

Diante do exposto, são nossos objetivos:

- a) compreender quem foi o ator conhecido como Hollanda Loyola;
- b) refletir quais as suas contribuições nas reflexões pedagógicas e prescrições educacionais para a Educação Física, nas décadas de 1930 e 1940;
- c) investigar a representação de infância na obra de Loyola, procurando compreender a partir de quais abordagens justificava a necessidade da Educação Física Infantil e como a organizava, pedagogicamente, a fim de contemplar as especificidades das crianças.

PLANO DE EXPOSIÇÃO

O estudo foi organizado em três capítulos, nos quais buscamos analisar as práticas de representação e apropriação de Hollanda Loyola e interpretar como se dava a construção pedagógica para a Educação Física Escolar durante as décadas de 1930 e 1940, em especial, aquela projetada para educar a infância.

No primeiro capítulo, realizamos a crítica documental de cada uma das fontes utilizadas, conceituando essas fontes, determinando o seu lugar de produção, especificando seus usos (quem já usou, quando e com quais finalidades). Isso nos

remete ao local de produção das fontes (impressos) e, conseqüentemente, à produção e circulação dos saberes que estão naquele momento sendo desenvolvidos para significar a Educação Física na sociedade brasileira.

No segundo capítulo, investigamos a trajetória de formação de Hollanda Loyola, buscando, dentro dos limites da pesquisa, reconstituir as situações-problema com as quais se defrontou nosso objeto, bem como compreender o seu trabalho como autor e editor ao se empenhar na construção de uma teoria para a Educação Física no século XX.

Por fim, o terceiro capítulo atentou em mapear e discutir a contribuição de Hollanda Loyola às reflexões pedagógicas e prescrições educacionais para a Educação Física Escolar, em especial, a Educação Física Infantil. Trabalhamos essas temáticas almejando situar a produção e entender a fórmula que Loyola emprega para fazer circular alguns saberes na Educação Física brasileira entre as décadas de 1930 e 1940.

1º CAPÍTULO

1 ANÁLISE E PROBLEMATIZAÇÃO DAS FONTES

Expostas as ideias iniciais do que trata o estudo, vamos, neste capítulo, realizar a crítica documental das fontes que nos auxiliarão na aproximação com a obra de Hollanda Loyola (publicada entre os anos de 1934-1944), suas representações e contribuições para a História da Educação e da Educação Física.

Para Nunes e Carvalho (1993), uma das primeiras providências do historiador numa pesquisa consiste no ato de separar as fontes que acredita que sejam pertinentes para o desenvolvimento do estudo:

[...] a história começa com gestos de separação, reunião e transformação em 'documentos', de certos objetos que ganham nova distribuição num certo espaço. O trabalho do pesquisador começa quando, a partir desse campo já produzido, opera novos recortes, alocações e redistribuição dos documentos, a partir de ações que visam estabelecer 'suas fontes' e criar a configuração e um espaço específico de investigação, a partir de uma redefinição epistemológica que inclui o trabalho com os conceitos e o tratamento e a interpretação documental (NUNES; CARVALHO, 1993, p. 27).

No exercício de selecionar as fontes, utilizamos a revisão bibliográfica e um mapeamento.⁷ Esses recursos nos apontam que Loyola publicou, aproximadamente, entre os anos de 1934 e 1944 (ano de seu falecimento), em três diferentes locais de veiculação e circulação de saberes: jornal, revista e livros. De 1934 a 1938, escreveu para o jornal integralista *A Offensiva*, primeiro com matérias avulsas para, posteriormente, ter uma coluna própria em que publicava diariamente. De 1938 a 1944, passa a se dedicar à revista *Educação Physica*, da qual se torna diretor-técnico e principal redator, responsável pelo maior número de artigos durante o período auge da revista. Desta emergência também seus 13 livros publicados pela Cia. Brasil Editora.

⁷ Mapeamos, via internet, livros e impressos os locais e período de publicação de Hollanda Loyola.

Para compreendermos a obra de Hollanda Loyola, selecionamos, desse modo, como fontes para este estudo, as publicações do autor no jornal *A Offensiva*, na revista *Educação Physica* e em sete dos seus 13 livros.

Tanto o jornal quanto a revista caracterizam-se como impressos periódicos⁸ que, segundo Carvalho, citada por Schneider (2010), é um tipo de fonte vista nas últimas décadas como uma alternativa viável para se analisar o campo pedagógico, já que, por meio desse objeto, podemos “[...] produzir uma História da Educação menos centrada na figura de grandes personalidades e dos atos oficiais e mais centrada na investigação de iniciativas editoriais em que diferentes grupos pugnam distintos projetos” (SCHNEIDER, 2010, p. 32).

Apesar da crescente valorização e utilização dos impressos como fonte nas pesquisas históricas, até a década de 1960, ainda era relativamente pequeno o número de trabalhos que se valiam de jornais e revistas como fonte para o conhecimento da História da Educação no Brasil. Muito por conta de certa tradição na História que buscava a verdade dos fatos, utilizando métodos de crítica textual precisa, valendo-se de fontes marcadas pela objetividade, neutralidade, fidedignidade, credibilidade, além de distanciadas do seu próprio tempo.

Segundo Luca (2005, p. 112), na hierarquia que se estabelece dos documentos utilizados como fonte, “[...] os jornais pareciam pouco adequados para a recuperação do passado, uma vez que essas ‘enciclopédias do cotidiano’ continham registros fragmentários do presente, realizados sob o influxo de interesses, compromissos e paixões. Por muito tempo, a imprensa foi utilizada apenas como fonte confirmadora de análises apoiadas em outros tipos de documentação, com deslocamento da palavra, linha ou texto inteiro da sua realidade”.

⁸ Caracterizam-se como impressos por serem “[...] papel estampado com caracteres tipográficos ou gravuras; coisa impressa; trabalho produzido numa impressora a mão ou a máquina; impressão de símbolo, marca ou timbre de uma instituição (papel timbrado); texto de divulgação entre muitas pessoas; circular; prospecto; catálogo; folheto; opúsculo; obra tipográfica; disponível para comercializar (FARIA; PERICÃO, 2008, p. 392). E como periódicos porque “[...] são publicações editadas em fascículos, com encadeamento numérico e cronológico, aparecendo a intervalos regulares ou irregulares, por um tempo indeterminado, trazendo a colaboração de vários autores, sob a direção de uma ou mais pessoas, mas geralmente de uma entidade responsável, tratando de assuntos diversos, porém, dentro dos limites de um esquema mais ou menos definido” (SOUZA, apud SCHNEIDER, 2010, p. 32).

Essa reflexão começa a ser criticada na década de 1930 pela chamada Escola dos *Annales*,⁹ apesar de ainda, por alguns anos, a imprensa continuar sendo pouco valorizada. Isso passa a mudar de fato no final do século XX, quando a terceira geração dos *Annales*¹⁰ propunha novos objetos, problemas e abordagens, valendo-se de outras ciências humanas (Sociologia, Antropologia, Semiótica, dentre outras). Essas, além de proporcionar a interdisciplinaridade, traziam novas proposições metodológicas e o alargamento das temáticas.

Com a Nova História, ou História Cultural, até a própria concepção de documento e sua crítica são alterados, passando, os periódicos (dentre outros documentos), a serem reconhecidos como fonte privilegiada fornecedora de novas interpretações para a História da Educação e produtora de uma nova historiografia.

Nóvoa (1997) destaca três relevantes razões da importância de se trabalhar com a imprensa periódica. Primeiramente, indica que a análise da, ou por meio da, imprensa permite apreender discursos que “[...] articulam práticas e teorias, que se situam no nível *macro* dos sistemas mas também no plano *micro* da experiência concreta, que exprimem desejos de futuro ao mesmo tempo que denunciam situações do presente” (p. 11).

A segunda característica única e insubstituível dos jornais e revistas é que “[...] se definem pelo seu caráter fugaz e imediato, inscrevendo-se freqüentemente numa lógica de reação a acontecimentos ou a idéias, a normas legais ou a situações políticas” (NÓVOA, 1997, p. 13).

A terceira razão para se trabalhar com impressos periódicos é a que eles permitem ultrapassarmos a mera história das ideias e nos aproximarmos do conceito de representação defendido pela História Cultural, já que, para Nóvoa (1997, p. 13):

⁹ A expressão *nouvelle histoire* designa a história sob a influência das ciências sociais, que começou a ser elaborada a partir do debate entre sociólogos, filósofos, geógrafos e historiadores, no início do século XX, e se corporificou na revista de história *Annales d'Histoire Economique et Sociale*, fundada em 1929, por Lucien Febvre e March Bloch. O projeto *Annales* era tanto epistemológico como institucional. Representou uma renovação teórico-metodológica e utópica em relação à história tradicional porque esses autores teriam produzido, sob a influência das ciências sociais, uma nova representação do tempo histórico. Por meio dos *Annales*, a História se renovou teórico-metodologicamente de forma profunda, deixando de se interessar pelos grandes homens e grandes eventos; e, por conta da mudança no tempo, renovam-se as técnicas, os métodos e as fontes, bem como os documentos utilizados (Ver REIS, 2000).

¹⁰ A Escola dos *Annales* passou por diversas fases (dependendo do autor), mas a divisão mais comum é a que a separa em três diferentes fases: primeira fase (1929-1946): Febvre, Bloch e a renovação da História com a revista *Annales d' Histoire Economique et Sociale*; segunda fase (1946-1968): a consolidação do novo programa teórico e projeto de poder; e terceira fase (1968-1988): a *nouvelle histoire* (Ver REIS, 2000).

[...] a imprensa é o lugar de uma afirmação em grupo e de uma permanente regulação coletiva, na medida em que 'cada criador está sempre a ser julgado, seja pelo público, seja por outras revistas, seja pelos seus próprios companheiros de geração.

Desse modo, não tratamos mais de reconstruir uma ou outra ideia dos pensadores, mas de passar a interrogá-las dialogando com o presente e compreendendo sua relação como linguagens de poder. Vilela (2004, p. 417) afirma que trabalhar com impresso permite ao estudioso de História da Educação “[...] conhecer e analisar, por exemplo, as lutas por legitimidade travadas pelos agentes produtores dos periódicos na organização dos sistemas de ensino e na instauração de práticas escolares exemplares”.

Nesse sentido, para Schneider (2010, p. 33) a utilização do impresso como objeto de estudo possibilita o “desinrigecer da História da educação no Brasil” por voltar-se

[...] o foco sobre as ações dos grupos e dos indivíduos que, na disputa por ser a voz autorizada sobre as questões educacionais, produzem esses dispositivos como forma de levar a um público leitor os saberes que acreditavam ser os mais adequados para a atuação docente dos professores.

Perceber o impresso periódico como local onde um grupo expõe as ideias que defende, na luta pelo poder e legitimidade, ao mesmo tempo em que amplia nosso olhar sobre “velhos objetos”, nos atenta também que, ao trabalhar com periódicos, devemos ponderar sempre a questão da neutralidade, afinal, mais do que veicular e circular informações sobre um acontecimento, a imprensa ajuda a dar forma ao que por ela é registrado. Possui condições de moldar “os olhares”, uma vez que interpreta para o leitor o “acontecido” (DARNTON, 1996). Nesse sentido, Bahia, citado por Schneider (2010, p. 23) afirma que, por intermédio da imprensa, se busca forjar a opinião pública, pois os editores consideram que “[...] o público se orienta, quase sempre decide e raciocina não pelas coisas em si, mas pela feição que lhes damos, pelos sinais que a mídia lhes atribui”. Isso nos aponta que o poder é, antes de tudo, a luta pela opinião pública, pelo convencimento de uma comunidade de leitores das ideias defendidas por um grupo de editores.

Guiados pelas ideias de representação defendidas por Chartier (2002), visualizamos o material impresso então como estratégia, o que nos permite observá-lo como representação de um grupo, ou seja, coletiva, o que pressupõe a ausência de neutralidade. Para Bloch (2001, p. 83),

[...] a despeito do que às vezes parecem imaginar os iniciantes, os documentos não surgem aqui ou ali, por efeito [de não se sabe] qual decreto dos deuses. Sua presença ou ausência em tais arquivos, em tal biblioteca, em tal solo deriva de causas humanas que não escapam de modo algum à análise, e os problemas que sua transmissão coloca, longe de serem apenas o alcance de exercícios técnicos, tocam eles mesmos no mais íntimo da vida do passado, pois os que se encontra assim postos em jogo é nada menos do que a passagem da lembrança através das gerações.

Isso nos remete a Le Goff (2003, p. 538) e às suas reflexões sobre documento/monumento. Para esse autor, documento é monumento “[...] resultado do esforço das sociedades históricas para impor ao futuro – voluntária ou involuntariamente – determinada imagem de si próprias”.

Luca (2005) defende ser crucial a discussão de problemas dessa natureza para que a utilização dos periódicos como fonte não se limite à exata ou inexata narração de fatos, numa mistura do imparcial e do tendencioso, do certo e do falso. Para lidar com a ausência de neutralidade, Luca (2005, p. 116), endossa as palavras do historiador Pierre Renouvin que

[...] insistia na importância crucial de se inquirir a respeito das fontes de informação de uma dada publicação, sua tiragem, área de difusão, relações com instituições políticas, grupos econômicos e financeiros, aspectos que continuavam negligenciados seja pelos historiadores que recorriam à imprensa, seja pelos que se dedicavam a escrever a sua História.

Desse modo, cabe ao historiador, ao realizar a crítica documental dos impressos periódicos, compreender as condições de produção dos documentos, seus usos e sua relação com os outros documentos que são produzidos no mesmo período ou anteriormente a eles (SCHNEIDER, 2007).

Outro cuidado para quem trabalha com periódicos é fornecido por Chartier (2009), quando este nos instiga a refletir até que ponto conseguimos interpretar a

ideia original de um autor numa revista ou jornal, já que até a publicação muito do texto original é mudado.

Para mudar a fronteira traçada entre as produções e as práticas mais comuns da cultura escrita e da literatura, considerada como um âmbito particular de criações e de experiências, é necessário aproximar o que a tradição ocidental distanciou perpetuamente: de um lado, a compreensão e o comentário das obras; e de outro, a análise das condições técnicas ou sociais de sua publicação, circulação e apropriação. Essa dissociação tem várias razões: a permanência da oposição entre a pureza da idéia e sua inevitável corrupção pela matéria (CHARTIER, 2009, p. 38-39).

As indicações acima expostas por Luca (2005) e Chartier (2009) nos auxiliam para que possamos, dentro dos parâmetros do estudo, utilizar com êxito as fontes que selecionamos. Em vez de deixar essas questões passarem despercebidas, o que importa é identificar a maneira como elas se constroem em cada momento histórico e explorá-las dentro desses parâmetros.

Além dos impressos periódicos (jornal e revista), utilizaremos também, como fonte, os livros publicados por Loyola pela Cia. Brasil Editora. Na realização da pesquisa, verificamos que a natureza de um livro se diferencia um pouco dos periódicos. Nesses, os conteúdos aparecem mais como notícias rápidas, opiniões sobre determinados acontecimentos de um momento histórico, sempre renovados, semanalmente ou até diariamente. Permitem um tipo de leitura fragmentada, não contínua e por vezes seletiva. Não são matérias que temos o hábito de guardar, arquivar, utilizar como fonte para constante consulta. Já o livro é a escrita de algo mais consolidado que, pela sua materialidade (mais resistente, com capa mais sólida para protegê-lo), poderá ser guardado para se utilizar no dia a dia, ou para leituras futuras. Um livro geralmente é resultado de pesquisas, estudos, reflexões e considerações de algo que um autor quer compartilhar com um determinado grupo e área, diferente dos periódicos que são sempre a manifestação de um grupo.

Rocha, citada por Martins (2001, p. 46), ao contrapor a revista ao livro, auxilia-nos a visualizar as especificidades desses dois meios de circulação de ideias. Para ele, a revista

[...] é um tipo de publicação que, depois de *re-vista*, se abandona, amarelece esquecida, ou se deita fóra. Enquanto objeto material, a revista distingue-se do livro por ser mais efêmera: só os bibliógrafos, os estudiosos

e certos interessados pelas letras e pelas artes guardam a revista. Essa efemeridade [...] tem a ver com a sua solidez material. Enquanto o livro dura [porque é mais resistente, tem uma capa sólida a protegê-lo, a revista é [pode ser] mais frágil em termos de duração material. [...] é normal que o livro tenha reedições, e já não o é tanto que apareça uma segunda edição duma revista. Ainda outra característica: uma revista é em geral menos volumosa do que um livro. E, *last but not least*, uma revista é quase sempre a manifestação duma criação de grupo: ao contrário do livro que, salvo algumas excepções, costuma se produzido por um só autor. [...].

Ao trabalhar com três diferentes meios de veiculação e circulação de saberes, temos que ter claras suas especificidades para que a significação dos textos de Loyola neles inseridos seja analisada com êxito. Dessa forma, Camargo (2005, p. 81) esclarece:

O jornal cotidiano, factual, restringe-se às informações obtidas ao longo de mais ou menos 24 horas; a revista, por seu turno, meio de sociabilidade por excelência é, *a priori*, um espaço de confrontação de autores, de homens, de um pensador com seu tempo. O artigo de revista procura apreender a atualidade para fazer dela seu objeto de reflexão e também de ação. De outro lado está o livro, expressão da personalidade de seu autor e que relata, em geral, uma trajetória ímpar, singular.

Schneider (2007), seguindo as discussões de Anne-Marie Chartier (2002) sobre o sentido da noção de dispositivo,¹¹ destaca que não podemos deixar de nos atentar para os locais/dispositivos de circulação onde determinadas ideias são veiculadas, pois “[...] todo dispositivo é dispositivo de controle, assim, projetando-se como meio pelo qual se podem perceber estratégias sendo desenvolvidas segundo relações de forças que sustentam tipos de saber e que são sustentadas por eles” (p. 44). Desse modo, passamos a compreender um pouco mais cada um dos dispositivos em que Loyola publicou. Começamos pelo jornal *A Ofensiva*, passando pela revista *Educação Physica*, terminando por seus livros publicados pela Companhia Brasil Editora.

¹¹ Tratamos aqui, como dispositivos, os meios pelos quais são circuladas as ideias de Hollanda Loyola. No caso, o jornal *A Ofensiva*, a revista *Educação Physica* e seus livros.

1.1 O JORNAL A OFFENSIVA

Entre os anos de 1934 e 1938, Hollanda Loyola escreve sobre temas pertinentes à área da Educação Física no jornal integralista *A Offensiva*. Apesar de nosso foco e recorte temático centrar-se em Loyola, concordamos com Cavalcante (2002), quando nos alerta para a necessidade de perceber o local de publicação do autor. Para compreender o autor, é preciso também compreender o local em que ele faz circular sua produção. Nesse caso, entender o jornal *A Offensiva* ajuda a refletir sobre a obra de Hollanda Loyola.

O recorte temático não significará, contudo, que a totalidade dos conteúdos inscritos nas páginas do jornal deixe de ser observada, considerando que é justamente o confronto entre a particularidade eleita pelo pesquisador e o universo global dos acontecimentos, que permite compreender o lugar e o valor dos fatos específicos nele pesquisados (CAVALCANTE, 2002, p. 3).

Ademais, Le Goff (1993, p. 54) explica que a construção de qualquer objeto na História deve vir acompanhada de uma análise crítica contextualizada, pois

O documento não é inocente, não decorre apenas da escolha do historiador, ele próprio é parcialmente determinado por sua época e seu meio; o documento é produzido consciente ou inconscientemente pelas sociedades do passado, tanto para impor uma imagem desse passado, quanto para dizer 'a verdade'.

A utilização do jornal como fonte, segundo Alves e Silva (2011), mostra-se interessante porque os jornais captam a visão da sociedade da época (ou parte dela) sobre o objeto estudado, com um meio extremamente expressivo das ideias e valores de um tempo, possibilitando apreender as concepções daquele momento sobre o tema em questão de um modo mais ágil, informal, percebendo novos aspectos sobre a organização da vida na cidade e sua articulação com o trabalho e o processo educativo.

O fato de o jornal ser um tipo de publicação semanal ou até mesmo diária permite também um parecer do que acontecia numa determinada época, bem como a reação do povo, das elites e de quem mais tinha contato com o periódico. Por

exemplo, como reagiram todos ao Golpe do Estado Novo, aos acontecimentos da Segunda Guerra Mundial dentre outros. Esse *feedback* que o jornal, por ser mais instantâneo, permite é fundamental para que possamos ampliar a nossa história, desenrígendo-a e permitindo que uma nova história com outros pontos de vista seja construída.

Os autores Silva e Franco (2010, p. 2) apontam que a ampliação das fontes, o que inclui a “[...] a palavra impressa em livros, revistas, jornais e panfletos intensificou a divulgação do saber, de ideologias, ampliou o universo da ficção, colocou em circulação um saber que até então estava restrito às bibliotecas e a um grupo limitado de pessoas”. Com as revistas, jornais e panfletos, as notícias e os saberes chegam aos mais diferentes grupos num espaço imperativamente oficial, formando uma “[...] comunidade de leitores ouvintes que alimentam-se das idéias e debates surgidos naqueles círculos, provavelmente alterando as formas de relacionamento que provocaram a distribuição de pensamentos novos” (GIGLIO, 1995, p. 52).

Ainda sobre as possibilidades do trabalho com jornais, Hobsbawm citado por Cavalvante (2002, p. 1), pondera:

À medida que o historiador do século XX se aproxima do presente, fica cada vez mais dependente de dois tipos de fonte: a imprensa diária ou periódica e os relatórios econômicos e outras pesquisas, compilações estatísticas e outras publicações de governos nacionais e instituições internacionais [...]. Nenhuma história das mudanças sociais e econômicas ocorridas neste século poderia ser escrita sem essas duas fontes.

Como toda fonte histórica, os jornais também possuem seus limites, os quais precisamos conhecer para não cairmos em erros metodológicos, e podermos absorver ao máximo o que o jornal tem a contribuir na nossa pesquisa.

Primeiramente, tomar o jornal como fonte não significa pensá-lo como receptáculo de verdades;

[...] ao contrário, o que se propõe é pensá-lo a partir de suas parcialidades, a começar pela observação do grupo que o edita, das sociabilidades que este grupo exercita nas diferentes conjunturas políticas, das intenções explícitas ou sutis em exaltar ou execrar atores políticos. Em outras palavras, observar as múltiplas vinculações que a fonte tece com o meio

propicia ao pesquisador olhar os documentos e decodificá-los a partir de seus usos e finalidades (SILVA; FRANCO, 2010, p. 5).

Sendo assim, independentemente do jornal, devemos utilizar esse periódico sem perder de vista que ele nunca deve ser tomado com efeito de verdade, mas sim como as representações que grupos sociais fazem sobre si mesmos e sobre a realidade que os cercam.

Por conseguinte, muitas pessoas duvidam do valor dos jornais como fonte de pesquisa histórica, alegando a interferência das ideologias ao noticiar. De fato, as ideologias perpassam todas as páginas de qualquer jornal, mas não só dos jornais. As ideologias integram todos os processos de produção e divulgação de ideias, no caso, revistas, livros, folhetos, etc. Estranho seria se os jornais fossem isentos ou neutros. Cavalcante (2002, p. 4) nos sugere, entretanto, que o

[...] cuidado metodológico a ser tomado pelo pesquisador é no sentido de uma tomada de consciência acerca da presença inevitável das ideologias no interior de qualquer jornal. Fazendo isso, ele poderá, inclusive, melhor entender certas contradições que freqüentemente encontrará no tratamento dado pelo jornal a um mesmo acontecimento.

O que temos que ter claro, segundo Borges (apud Passetti, 2011), é que a imprensa tem o papel fundamental na formação de opiniões, expressando os projetos político-ideológicos de um grupo, procurando sedimentar tais ideias dentro da sociedade, transformando seus interesses em interesses gerais. Desse modo, não podemos deixar de lado, nas análises, que os jornais “[...] não são vistos como fontes objetivas de verdade histórica, mas como esclarecedores de parte dessa verdade, exatamente através da subjetividade implícita num órgão de imprensa não meramente informativa e sim formativa de opinião”.

Além disso, não podemos esquecer que, dentro do próprio jornal, existem forças que impõem, direta ou indiretamente, aquilo a que nós, leitores, teremos acesso. “Uma guerra silenciosa é travada e cada número publicado significa uma vitória. O que vem à tona, materializando-se textualmente, é apenas parte do que precedeu a batalha” (GIGLIO, 1995, p. 70).

Por fim, outra orientação para esclarecer esses e demais questionamentos e dúvidas que surgem no interior de uma pesquisa com jornais é

[...] supor a busca de um equilíbrio entre o suporte teórico que orienta o olhar do pesquisador e a dimensão empírica contida na notícia do jornal. De todo modo, a qualidade de um trabalho historiográfico estará garantida, quando um ponto de equilíbrio entre a teoria e empiria for alcançado; sem isto, não há como despertar interesse pelo que faz o historiador no terreno da educação ou de qualquer outra área do conhecimento (CAVALCANTE, 2002, p. 8).

O jornal *A Offensiva* foi lançado em 1934, na cidade do Rio de Janeiro, e extinto em 1938, em decorrência dos acontecimentos¹² subsequentes à extinção dos partidos políticos (dentre eles a AIB) determinada no início do Governo de Getúlio Vargas.

Assim como outros periódicos da época,¹³ *A Offensiva* desempenhou importante papel na divulgação da doutrina integralista. Segundo Oliveira (2011, p. 29), “Falar em jornais integralistas é quase o mesmo que falar na história do próprio integralismo nos anos de 1930”, já que o movimento surgiu por meio das páginas de um jornal e, à medida que se desenvolve, editam-se proporcionalmente mais jornais.

Utilizando-se dos inúmeros avanços tecnológicos ocorridos entre as décadas de 1930 e 1940, que possibilitaram a ampliação dos meios de comunicação de massa, os integralistas colocaram entre suas prioridades a propaganda política de massa por meio da palavra impressa.

¹² “Ao início do Governo ditatorial de Getúlio Vargas, todos os partidos políticos foram suprimidos; juntamente com eles, a Ação Integralista Brasileira, que havia obtido o registro de partido político em setembro de 1937 junto ao Superior Tribunal de Justiça Eleitoral. Em função da dissolução dos partidos políticos, a AIB, adaptando-se aos novos tempos, transformou-se novamente em sociedade civil, com a denominação de Associação Brasileira da Cultura (ABC), assim permanecendo até 1938, quando Vargas iniciou uma campanha contra o integralismo, com prisão e exílio de seus líderes [...]. Em 1938, todos esses acontecimentos acarretaram mudanças explícitas em *A Offensiva* e, posteriormente, seu desaparecimento” (SIMÕES, 2009, p. 23).

¹³ Segundo Oliveira (2011, p. 29), “No período de existência legal do movimento integralista foram editados cento e trinta e oito jornais oficialmente ligados ao movimento, sendo dois de circulação nacional, trinta de circulação regional e cento e seis de circulação local ou nuclear”. Dentre esses jornais, podemos citar: *O Integralista*, *Monitor Integralista*, *A Offensiva*, *Estatutos da Ação Integralista Brasileira*, *Manifesto de Outubro*, dentre outros. “Além dos jornais, os integralistas utilizaram revistas como ferramentas ideológicas. Apesar do número reduzido de títulos, atingiram um número elevado de militantes em todo país” (p. 43). Destacam-se, entre as revistas: *Anauê*, *Panorama*, *Sigma*, *Brasil Feminino* e *Única*.

Em meio ao mosaico de organizações que atuaram na esfera partidária do País durante a década de 1930, a AIB foi o partido que soube utilizar de maneira mais ampla e diversificada os meios de comunicação como ferramenta de legitimação de seu ideário e de suas matrizes políticas. Para se distinguir entre as outras organizações partidárias, os ‘camisas-verdes’ utilizaram um amplo leque de materiais, entre eles: jornais, revistas, moedas, medalhas, o rádio, o cinema, fotografias e cartazes (FAGUNDES, 2011, p. 248).

Era, principalmente, por intermédio do livro e do jornal que a AIB divulgava e fazia conhecer sua doutrina, arregimentava novos militantes e estabelecia uma padronização, em âmbito nacional, tanto da difusão ideológica quanto da própria estruturação do movimento. Os livros eram direcionados aos mais cultos, e o jornal, à população “menos culta”. Cabia aos intelectuais o papel de educar “as massas” (SIMÕES, 2009).

Quanto ao jornal, ele desempenhava a função de levar ao militante informação sobre as ações da AIB e de transmitir/popularizar a doutrina integralista. Os congressos, passeatas, cursos, festas comemorativas recebiam lugar de destaque nos periódicos do movimento. São inúmeras fotos, seções, matérias, artigos enaltecendo a atuação do integralismo no Brasil e no exterior (SIMÕES, 2009, p. 30).

Ao todo, foram criados mais de cem diferentes jornais, uns de circulação regional, outros local e apenas dois de circulação nacional, o *Monitor Integralista* e *A Offensiva*. Como o *Monitor Integralista*¹⁴ foi criado com o objetivo de sistematizar a estrutura da AIB como movimento político, sentiu-se necessidade também de difundir a ideologia de forma organizada que refletisse uma lógica planejada de doutrina. A fim de suprir essa carência, lançaram *A Offensiva*, que se tornou o principal portal de transmissão da doutrina integralista.

Esse jornal destaca-se entre os periódicos da AIB, porque, além de ser a voz autorizada do Movimento Integralista, teve longo período de permanência (1934-1938) e assiduidade. Boa parte do que *A Offensiva* publicava era reproduzido pelo jornais locais e/ou regionais (SENTINELO; BERTONHA, 2011), principalmente aquelas sobre a palavra do chefe Plínio Salgado.

Para Fagundes (2011, p. 250), *A Offensiva* assumiu uma finalidade tripla:

¹⁴ Ver Oliveira (2011).

Em primeiro lugar contribuiu para gerar recursos financeiros para o partido, pois era vendido nas bancas, recebia propaganda de anunciantes e era mantido através de assinaturas. A segunda finalidade era divulgar as atividades desenvolvidas na 'Províncias Integralistas' [...]. A terceira e, inegavelmente, mais importante função da 'imprensa-verde' foi de exercer o papel de instrumento de unificação do discurso e padronizador das normas e condutas da organização.

Na luta por um lugar de poder, os integralistas ampliavam e unificavam a divulgação da sua doutrina por meio do jornal, que era mais uma das diversas estratégias que utilizaram para arregimentar sempre mais militantes em todo o Brasil.

Durante o período em que circulou, o jornal foi marcado por fases distintas, com mudanças bastante expressivas que refletem os momentos da AIB. De uma fase para outra, a equipe editorial do jornal soube se utilizar dos interesses do partido para atingir sempre o maior público possível, mesmo após a extinção da AIB em 1937.

Essas táticas são visíveis na rotatividade e amplitude das seções que *A Offensiva* teve durante os quatro anos que circulou: seções sobre notícias das ações da AIB em diversos locais do Brasil; sobre acontecimentos no mundo; aspectos econômicos; seções voltadas para áreas profissionais; sobre conselhos higiênicos; voltadas para os indivíduos que serviam às Forças Armadas; seções jurídicas; sobre causas trabalhistas; direcionadas para as mulheres, jovens universitários e crianças; seções sobre cultura e lazer, o que incluía a Seção Sportiva; dentre outras.

A Offensiva utilizou diversos mecanismos para doutrinar os integralistas, seja pela publicação de textos prescritivos, cursos seqüenciais, pelas seções e colunas de lazer, pelos exemplos de 'companheiros', seja pelas estratégias empregadas na organização e editoração. A análise desses dispositivos representa importante instrumento de compreensão da ideologia e intenções do movimento, assim como valioso meio para a reflexão sobre angústias, crenças, expectativas e ansiedades daqueles que se viam diante das questões da sociedade da época e em face das propostas e doutrina integralistas (SIMÕES, 2011, p. 84).

Em relação às transformações que sofreu ao longo de sua existência, tanto Simões (2009) como Oliveira (2011) afirmam que *A Offensiva* passou por três diferentes fases. Cada um, porém, classifica e caracteriza essas fases sob pontos de vista distintos.

Simões (2009) analisa e classifica o jornal entre os anos de 1934 e 1938. Para ela, a primeira fase (1934 a 1936) foi marcada pela tiragem semanal e demonstrou preocupação doutrinária. “Em sua primeira fase, o jornal assume um caráter mais doutrinário, sendo muito utilizado para esclarecimentos sobre a organização e estrutura do movimento” (SIMÕES, 2009, p. 36).

Na segunda fase (1936 a 1937), passa a funcionar como diário matutino e dedica muitas de suas páginas à campanha eleitoral, no intuito de que aumentasse o número de integralistas no poder.

Em tiragem diária, o jornal perde fôlego em seu aspecto doutrinário e ganha em político. A capa apresenta um teor mais político e econômico e passa a dar mais ênfase a acontecimentos governamentais no Brasil e no mundo. Contudo, a doutrina da AIB não deixa de marcar presença por meio de artigos, chamadas, pequenas notas, entre outros (SIMÕES, 2009, p. 43-44).

Ainda na segunda fase, com uma tentativa de estabelecer um diálogo mais estreito com a sociedade, o jornal passa a publicar a seção *A Offensiva sportiva*, assinada por Hollanda Loyola, com notícias sobre competições esportivas no Brasil e no mundo.

Na terceira fase (1937 a 1938), precisando adequar-se às mudanças políticas do período, o jornal extingue as seções de caráter explicitamente doutrinário e limita-se aos serviços de assistência e às atividades culturais. O que acontece no País é a consumação do golpe do Estado Novo com posterior fechamento de todos os Partidos Políticos por decreto de Vargas. Após o fechamento da AIB, o Integralismo prosseguia com objetivos humanitários, educacionais e desportistas. E, para assim funcionar, mudou de nome, passando a chamar-se Associação Brasileira de Cultura (ABC) (SIMÕES, 2009).

Com essas medidas [decretos de Vargas], diversas transformações fizeram-se evidentes no jornal que muda de feição e abandona toda a campanha política que vinha desenvolvendo, de maneira cada vez mais enfática [...]. O aspecto doutrinário do jornal também é atingido pelo decreto, sofrendo grande redução e tornando-se deveras implícito. O jornal continua a publicar em suas páginas os ideais nacionalistas do integralismo, mas agora esses não aparecem mais como ‘palavras de ordem’ ao ‘integralista de bem’ e sim como orientações a todos os brasileiros que ‘amam sua pátria’ e dela desejam cuidar (SIMÕES, 2009, p. 48-49).

Nessa terceira fase, muitas sessões são extintas e tantas outras são alteradas para dar forma às exigências governamentais. A seção *A Offensiva sportiva* continua a ser publicada diariamente, porém as matérias não abordam mais as promoções esportivas integralistas.

Por sua vez, para Oliveira (2011), a classificação das três fases é realizada tendo por base os anos de 1934 a 1937.¹⁵ Considera uma primeira fase entre maio de 1934 e maio de 1935, quando a direção do periódico era de Plínio Salgado, e o jornal ainda buscava uma definição do que era o Integralismo. “Representou o momento de afirmação do integralismo enquanto movimento político” (p. 35).

A segunda fase estende-se de maio de 1935 a janeiro de 1936. Nesse momento, o jornal passa por uma ampliação física (entre 10 e 16 páginas) e a reestruturação física das seções. “[...] as marchas militarizadas desaparecem, minimizaram-se as críticas ao governo, apologias às forças armadas passaram a ser publicadas e abandonou-se a própria visão revolucionária” (OLIVEIRA, 2011, p. 36). Além disso,

[...] começa a ter um subtítulo que apresenta uma mudança significativa: ‘ORIENTAÇÃO DE PLÍNIO SALGADO’. [...] Nessa segunda fase, o órgão oficial da AIB passa a ser a ‘orientação’ do ‘Chefe’ máximo do movimento. Não é apenas um periódico, mas a voz oficial do líder.

Oliveira (2011) classifica como a terceira fase o período entre janeiro de 1936 e dezembro de 1937. Nesse momento, *A Offensiva* deixa de ser semanal para ser diária, e seu diretor passa a ser Madeira de Freitas,¹⁶ além da figura de Plínio Salgado. Mesmo com todas as alterações, o periódico continua sob a orientação de Plínio Salgado, o que leva à conclusão de que “[...] *A Offensiva* tinha como objetivos centrais a difusão da ideologia integralista, a doutrinação dos militantes e a consolidação e manutenção do poder pessoal de Salgado dentro da Ação Integralista Brasileira” (p. 37).

Como podemos notar, há diferentes interpretações quanto à classificação do jornal *A Offensiva*. Como não nos cabe qualquer julgamento com relação a essas

¹⁵ Oliveira (2011) considera, em seu estudo, apenas o período em que o jornal foi órgão oficial da AIB. Não analisa os meses após a dissolução da AIB, em que o jornal continuou circulando, porém sem poder veicular o nome do movimento nem a sua base ideológica abertamente. Mesmo não analisando, pondera que esta poderia ser uma quarta fase.

¹⁶ Acredita-se que essa mudança se relaciona com o fato de o jornal circular diariamente, o que demanda muito tempo, necessitando do aumento de recursos humanos (OLIVEIRA, 2011).

classificações, até porque, para nós, antes de se excluírem, elas se completam, optamos por apresentar as duas classificações (SIMÕES, 2009; OLIVEIRA, 2011) por elas ampliarem o nosso leque de informações, permitindo compreender um pouco mais do que foi esse jornal, e o que ele representou.

A extinção do jornal se dá juntamente ao fim da ABC¹⁷ que, em seu último ano de existência, “[...] parece ter mudado de tática, substituindo a tática educativa pela violência. Abandonou-se a revolução do espírito e adotou-se a revolução violenta para a tomada de poder” (SIMÕES, 2009, p. 51). O atentado a Vargas, em maio de 1938, por um pequeno grupo de integralistas, desencadeou intensa campanha contra o Integralismo, com prisão e exílio de seus líderes.

1.2 A REVISTA *EDUCAÇÃO PHYSICA*

Com a extinção do jornal *A Offensiva* em 1938, Hollanda Loyola passa a escrever em um periódico específico da área, a revista *Educação Physica*. Tendo clara a relevância de uma aproximação com os espaços em que Loyola circulou, já que suas ideias não são desencarnadas dos dispositivos que as fazem circular, tomamos esta revista como fonte para esse estudo.

No início deste capítulo, discutimos de modo geral as possibilidades e limites do uso dos impressos periódicos como fonte de pesquisa. Faz-se necessário, entretanto, neste momento, atentar especificamente para o uso do impresso periódico denominado **revista**.

Ao conhecer a definição de revista no dicionário Aurélio (FERREIRA, 2005), para além da tradicional conjugação do verbo “revistar”: “Publicação de periodicidade semanal ou mensal, em que se divulgam matérias científicas, técnicas, jornalísticas etc.” (p. 708), percebemos que a revista muito se assemelha ao jornal, seja no formato, seja na periodicidade assídua. Apesar disso, Martins (2001, p. 46) nos alerta que eles são distintos locais de veiculação de saberes, e o que “[...] os

¹⁷ Com o fechamento dos partidos políticos por determinação de Vargas, em 1937, a “[...] AIB transformou-se novamente em sociedade civil com a denominação de Associação Brasileira de Cultura (ABC), funcionando assim até 1938, quando foi completamente extinta e seus líderes foram enviados para o exílio. A *Offensiva* renovou-se para acompanhar o processo e foi publicada até os últimos dias de funcionamento da ABC” (SIMÕES, 2011, p. 54-55).

distingue com freqüência é a existência da capa na revista, acabamento que não ocorre no jornal; mais do que isso, é a formulação de seu programa de revista, divulgado no artigo de fundo, que esclarece o propósito e as características da publicação”. Além disso,

A Grande Encyclopédie afirma que a revista se distingue do jornal principalmente por sua relação com o tempo, pois enquanto ela se inscreve no tempo longo do estudo, do aprofundamento, de certo recuo em relação aos acontecimentos, o jornal se situa no tempo curto da notícia (CAMARGO, 2005, p. 80-81).

Em relação aos livros, as revistas se diferenciam com mais facilidade. Elas geralmente não são elaboradas para ficarem guardadas numa estante ou armário, os livros (até mesmo pela sua materialidade) são; as revistas têm uma periodicidade, os livros não; as revistas costumam ser manifestação de um grupo, os livros quase sempre são produzidos por um só autor; as revistas são, pela natureza de sua publicação, os órgãos da imprensa mais apropriados ao estudo das grandes questões de política, economia social, ciência e arte, os livros têm ação muito lenta, em longo prazo. Lecoq, citado por Camargo (2005, p. 81), indica ainda que outra distinção entre revista e livro está no fato de a revista ser “[...] uma intermediária intelectual e também material entre o jornal e o livro”.

No exercício de ter claras as diferenças entre as revistas, jornais e livros, concordamos com Blum, citado por Camargo (2005, p. 81), quando analisa: “As revistas não são livros. Não seria justo criticar um artigo de revista por sua confecção rápida e superficial. Ele não tem caráter eterno. Não é pensamento sob sua forma definitiva. Mas também não é a crônica jornalística que se lê tomando um chocolate”.

O estudo com revistas pode proporcionar ao pesquisador, segundo Camargo (2005, p. 79), “[...] possibilidades de vislumbrar quais seriam os temas de interesse numa determinada época, a maneira como foram abordados, quem eram seus autores e seus leitores”. Além disso, evidencia-se como “[...] suporte rico e diversificado de documentos, síntese privilegiada de instantâneos reveladores de processos históricos, representação material de práticas de consumo, usos e costumes” (MARTINS, 2001, p. 60).

O fato de reunir, numa só publicação, texto, imagem, visões de mundo e imaginários coletivos fez da revista (principalmente após os anos 1930) ser mais que atrativa como documento histórico. Em princípio, evoca o quadro histórico em que se pretende pesquisar, porém cria, igualmente,

[...] o risco de leitura amena e ligeira, decorrente do mero folhear dessas publicações de época que acabam por envolver o leitor/historiador no tempo pretérito que busca reconstruir. O processo de aliciante sedução é passível de levá-lo a registros precipitados e equivocados decorrentes, sobretudo, das mensagens edulcoradas da publicidade, ou por vezes enviesadas da propaganda (MARTINS, 2001, p. 60).

Isso indica que o trabalho com revistas requer cuidados, já que elas podem transportar e induzir o pesquisador a configurações quase surreais do passado. Nesse sentido, torna-se importante que cada frase, imagem, texto, retirado de uma revista sejam contextualizados no seu tempo, levando sempre em consideração as condições de sua “[...] produção, de sua negociação, de seu mecenato propiciador, das revoluções técnicas a que se assistia e, em especial, da natureza dos capitais nele envolvidos” (MARTINS, 2003, p. 61). Uma análise à luz da História Cultural parece auxiliar, evidenciando as inúmeras possibilidades do trabalho com o gênero revista.

No Brasil, a década de 1930 se caracteriza como um tempo de significativas mudanças econômicas, sociais e culturais na sociedade. Especificamente na área da Educação Física, o Estado se empenha em concretizar ações no campo das práticas corporais e esportes, por ver essa área como um espaço de intervenção na educação dos cidadãos, responsável por aperfeiçoar os corpos físicos, tornando-se saudáveis e aptos para enfrentar os desafios da modernidade.

Isso provoca a necessidade de um aumento na produção e circulação de informações na área da Educação Física, de modo que as revistas permitissem divulgar as conquistas esportivas, além de aprofundar os conhecimentos científicos e pedagógicos das diferentes possibilidades de educar o corpo dos cidadãos brasileiros.

A fim de suprir essa carência, é lançada, em maio de 1932, no Rio de Janeiro, por iniciativa de um grupo de professores civis de Educação Física, liderados por

Paulo Lotufo¹⁸ e Oswaldo Murgel Rezende,¹⁹ e financiada por uma editora particular, a Cia. Brasil Editora, a revista *Educação Physica*, que circulou durante 13 anos, acumulando 88 revistas, tendo a publicação de seu último número ocorrido em outubro de 1945.

Entre 1932 e 1945, a revista teve diferentes nomes a fim de atrair sempre o maior número de leitores, como nos aponta Schneider (2010, p. 57)

Quando a Revista foi lançada, era conhecida como *Educação Physica: Revista Técnica de Esportes e Athletismo* (1932). A partir do lançamento do décimo terceiro número (dezembro de 1937), passa a se chamar *Educação Physica: Revista Técnica de Esportes e Saúde*. No número seguinte (janeiro de 1938), o termo técnico é suprimido, passando o periódico a ser impresso como *Educação Physica: Revista de Esportes e Saúde*. Em 1939, no n. 28/29, seguindo as orientações da reforma ortográfica de 1937, passa a ser grafada como *Educação Física: Revista de Esportes e Saúde*, assim apresentada até a publicação de seu último número no ano de 1945.

A *Educação Physica* fez circular textos escritos por alguns nomes importantes da Educação Física, mas também lançou novos nomes. Além disso, seus editores recorreram a outros articulistas e à tradução de artigos estrangeiros como uma estratégia para viabilizar material e assegurar ao periódico um perfil científico, transformando-o em fonte de consulta para professores da área e interessados na temática dos esportes.

Adquirindo maior sistematicidade e circulação durante o Estado Novo, a revista se inspirou e foi inspirada pelas realizações desse período, que via a Educação Física como colaboradora da construção do projeto nacional de engrandecimento da Pátria e fortalecimento da juventude brasileira. Apesar disso, a revista não se transformou num simples veículo de propaganda ideológica do sistema político.

Há, antes, um compromisso com a divulgação da ideia de que a Educação Física e os esportes são fundamentais na formação da juventude e na preparação de mulheres e homens para o enfrentamento dos obstáculos

¹⁸ Diplomado em Educação Física pelo Instituto Técnico das Associações Cristãs de Moços Sul-Americana; diretor de atividades aquáticas da Associação Cristã Moços do Rio de Janeiro (SCHNEIDER, 2010, p. 57).

¹⁹ Advogado e consultor jurídico do Ministério da Guerra; ex-professor de Educação Física da Associação Cristã de Moços do Rio de Janeiro e, conforme os editores, um dos primeiros praticantes de basquetebol na América do Sul (SCHNEIDER, 2010, p. 57).

inerentes à vida cotidiana, urbana e moderna. Algumas vezes doutrinária, outras não, a *Revista Educação Physica* divulga conselhos, receitas, conhecimentos táticos, técnicos e pedagógicos, informa sobre eventos esportivos e científicos, indica novas publicações, enaltece heróis e heroínas, anuncia produtos e serviços (GOELLNER, 2003, p. 19).

Desde o primeiro número até o último, informou, nas páginas iniciais, os seus objetivos, apresentados na forma de sete princípios:

Vulgarizando os princípios científicos que servem de base á educação physica;
Favorecendo o surto dos esportes, como factor de aperfeiçoamento da raça;
Incentivando a formação de tchnicos especialistas;
Propagando os fins Moraes e sociais das actividades physicas;
Despertando a atenção publica para esse aspecto do problema educativo;
Coadjuvando o governo e instituições particulares na execução de seus programmas de educação physica;
Promovendo a união entre indivíduos e entidades que propugnam pelo progresso da educação physica (EDUCAÇÃO PHYSICA apud SCHNEIDER, 2010, p. 58).

Foi um impresso comercial²⁰ que, para sobreviver, necessitava vender, ser atraente ao público. De modo geral, tinha a intenção de ser reconhecida como órgão orientador da Educação Física nacional, concorrendo com outras revistas de mesma temática, como a *Revista Brasileira de Educação Física* lançada no mesmo ano e considerada órgão oficial de divulgação da Escola de Educação Física do Exército.

Essa concorrência pode ser visualizada seguindo dois caminhos:

De um lado, a necessidade de vender espaço publicitário e revistas para sobreviver como projeto comercial em meio às outras publicações do gênero; de outro, como difusor de um projeto de Educação Física e esportes, de idéias e valores que podem vir a constituir o repertório de conhecimentos mobilizados pelo professor na sua atuação docente (SCHNEIDER, 2003, p. 22-23).

Também por ser um periódico comercial, abre condições para atingir diferentes públicos, que vão desde professores, diretores de clubes, pessoas interessadas em compreender alguma prática esportiva, até aqueles que compram, tendo em vista produtos divulgados na revista, já que esta fazia propaganda de

²⁰ Impresso comercial por pertencer a uma empresa comercial.

muitos materiais, não necessariamente relacionados com o mundo da Educação Física, dos esportes e da saúde. Para Goellner (2003, p. 20), a revista *Educação Physica*, pode ser “Identificada como uma das primeiras publicações a atender a um público diverso cujo interesse comum demarca uma especificidade – a Educação Física e os esportes [...]”.

Analisando sua periodização, Schneider (2010, p. 64) observa, primeiramente, que existe um corte estabelecido no ritmo antes e depois de 1938. “[...] os seis primeiros anos em que os diretores estão tentando montar a estratégia chamada revista Educação Physica e os quatro seguintes em que o projeto se mantém estável”. Para além disso, consegue perceber quatro fases bem demarcadas nos anos em que a revista circulou: nascimento, investimentos na estabilidade e paralisação; período de ascendência; estabilidade; descendência, reação e fim.

A primeira fase (1932 a 1935) caracteriza-se como um momento mais instável, com poucas publicações no decorrer de um ano (duas em 1932, uma em 1933, uma em 1934) chegando a paralisar em 1935, não tendo nenhuma publicação. A segunda fase (1936 a 1937) corresponde a um aumento progressivo do número de exemplares editados anualmente (três em 1936 e seis em 1937). Chegando à terceira fase (1938 a 1941), a revista encontra sua estabilidade, conseguindo se solidificar e produzir um público cativo ao impresso. Durante quatro anos, consegue publicar 12 exemplares por ano, além de apresentar novos investimentos na área editorial, como o lançamento da coleção intitulada *Biblioteca Esportiva*.²¹ Vários fatores concorreram para o aumento no número de publicações e o ganho da estabilidade nessa fase. Mas, segundo Schneider (2010, p. 83),

[...] mesmo com todas as modificações adotadas durante a terceira fase, acredito que seu êxito se deu em grande parte pela entrada de Hollanda Loyola para a *Revista*, primeiramente assumindo a função de redator no lançamento da *Revista* número 33 (1939), para depois, no número seguinte, assumir a direção técnica do periódico. Esse diretor, durante o período de estabilidade, torna-se a pessoa-chave da publicação. É a partir do momento em que assume a direção técnica do impresso que se percebe na *Revista* a presença de mais artigos assinados do que não assinados. Ele mesmo, durante o período em que se tornou diretor, foi a pessoa que mais publicou

²¹ “Conjunto de livros publicados pela Companhia Brasil Editora que passam a ser ofertados por meio do periódico, os quais são produzidos pelos professores envolvidos com o periódico, e compilados, em alguns casos, por matérias previamente publicadas na *Revista*” (SCHNEIDER, 2003, p. 65).

no periódico. Desse modo, tornou-se também o principal redator do impresso, constituindo, assim, a pessoa que mais utilizou a *Revista* para se tornar conhecido e produzir seus livros.

A quarta e última fase da revista é marcada por uma curva descendente e uma pequena reação (dez exemplares em 1942, cinco em 1943, sete em 1944 e cinco em 1945). Dentre os vários fatores que concorreram para a revista perder a estabilidade, está o falecimento de Hollanda Loyola em 4 de junho de 1944, que, “[...] como foi dito, durante o período em que assumiu o posto de diretor técnico, tornou-se uma pessoa-chave para o periódico, responsabilizando-se pelas matérias de abertura e por boa parte do que foi publicado entre 1938 e 1944” (SCHNEIDER, 2010, p. 85).

De modo geral, percebe-se que, no decorrer dos 13 anos que circulou, o tema do aperfeiçoamento da raça foi um assunto bem explorado pelos editores:

Melhorar as condições do povo pela adoção de hábitos mais higiênicos e pela adoção de uma vida voltada para os esportes aparece quase como uma obsessão nos discursos veiculados, em que cada atividade poderia aperfeiçoar um pouco mais as energias latentes no brasileiro (SCHNEIDER, 2010, p. 205).

Além disso, trabalhou-se com um temário não muito comum, com esportes que não são comumente tratados como parte da cultura esportiva no Brasil, como: automobilismo, golf, rúgbi, tênis, etc. Isso porque era objetivo da revista “[...] a vulgarização dos esportes e também informar aos leitores sobre todas as possíveis modalidades [...]” (SCHNEIDER, 2010, p. 207). Acreditavam que, por meio do esporte, seria possível produzir a regeneração da raça.

Diante do exposto, Schneider (2010, p. 213) conclui:

O impresso, no período em que foi produzido, tornou-se responsável pela veiculação de variados temas ligados à Educação Física e aos esportes. [...]. A Revista funcionou como um verdadeiro repertório de saberes, matérias que buscavam aproximar a Educação Física de vários campos do conhecimento, como a Antropologia e sua relação com a área, do mesmo modo procedendo com a Sociologia, a Filosofia, a Fisiologia e a Psicologia, entre outras.

Apesar de ser produzida no Rio de Janeiro, a *Educação Physica* circulou em âmbito nacional e internacionalmente, possuindo correspondentes na América Latina, Europa e África. Tendo sido importante no período de sua circulação, na atualidade, ela ainda o é, por nos permitir conhecer a produção de diferentes personagens, cujas contribuições marcaram o fazer da Educação Física, pelo que explicitaram e/ou deixaram de explicitar.

1.3 HOLLANDA LOYOLA E O MERCADO DOS LIVROS NAS DÉCADAS DE 1930 E 1940

Entre os anos de 1938 e 1944, Hollanda Loyola publicou 17 livros pela Companhia Brasil Editora. Esse foi o período em que observamos um “[...] enorme crescimento da literatura nacional impressa em forma de livro, com aparecimento de novos autores e novos títulos, novos gêneros literários [...]” (TOLEDO, 2001, p. 23). Até a década de 1930, o que víamos no Brasil era um mercado editorial marcado pela importação de livros estrangeiros, principalmente livros franceses e portugueses.

Esse aumento na confecção e circulação de livros no Brasil dá-se por vários motivos. Dentre eles, estão as novas condições resultantes da crise de 1929, a Revolução de 1930 e, mais adiante, a impossibilidade de continuar importando livros portugueses e franceses com o início da Segunda Guerra Mundial, afrouxando-se, com isso, os laços de dependência cultural (MICELI, 1979).

A insuficiência do comércio exterior forçava, de fato, o aumento da substituição de importações em toda a economia: entre 1930 e 1937, o produto industrial brasileiro deu um salto de quase 50%. Mas o crescimento na edição de livros foi fenomenal, mesmo em relação a essa situação geral. As cifras para São Paulo [...] sugerem uma taxa de crescimento na produção de livros, entre 1930 e 1936, de mais de 600% (HALLEWELL, 1985, p. 337).

Para Toledo (2001), porém, esse aumento dá-se como consequência das muitas reformas que aconteceram durante os anos 30. Por exemplo, a Constituição

de 1937, ao rearticular o desenho da educação pública, impondo um único modelo para todo o País, instiga uma mudança na literatura educacional. Com isso,

[...] o livro torna-se arma de propaganda fundamental na transformação da cultura nacional, seja pela instrumentalização da reforma da escola, seja pela propaganda dos verdadeiros valores nacionais contidos na literatura, nos manuais de cidadania e nas coleções de vulgarização da literatura nacional (TOLEDO, 2001, p. 46-47).

Existia, nesse período, uma necessidade política de civilizar a sociedade brasileira e, nesse processo de civilização, “[...] o livro é alçado a um de seus instrumentos. Como a escola, o livro é edificado como um dos instrumentos cívicos dos que lutam pelo Brasil” (TOLEDO, 2001, p. 49). Em meio a esse crescimento da literatura impressa na forma de livro, estão as publicações de Loyola, que analisaremos adiante.

O que amplia também, nos anos 30, é a população de novos leitores, como as mulheres. Isso intensifica o aparecimento de novos títulos, gêneros, autores em um movimento de expansão do mercado editorial.

A conquista de novos públicos, como o público feminino, para Silva, está relacionada com estratégias editoriais que oferecem um conjunto de obras especialmente voltadas para ele [...]. Os novos leitores procuram publicações identificadas com eles, o que lhes é prescrito e o que lhes é previsto, já acostumados a se identificar com as revistas especializadas, procuram no livro o seu congênera (TOLEDO, 2001, p. 24).

Aproveitando-se do aumento na população de leitores e a fim de ampliar o mercado do livro no Brasil, os editores intensificam suas estratégias comerciais de distribuição e propaganda. Para isso, fazem uso dos jornais e revistas, nas quais divulgam novas obras e assim vão “[...] impondo suas representações sobre o campo do impresso, substituindo a leitura de outros tipos de impresso pela leitura de livros [...]” (TOLEDO, 2001, p. 26).

Outra importante característica do período em que Loyola publica (décadas de 1930 e 1940) é a crescente censura ao mercado editorial em geral. De certo modo, a censura foi uma das características da vida brasileira desde a queda do Império, porém se intensificou nos anos 30.

Quando a Assembléia Constituinte de 1934 discutiu a questão das garantias constitucionais da liberdade de imprensa, [...] disse aos deputados que a censura era necessária para evitar: a. críticas acriminosas ao governo; b. comentários pejorativos sobre seus membros; c. qualquer notícia que pudesse ameaçar a ordem pública e incentivar a subversão; d. ataques pessoais a qualquer pessoa; e. crítica a governos estrangeiros ou a seus representantes; f. qualquer notícia que pudesse causar alarme, inclusive quanto a assuntos financeiros e econômicos; g. 'meros boatos de tendenciosidade manifesta' (HALLEWELL, 1985, p. 368-369).

Especificamente em relação ao comércio livreiro, as restrições crescem com a criação do Tribunal de Segurança Nacional (11 de setembro de 1936), que confiscava romances pós-modernistas e livros políticos integralistas. A situação piora ainda mais com a instituição do Estado Novo.

Entrevistado em 1938 a respeito do declínio da atividade editorial no Brasil no correr nos doze meses anteriores, em comparação com o recorte atingido em 1936, José Olympio falou sem rodeios: 'O que tem causado em enfraquecimento no mercado é a apreensão de livros em todo o território nacional, sem que na maioria das vezes obedeça a um critério justificável' (HALLEWELL, 1985, p. 370).

Ao que tudo indica, essa censura interferiu na escrita e escolha temática dos autores da época. A liberação dos livros para publicação passava, taticamente, pela adoção de uma escrita que estivesse de acordo com os ideais do governo, o que significava, no campo da edição, a criação de uma fórmula sutil de apresentar as obras ao Estado e ao público para que elas fossem aceitas pelo sistema de vigilância e repressão de Vargas.

Dessa forma, para compreendermos as representações contidas em tais textos, precisamos ir além das ideias, tentando entender quais eram as lutas daquele autor, o que ele defende por trás daquela organização de escrita, a qual grupo pertence, qual bibliografia utiliza, etc.

No trato com livros, essa análise passa ainda pela seguinte questão, que não pode ser desconsiderada: até a publicação, um texto "original" passa por muitas etapas de confecção e o resultado final geralmente diferencia-se do "original". Paredes, citado por Chartier (2002), ao criar uma metáfora entre o livro e o homem, afirma que ambos têm uma alma racional e um corpo harmonioso. O corpo do livro é feito pelos impressores ou encadernadores, enquanto a alma "[...] não envolve

apenas a invenção do autor. A alma é moldada também pelos tipógrafos, editores ou revisores, que se encarregam da pontuação, da ortografia ou do *lay-out* do texto” (CHARTIER, 2002, p. 38).

Loyola soube aproveitar-se do período de crescimento do mercado livreiro na década de 1930, em que diminuem as importações de livros estrangeiros e aumentam a produção de livros em editoras brasileiras. Aproveita-se também das muitas reformas educacionais, já que ele se coloca, utilizando os impressos, como intermediário entre o que o Governo ditava e modo como deveriam ser aplicadas as diretrizes da Educação Física nas escolas.

A fim de conquistar seu público leitor, escreve também para aqueles novos leitores, como o público feminino (educação física feminina), os pais (Educação Física e o lar; Educação Física infantil), dentre outros.

Como de praxe, nesse período (1930 e 1940) de investimento na ampliação do mercado do livro no Brasil, Loyola utiliza a revista *Educação Physica* como estratégia comercial de distribuição e propaganda das suas obras. Como ele já era conhecido nesse período pelos artigos publicados, pelos comentários que são feitos na revista, essa divulgação no impresso lhe rendeu muitas vendas, além de prêmios nacionais e internacionais com alguns de seus livros.

Para lidar com a intensificação da censura no governo ditatorial de Vargas, Loyola escreveu concordando com as determinações e leis impostas pelo Governo e apresentou sua forma de pensar por meio de “sugestões” para melhorar o que já estava imposto. Com isso, escrevia esses pontos de vista sem entrar em conflito com o Governo e se esquivava da censura.

2º CAPÍTULO

2 CIRCULAÇÃO DE HOLLANDA LOYOLA NA IMPRENSA

2.1 TRAJETÓRIA DE FORMAÇÃO

Ainda jovem, Francisco de Assis Holanda Loyola, um simples e desconhecido sertanejo, chega ao Rio de Janeiro emigrado do Ceará. No turbilhão da metrópole, possivelmente ao final da década de 20 e início da década de 30, procura Francisco de Assis Furtado Memória, conhecido publicamente por Cônego Assis Memória, como protetor e guia. Este passa a ser seu tutor, tratando-o como filho espiritual.²²

Assis Memória foi cônego na Igreja Católica, professor, jornalista e escritor. Membro do Cenáculo Fluminense (antiga Academia Fluminense de História e Letras), Memória muito influenciou na formação de Loyola e, conseqüentemente, na sua trajetória profissional. Assim como Memória, Holanda Loyola exerceu cargos como: professor, jornalista e escritor. Além disso, foi militar e teve uma vida política ativa durante a década de 30.

Tendo se estabelecido no Rio de Janeiro, Loyola ingressa, em 8 de abril de 1931, no Centro

Figura 2 – Antigo quartel onde funcionava o CPOR/1ª região, atual Museu Militar Conde de Linhares, Bairro São Cristóvão, Rio de Janeiro



Fonte: Arquivo particular

²² Apesar de utilizarmos essa informação como meio para ter acesso a alguns indícios da trajetória de formação de Holanda Loyola, ponderamos que ela foi veiculada na revista *Educação Physica* (1945), que, assim como todo periódico, faz circular aquilo que no jogo (luta) de representação a ela interessa. Lembremos de Le Goff (2003) quando este afirma que todo documento é monumento por resultar do esforço das sociedades ao longo da história para impor ao futuro determinada imagem de si própria.

de Preparação de Oficiais da Reserva (CPOR/1ª Região),²³ localizado, na época, no antigo Quartel do 1º Grupo de Artilharia, em São Cristóvão (RJ), onde hoje fica o Museu Militar Conde de Linhares.

Esse núcleo criado em 1927 e existente até hoje, objetiva realizar a “[...] formação militar inicial dos recursos humanos necessários à ocupação de cargos e ao desempenho das funções inerentes aos Oficiais da Reserva de 2ª classe do Exército Brasileiro” (OBJETIVO, 2011), sendo sua missão formar o Oficial da Reserva (R/2), capacitando-o à convocação temporária para o serviço ativo.

Forma-se Aspirante a Oficial em 4 de dezembro de 1932, tendo feito, ainda no CPOR, o Curso de Infantaria. Como Aspirante a Oficial e continuando sua carreira militar, matricula-se, em 1933 no Curso de Instrutores de Educação Física da Escola de Educação Física do Exército (EsEFEx), concluindo-o em 28 de dezembro de 1933.

Figura 3 – Núcleo de formação da Escola de Educação Física do Exército



Nota: Este núcleo localiza-se na Fortaleza de São João – Urca – Rio de Janeiro desde 1930. Na imagem, à esquerda, temos a entrada da Fortaleza de São João; ao centro, o prédio administrativo da EsEFEx, onde se encontram os arquivos históricos; e, a direita, o brasão da escola.

Fonte: Arquivo particular

Conforme histórico escolar dessa instituição (ANEXO A), Loyola mostra-se aluno razoável, com boa frequência, terminando o curso em 22º dos 32 matriculados. Em pesquisa sobre os objetivos dessa instituição, entre 1933 e 1941, período em que Loyola estudou, verificamos que

[...] a EsEFEx compartilha tanto da eugenia à época prevalecente no país - reforçando ideais do povo brasileiro como uma raça forte - como da

²³ Até 1950, para ingressar no CPOR, o candidato tinha que estar cursando, no mínimo, o último ano do 2º Grau. Após essa data, até atualmente, o pré-requisito se alterou. Para ingressar, o candidato precisa estar matriculado no Ensino Superior.

formação e especialização em Educação Física e Medicina Esportiva como uma contribuição prioritária da EsEFEx para o desenvolvimento institucional destas áreas de intervenção profissional (HISTÓRICO, 2011).

A década de 30 é um período da história brasileira em que os ideais de patriotismo e eugenismo estão muito presentes nas discussões, nos projetos de Governo e até mesmo no dia a dia dos brasileiros. Mencionada e incluída na pauta de discussões desde o início dos anos 30, a questão da construção da nacionalidade brasileira ganha espaço nessa década. Ao perceberem que o Brasil é, em grande parte, um país de imigrantes, que, separados em núcleos, conservam vivos seus laços de nacionalidade pelo estreitamento de suas próprias tradições culturais, o Governo vislumbra como urgente a reformulação da estrutura do ensino primário, da criação de escolas nacionais, enfim, uma investida agressiva para frear o desenvolvimento dos núcleos de colonização e, por sua vez, construir uma nacionalidade que desse uma identidade ao povo brasileiro.

No dizer de Lourenço Filho, o projeto educacional do governo tinha como 'fito capital homogeneizar a população, dando a cada nova geração o instrumento do idioma, os rudimentos da geografia e da história pátria, os elementos da arte popular e do folclore, as bases da formação cívica e moral, a feição dos sentimentos e idéias coletivos, em que afinal o senso de unidade e de comunhão nacional repousam' (SCHWARTZMAN; BOMENY; COSTA, 2000, p. 93).

Seguindo esse projeto educacional é que as escolas de formação montavam seus cursos, o que indica que professores formados nessa década, como Loyola, construíram suas bases teóricas fortemente marcadas por ideais de nacionalismo e eugenismo. No caso dos professores de Educação Física, o primordial era que tivessem clara a função dessa disciplina como um dos elementos fundamentais no processo de fortalecimento da raça.

Além disso, percebemos, pelo histórico escolar (ANEXO A) de Loyola, que a base do currículo na EsEFEx, durante a década de 1930, eram os conhecimentos fisiológicos, médicos e higienistas, o que caracteriza a Educação Física à época. A partir dessa base, trabalhavam as modalidades esportivas, ficando os aspectos pedagógicos reduzidos a apenas duas disciplinas: *Pedagogia* e *Educação Física Geral*.

Com a conclusão do Curso de Instrutores de Educação Física na EsEFEx, passa a ser segundo-tenente da 2ª classe da reserva de 1ª linha do Exército e vai atuar no ensino particular como instrutor de tiro de guerra²⁴ e professor de Educação Física, carregando a sua bagagem de formação dentro de instituições militares.

A pedidos de Assis Memória, o educandário Ginásio Vera-Cruz contrata Loyola em seu elenco de funcionários e, ali, “[...] o obscuro provinciano, com aquela vontade férrea, que era a sua ‘qualité maitrese’, forjou, a golpes de talento, a sua personalidade forte, dominadora, vitoriosa” (EDUCAÇÃO PHYSICA, 1944, n. 81, p. 2). Ministrou aulas de Educação Física e instruções de tiro de guerra, formando reservistas para o Exército. Neste local, tornou-se, posteriormente, diretor-técnico de Educação Física.

Ainda no ensino particular, trabalhou como diretor do Colégio Paula Freitas em Copacabana, escola conceituada, equiparada ao famoso Colégio Pedro II. Além de diretor, possivelmente ministrou instruções de tiro de guerra, já que esse colégio contava com um Batalhão Escolar e tinha a guarda de seu armamento, graças ao bom relacionamento com as Forças Armadas. Esse colégio, historicamente, foi pioneiro na organização de uma Linha de Tiro, precursora dos Tiros de Guerra, ainda na década de 1920, anteriormente à diretoria de Loyola, quando o colégio pertencia aos fundadores, à família Paula Freitas (FREITAS, 2011).

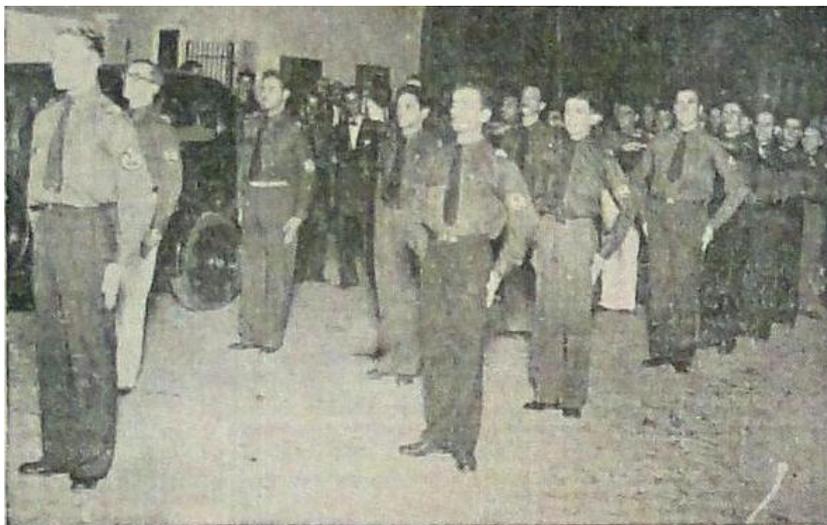
Além de exercer a profissão de professor de Educação Física e permanecer ligado ao Exército, ministrando instruções de tiros de guerra no ensino particular, Hollanda Loyola ingressa para a AIB.²⁵ É nesse ambiente integralista que publica

²⁴ Os Tiros de Guerra são uma instituição militar do Exército Brasileiro encarregada de formar reservistas. São estruturados de modo que o convocado possa conciliar a instrução militar com o trabalho ou estudo. A organização de um Tiro de Guerra resultou de um acordo firmado com as escolas e o comando da Região Militar. O Exército fornece os instrutores, fardamento e equipamentos, enquanto a administração escolar disponibiliza as instalações. Desse modo, as instruções de Tiros de Guerra ocorriam em alguns colégios e formavam reservistas de 2ª categoria aptos ao desempenho de tarefas no contexto da Defesa Territorial e Defesa Civil (TIRO DE GUERRA, 2011).

²⁵ A Ação Integralista Brasileira (AIB) foi o movimento de inspiração fascista mais importante organizado no Brasil, fundado por Plínio Salgado, em 1932. Tornou-se o primeiro partido nacional com uma organização de massa implantada em todo o País. Considerado um movimento da classe média, a AIB, assim como todos os outros partidos políticos, foi extinto após a instauração do Estado Novo, efetivado em 10 de novembro de 1937, pelo então presidente Getúlio Vargas (TRINDADE, 2010).

boa parte de sua obra e assume cargos importantes, como chefe de Campo da Milícia Integralista²⁶ do Distrito Federal,²⁷ em março de 1934.²⁸

Figura 4 – Hollanda Loyola, à frente, como Mestre de Campo da Milícia Integralista do Distrito Federal



Nota: Foto publicada no jornal *A Offensiva*, n. 38, em 31 de janeiro de 1935.
Fonte: *A OFFENSIVA* (1935, p. 5).

É nos meios de divulgação da doutrina integralista (jornais e revistas) que Loyola começa a escrever seus textos sobre temas relacionados com a Educação Física. Atuando também como jornalista, com registro na Associação Brasileira de Imprensa (ANEXO B), escreve

para o jornal Integralista *A Offensiva* de 1934 a 1938 (ano de extinção do jornal).

Também em 1935, um ano e meio após ter se formado segundo-tenente da reserva, é convocado, em Diário Oficial, de 23 de julho de 1935 (ANEXO C) a servir na 1ª Região Militar. Como segundo-tenente, trabalhou na Escola de Tiros de Guerra, no setor da Praça Quinze, até ser preso como um dos principais envolvidos no levante integralista²⁹ do dia 11 de março de 1938.

²⁶ “Pela defesa da Pátria e do Sigma, o integralismo aprovou, no 1º Congresso Integralista Brasileiro, realizado em Vitória/ES nos dias 28 de fevereiro, 1, 2 e 3 de março de 1934, o Regulamento do Departamento da Milícia Integralista. A Milícia Integralista [...] funcionou a partir de 1934, com estrutura inspirada nos moldes do Exército e atuação semelhante à das brigadas para militares fascistas [...]. O processo de iniciação na militância do movimento desenvolvia-se na organização da juventude (“plinianos”), dos quatro até os 15 anos de idade. Contudo, só a partir dos 16 anos poderia o ‘camisa-verde’ ter ingresso definitivo na Milícia” (SIMÕES, 2009, p. 116).

²⁷ Até o início da década de 1960, a Capital Federal (Distrito Federal) localizava-se no município do Rio de Janeiro, antecedida por Salvador. Em 21 de abril de 1960, a Capital Federal muda para o centro do País, em Brasília, onde se encontra até a presente data.

²⁸ Em março de 1934, Plínio Salgado comissiona Hollanda Loyola como Mestre de Campo da Milícia Integralista do Distrito Federal.

²⁹ Insatisfeitos com a dissolução de todos os partidos, inclusive a AIB, por Vargas, em dezembro de 1937, um grupo de integralistas resolve realizar um levante armado contra o Governo para tomar o poder. A primeira tentativa se deu em 11 de março de 1938, mas logo foi abordada pela polícia, que prendeu parte dos manifestantes. Outro levante ocorreu em 11 de maio do mesmo ano, também contido rapidamente pela polícia, porém considerado a maior tentativa de tomada do poder durante o Estado Novo.

Na Praça da Harmonia, chefiando um grupo de milicianos integralistas, Loyola “[...] foi detido por forças policiais quando se preparava para ocupar o prédio da Rádio Mayrink Veiga. Com a emissora sob controle, seria transmitida a ordem para o início da revolta em outros pontos do país” (REVOLTA INTEGRALISTA, 2010). Loyola foi julgado pelo Tribunal de Segurança Nacional,³⁰ Processo nº 595, dirigido pelo juiz Coronel Costa Netto. O inquérito investigou a “Tentativa de movimento subversivo da ordem pública e mudança pela força, do regime vigente, na qual tomaram parte elementos da extinta Ação Integralista Brasileira, políticos e Militares da ativa e da reserva” (BRASIL, 1938).

Aos 28 anos, como militar da reserva, Loyola foi citado em diversos depoimentos do inquérito como elemento destacado da AIB que divulgou o movimento dentro das instâncias militares e policiais e como membro superior na Milícia Integralista que se reunia em cômodos secretos da casa de Plínio Salgado, em confabulações claras entre elementos da AIB e Oficiais do Exército. Esse seu papel de divulgação do movimento já nos indica uma hipótese do motivo que levou Loyola a permanecer, durante todo momento, vinculado ao Exército, mesmo durante os períodos de maior agitação do movimento integralista.

Pelo quantitativo de depoimentos apontando a participação ativa de Loyola, ele é chamado a depor mais de uma vez durante inquérito policial (ANEXOS D e E). Nesses depoimentos, elabora sua defesa, afirmando que só ficou sabendo da revolta um dia antes, e que aceitou participar por receio de ser considerado traidor pelos colegas da antiga AIB, e que não frequentava a casa de Plínio Salgado, porque as reuniões ocorriam no horário em que servia no Tiro de Guerra.

No levante de 11 de março de 1938, também foram encontradas em seu poder armas e munições (Figura 5), que são justificadas por seus advogados, na confecção da defesa, como permitidas a um militar portar. Anexados à sua defesa, também estão registros de seus bons antecedentes como civil e militar e as boas

³⁰ O Tribunal de Segurança Nacional (TSN) foi um órgão criado pela Lei nº 244, de 1936, durante o primeiro governo de Getúlio Vargas. Era composto por juízes civis e militares escolhidos pelo Presidente da República. Sua criação está ligada à repressão aos envolvidos no levante comunista de novembro de 1935. A função do tribunal era processar e julgar as pessoas acusadas de promover atividades contra a segurança externa do País e contra as instituições militares, políticas e sociais. Com a implantação da ditadura do Estado Novo, em 1937, o TSN deixou de se subordinar ao Superior Tribunal Militar e passou a desfrutar de uma jurisdição especial autônoma. Nesse período, passou a julgar não só comunistas e militantes de esquerda, mas também integralistas e políticos liberais que se opunham ao Governo. O TSN foi extinto em outubro de 1945, após a queda do Estado Novo (TRIBUNAL DE SEGURANÇA NACIONAL, 2010).

referências do Ginásio Vera-Cruz, assinadas pelo diretor do educandário (ANEXO F). Dentre as referências como militar, destacamos, para além de instrutor de tiros de guerra e instrutor de Educação Física, sua participação nas revoluções que abalaram o País em 1934, 1935, 1937 e 1938, lutando contra as tentativas de masorcas³¹ e os atentados comunistas. Como civil, exerceu carreira de professor e jornalista.

Figura 5 – Documento anexado ao Processo nº 595 (1938) referente a armas e munições encontradas em poder de integralistas, dentre os quais estava Hollanda Loyola

595/194

POLICIA CIVIL DO DISTRICTO FEDERAL

Delegacia Especial de Segurança Política e Social

SEÇÃO DE SEGURANÇA SOCIAL **COMUNICAÇÃO**

Assunto: - Armas e Munições apreendidas em poder de integralistas.

Levando-se ao Cartorio. 25.3.38

apreendida em 25.3.38

Transmito a V.S., a relação abaixo, do armamento e munições arrecadados em poder dos integralistas infra mencionados, sugerindo a V.S. que tal armamento seja remetido ao Cartorio da D.E.S.P.S., para fins de direito.

Eram detentores do material belico em apreço:

FRANCISCO ASSIS HOLLANDA LOYOLA (2º Ten.do Exército)

1 pistola "Parabellum", 1 pistola "F.N.", 2 granadas de mão, e 34 balas diversas.

MOACYR RODRIGUES MONTEIRO FONSECA (Comerciarrio)

1 Revolyer com a respetiva munição.

Os extremistas acima referidos estão recolhidos na Casa de Detenção.

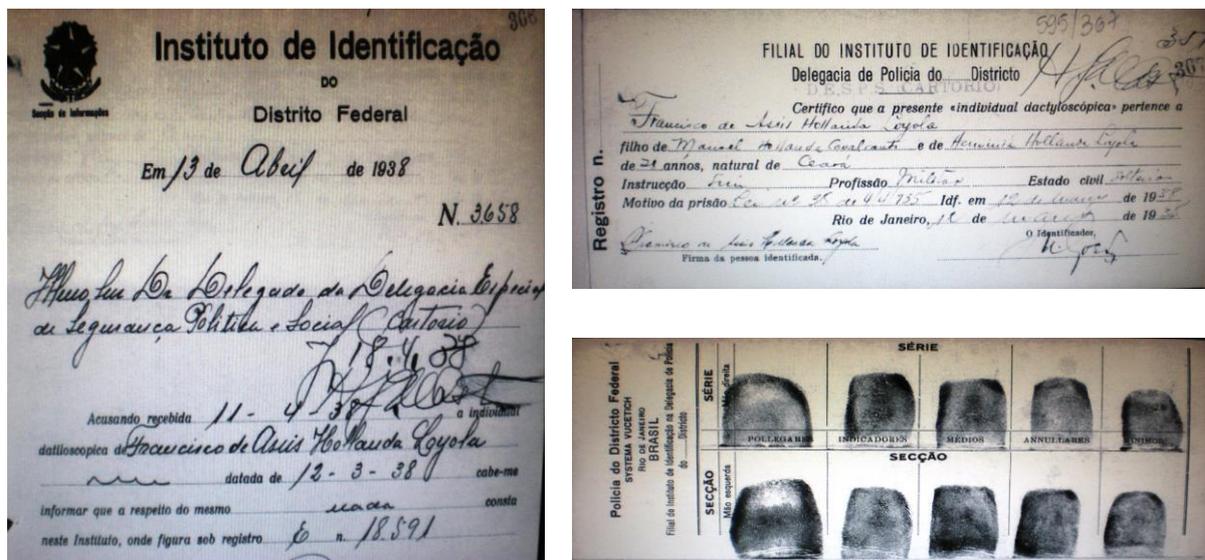
Rio de Janeiro, 25 de Março de 1938.

Fonte: Processo nº 595 (BRASIL, 1938)

³¹ Perturbação da ordem política ou social; agitação ou tumulto.

Deu entrada na Casa de Detenção desde 12 de março de 1938 (Figura 6). Ai permaneceu até o julgamento ocorrido em agosto do mesmo ano.

Figura 6 – Documentos de entrada de Francisco de Assis Hollanda Loyola na Casa de Correção em 12 de março de 1938



Nota: Esses documentos encontram-se anexados ao processo nº 595 (1938)

Fonte: Processo nº 595 (BRASIL, 1938)

Loyola é condenado a 7 meses e 15 dias de prisão (ANEXO G). Seus advogados recorrem e, em setembro de 1938, ele tem a pena reduzida para três meses de prisão celular.

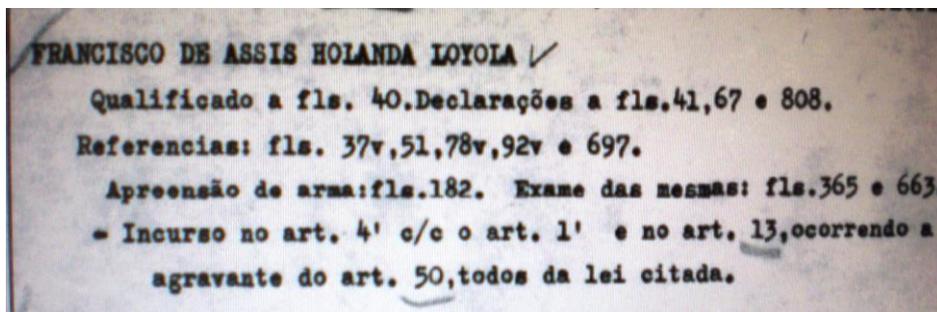
Seguindo a Lei nº 38, de 4 de abril de 1935,³² foi qualificado no art. 4º,³³ em concordância com o art. 1º,³⁴ e no art. 13,³⁵ ocorrendo agravante do art. 50.³⁶ (Figura 7).

³² A Lei nº 38, de 4 de abril de 1935, refere-se a crimes contra a ordem política e social (BRASIL, 1935).

³³ Art. 4º da Lei nº 38, de 4 de abril de 1935: “Será punido com as mesmas penas dos artigos anteriores, menos a terça parte, em cada um dos grãos, aquelle que, para a realização de qualquer dos crimes definidos nos mesmos artigos, praticar algum destes actos: aliciar ou articular pessoas; organizar planos e plantas de execução; aparelhar meios ou recursos para esta; formar juntas ou comissões para direcção, articulação ou realização daquelles planos; instalar ou fazer funcionar clandestinamente estações radio-transmissoras ou receptoras; dar ou transmitir, por qualquer meio, ordens ou instrucções para a execução do crime” (BRASIL, 1935).

³⁴ Art. 1º da Lei nº 38, de 4 de abril de 1935: “Tentar directamente e por facto, mudar, por meios violentos, a Constituição da Republica, no todo ou em parte, ou a forma de governo por ella estabelecida. Pena - Reclusão por 6 a 10 annos aos cabeças e por 5 a 8 aos co-réos” (BRASIL, 1935).

Figura 7 – Resumo dos locais onde Loyola é citado no Processo nº 595 (1938) e os artigos que justificam sua condenação



Fonte: Processo nº 595 (BRASIL, 1938)

Após o conturbado ano de 1938, sua prisão e condenação, possivelmente Loyola foi expulso do Exército,³⁷ não mais atuando como instrutor de Tiros de Guerra. Com a extinção da AIB, desde 1937, e a extinção do jornal *A Offensiva*, em 1938,³⁸ Loyola passa a publicar em um periódico específico da Educação Física, a Revista *Educação Physica*, na qual escreve de 1938 até 1944 (ano de seu falecimento) 132 artigos sobre diferentes temáticas: Pedagogia, ginástica, esportes, Educação Física masculina e feminina, moral, estética, educação dos sentidos, raça, higiene e escolarização.

Muito do que publica na revista segue os mesmos preceitos que vinha desenvolvendo no jornal. Se, no jornal, ele projeta uma Educação Física a partir de uma doutrina integralista, suspeitamos que esse ator continuou sua missão,

³⁵ Art. 13 da Lei nº 38, de 4 de abril de 1935: “Fabricar, ter sob sua guarda, possuir, importar ou exportar, comprar ou vender, trocar, ceder, ou emprestar, por conta própria ou de outrem transportar, sem licença da autoridade competente, substâncias ou engenhos explosivos, ou armas utilizáveis como de guerra ou como instrumento de destruição. Pena - De 1 a 4 anos de prisão celular” (BRASIL, 1935).

³⁶ Art. 50 da Lei nº 38, de 4 de abril de 1935: “E' circunstancia agravante, em qualquer, dos crimes definidos nesta lei, quando não for elementar do delicto, a condição de funcionario civil ou militar” (BRASIL, 1935).

³⁷ Em visita ao Ministério da Guerra (Rio de Janeiro), procuramos pela pasta de histórico militar de Hollanda Loyola, porém ela não se encontrava no local. Segundo os tenentes responsáveis pelo Departamento de Histórico Militar, quando não se encontra a pasta de um militar, é porque ele, possivelmente, foi expulso e essas pastas não mais ficam em poder do Exército e sim da Justiça. Esse é um indicativo de que Loyola tenha sido expulso. Outro indício é o fato de, após 1938, ele não mais assinar como instrutor de Tiros de Guerra, mas sim com ex-instrutor de Tiros de Guerra. Por fim, o próprio motivo de sua prisão, movimento subversivo de mudança pela força do regime vigente também é um indício.

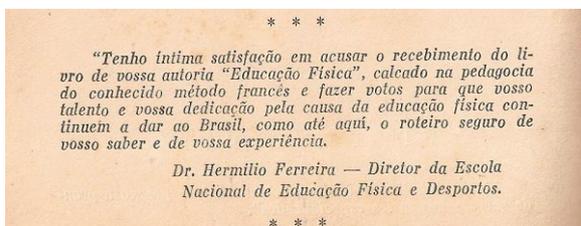
³⁸ Mesmo com a extinção da AIB, o integralismo não desapareceu. Permaneceu na clandestinidade, realizando reuniões e produzindo materiais.

“pregando” e divulgando alguns princípios com os quais já estava trabalhando nas fileiras integralistas, porém, em outro meio de circulação, no caso, a revista civil, já que, em 1938, estavam suprimidos os partidos políticos, bem como os meios de circulação e divulgação dos pressupostos desses partidos.

Na revista, foi editor, um dos diretores e responsável pelos momentos em que o impresso teve maior periodicidade, amplitude temática e estabilidade editorial (1938 a 1941). Após a entrada de Loyola para a redação do impresso, assumindo, posteriormente, a direção técnica, o periódico aumentou o número de publicações e alcançou a estabilidade. Durante esse período, foi quem mais escreveu artigos para a Revista, além de utilizar-se dela para publicar e divulgar seus livros. Publica na *Educação Physica* até 1944, ano de seu falecimento e momento em que a revista entra em crise, sendo extinta no ano seguinte, em 1945. Ainda para Schneider (2010), um dos motivos para o declínio e extinção dessa revista passa pela morte do seu diretor-técnico, Hollanda Loyola.

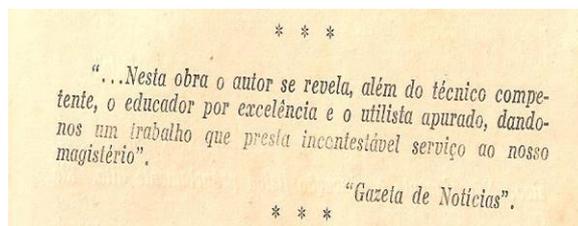
Como autor de livros, destaca-se ganhando prêmios nacionais pelo Ministério da Educação ao participar, com os livros *Educação Física* e *Jogos*, do concurso de Publicações sobre Educação Física (ANEXO H) e internacionais, concorrendo com mais de 200 livros de todas as Américas. Elogios às suas publicações premiadas e a seu trabalho com autor foram feitos por importantes jornais, revistas e personalidades na década de 1940 (Figuras 8 a 12).

Figura 8 – Declaração de Hermínio Ferreira – diretor da Escola Nacional de Educação Física e Desportos – sobre o livro *Educação Física: tratado de pedagogia*, de Hollanda Loyola



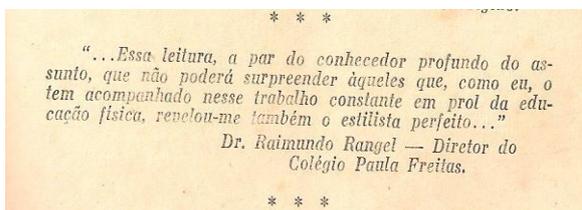
Fonte: LOYOLA (1941, p. 116).

Figura 9 – Publicação no *Gazeta de Notícias* sobre o livro *Educação Física: tratado de pedagogia*, de Hollanda Loyola



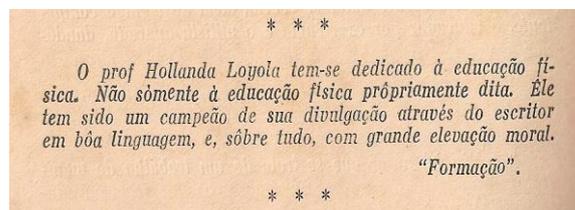
Fonte: LOYOLA (1941, p. 115).

Figura 10 – Declaração do Dr. Raimundo Rangel – diretor do Colégio Paula Freitas sobre o trabalho de Hollanda Loyola como autor e sobre seu livro *Educação Física: tratado de pedagogia*



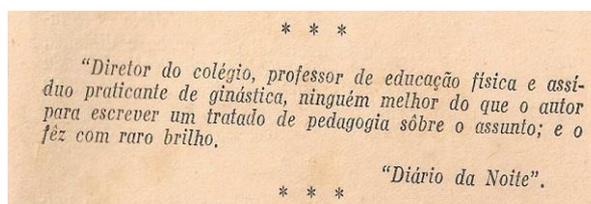
Fonte: LOYOLA (1941, p. 115).

Figura 11 – Publicação no *Formação* sobre o trabalho que Hollanda Loyola vem desenvolvendo na área da Educação Física



Fonte: LOYOLA (1941, p. 116).

Figura 12 – Publicação no *Diário da Noite* sobre o trabalho que Hollanda Loyola vem desenvolvendo com a Educação Física brasileira e sobre seu livro *Educação Física: tratado de pedagogia*



Fonte: LOYOLA (1941, p. 117).

Como professor de Educação Física, assume ainda importantes cargos, como: presidente do Departamento de Educação Física Superior da Associação Brasileira de Educação Física e inspetor de Educação Física do Ministério da Educação e Saúde.

Loyola é um ator que circula em diferentes lugares³⁹ e espaços⁴⁰ (Exército, Ação Integralista, Educação, Educação Física), ora caminhando e servindo à ordem vigente, ora formando alianças e lutando em prol de uma nova ordem, um novo governo. Ocupa *lugares* de poder como segundo-tenente do Exército, inspetor de Educação Física do Ministério da Educação e Saúde, presidente do Departamento de Educação Física Superior da Associação Brasileira de Educação Física. Ao

³⁹ “Um *lugar* é a ordem (seja qual for) segundo a qual se distribuem elementos nas relações de coexistência. Aí se acha portanto excluída a possibilidade, para duas coisas, de ocuparem o mesmo lugar. Aí impera a lei do ‘próprio’: os elementos considerados se acham uns *ao lado* dos outros, cada um situado num lugar ‘próprio’ e distinto que define. Um lugar é portanto uma configuração instantânea de posições. Implica uma indicação de estabilidade” (CERTEAU, 2004, p. 201).

⁴⁰ “Existe *espaço* sempre que se tomam em conta vetores de direção, quantidade de velocidade e a variável tempo. O espaço é um cruzamento de móveis. [...]. Diversamente do lugar, não tem portanto nem a univocidade nem a estabilidade de um ‘próprio’. Em suma, *o espaço é um lugar praticado*” (CERTEAU, 2004, p. 202).

mesmo tempo, circula em *espaços* periféricos e movimenta-se almejando outros *lugares* de poder, mais próximos dos seus princípios e anseios, como a AIB e os jornais e revistas em que publicava.

Dessa forma, podemos dizer que Loyola se articula estratégica e taticamente na luta pelos *lugares* de poder que anseia. Permanece nos *lugares* de poder que já conquistou, pois aí tem a estabilidade, podendo se utilizar da estratégia para impor seu ambiente e querer próprio. Para Certeau (2004, p. 99), como a estratégia é o cálculo das relações de força em que é possível um sujeito de querer e poder ser isolado, Loyola “[...] postula um *lugar* suscetível de ser circunscrito como *algo próprio* e ser a base de onde se podem gerir as relações com *uma exterioridade* de alvos e ameaças [...]”. Apesar de permitir ditar/impor, o agir estratégico, por sua vez, não dá mobilidade para galgar novos e diferentes *lugares* de poder, e é essa mobilidade que Loyola vai procurar ao agir taticamente nos *espaços* periféricos.

É partindo dos ensinamentos e conhecimentos adquiridos na formação militar (instrutor de Tiros de Guerra e instrutor de Educação Física) que Loyola passa a comandar a Milícia Integralista, a escrever para o jornal integralista *A Offensiva* e a publicar na Revista *Educação Física*, concorrente da Revista de Educação Física do Exército. Por vezes, essa movimentação aparenta uma certa incoerência, mas, se vista como uma tática de quem almeja um determinado *lugar* de poder, passa a ser compreensível. Segundo Certeau (2004, p. 97), ao utilizar das táticas os atores

Traçam ‘trajetórias indeterminadas’ aparentemente desprovidas de sentido porque não são coerentes com o espaço construído, escrito, e pré-fabricado onde se movimentam [...]. Elas circulam, vão e vêm, saem da linha e derivam num relevo imposto, ondulações espumantes de um mar que se insinua entre os rochedos e os dédalos de uma ordem estabelecida.

Permanecer vinculado, acumulando conhecimento e confiança dentro das Forças Armadas, ao mesmo tempo que permite a Loyola o agir estratégico, é também uma tática. Sendo a tática a arte do fraco, daquele que não tem um lugar que não seja o do outro, joga com o terreno que lhe é imposto, movimenta-se dentro do campo de visão do inimigo, Loyola

[...] opera golpe por golpe, lance por lance. Aproveita as ‘ocasiões e delas depende, sem base para estocar benefícios, aumentar a propriedade e

prever saídas. O que ganha não conserva. Este não-lugar lhe permite sem dúvida mobilidade, mas numa docilidade aos azares do tempo, para captar no vôo as possibilidades oferecidas por um instante. Tem que utilizar, vigilante, as falhas que as conjunturas particulares vão abrindo na vigilância do poder proprietário. Aí vai caçar. Cria ali surpresas. Consegue estar onde ninguém espera. É astúcia (CERTEAU, 2004, p. 100-101).

Hollanda Loyola faleceu em 4 de junho de 1944, aos 34 anos, interrompendo precocemente sua carreira. Ao que tudo indica, sofreu de uma impiedosa e pertinaz doença, lutando contra ela algum tempo. Mesmo muito doente, continuou escrevendo pela causa da Educação Física brasileira até a morte.

Muitas foram as homenagens prestadas ao professor, diretor e oficial Hollanda Loyola na revista *Educação Physica*. Essas deferências enalteciam a vasta e rica obra que o ator escreveu, mesmo falecendo prematuramente, ainda em idade jovial.

Morreu Hollanda Loyola! Desaparece, assim, um dos idealistas da educação física. Moço de sólida cultura, de belas qualidades morais e nobres dotes de espírito [...]. Seu nome é familiar a todos os que no Brasil, e mesmo fora dêle, a isso se dedicam. O seu falecimento prematuro não impediu que deixasse vultosa obra escrita e que sua vida passasse a ser um grande exemplo. Incontáveis são seus artigos em revistas técnicas e numerosos os livros de divulgação que produziu (EDUCAÇÃO PHYSICA, n. 81, p. 1).

Hollanda Loyola não existe mais. Na madrugada dos seus sonhos, quando imaginava, ainda, grandes cousas a realizar, belos problemas a resolver, desceu subitamente ao acaso da vida. Esta, porém, embora curta, quase meteórica – pois ele se extinguiu aos trinta e poucos anos – pode dizer-se que foi longamente vivida, pelo muito que concebeu e pelo muito que realizou (MEMÓRIA, n. 81, p. 2).

Seu reconhecimento foi nacional, como afirma Cerqueira (1945, n. 87, p. 32) “Não exagero dizendo que eras, sinão a maior, uma das maiores culturas esportivas do nosso Continente Americano e como tal dos mais lidos e apreciados”. E internacional, como podemos ver na *Educação Physica* (1945, n. 85, p. 15) a expressiva homenagem do professor *Humberto Diaz Vera*, elemento de destaque na direção da Educação Física do Chile. Demonstrando todo o respeito a Hollanda Loyola, escreveu um texto intitulado *Um muerto ilustre*, que foi publicado em duas revistas chilenas, o *Boletín de Educación Física Del Instituto de Educación Física de La Universidad de Chile* e o *El Mercurio*. No texto, aponta que conheceu Loyola em

1934 e, desde então, tornou-se amigo e admirador de seu trabalho e luta pelo melhoramento moral e físico da juventude do povo brasileiro.

Há muerto um camarada cuyo nombre no solo era conocido em su pátria sino también fuera de las fronteras. Su fallecimiento prematuro no há impedido que legara a La causa de La educación física uma copiosa literatura sobre los más variados temas Del esporte y de La educación física em general (EDUCAÇÃO PHYSICA, 1945, n. 85, p. 15).

Para muitos, a obra de Loyola não seria esquecida ou deixada de lado mesmo depois do seu falecimento, porque ele exalta o amor à pátria brasileira ao se preocupar continuamente em realizar um vasto programa que atenda às necessidades do presente e não perca de vista os problemas do futuro do País.

Hollanda Loyola! A tua magistral obra será continuada, porque encontrará entre os capazes professores de educação, homens decididos ao incremento profundo da ginástica em toda a parte onde ela se tornar imprescindível e necessária.

Hollanda Loyola! Para os teus amigos e leitores tu não morreste, porque deixaste uma bagagem vultuosa de obras nutridas e alentadas, as quais constituem obrigatoriamente utilíssimas fontes de consulta (CERQUEIRA, n. 87, p. 32).

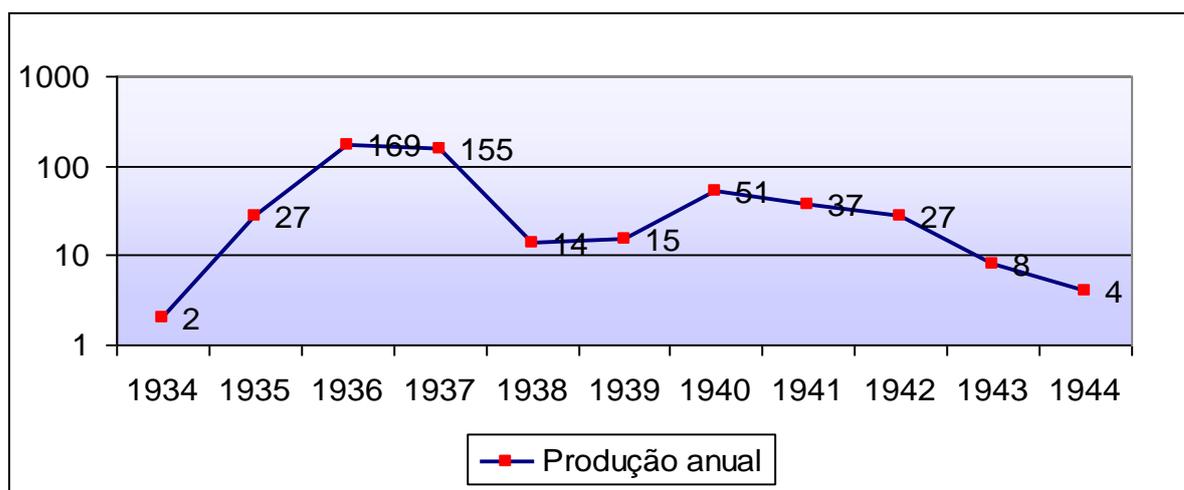
Com uma trajetória de vida curta, porém intensa, percebemos que Hollanda Loyola foi muito querido e admirado nos locais por onde passou, seja pela pessoa que era, seja pela obra que acumulou como defensor de uma Educação Física que melhorasse a raça e a juventude brasileira. Foi um ator que se utilizou da astúcia para acumular conhecimento e, em posse desse conhecimento, ganhou a mobilidade que lhe permitiu avançar e recuar nas trilhas que circundam a ordem estabelecida, lutando pelos seus interesses e desejos.

2.2 O TRABALHO COMO AUTOR E EDITOR

2.2.1 Ritmo de produção

Com sua ampla trajetória de formação, o que permitiu que circulasse por diferentes lugares e espaços, Hollanda Loyola foi capaz de escrever, entre 1934 e 1944, em três diferentes espaços de veiculação e circulação de saberes. No jornal integralista *A Offensiva* de 1934 a 1938, na revista *Educação Physica* de 1938 a 1944 e nos seus livros publicados entre 1938 e 1944. O gráfico a seguir busca dar a ver a forma e o ritmo de sua produção bibliográfica.

Gráfico 1 – Mapeamento do ritmo de produção de Hollanda Loyola (1934-1944)



Mapeando o ritmo de produção (Gráfico 1) de Loyola nos dez anos em que escreveu sua obra, percebemos que ele inicia em 1934 publicando apenas dois trabalhos e, nos dois anos seguintes, tem uma grande ascensão, passando a publicar 27 artigos em 1935 e 169 matérias⁴¹ em 1936. Estabilizando a alta produção, atinge, em 1937, o número de 155 matérias. O elevado número de publicações relaciona-se com o fato de, em 1936, Hollanda Loyola ter ganhado

⁴¹ Consideramos matérias as publicações de Hollanda Loyola na coluna organizada por ele, denominada *Chronica do dia*.

espaço para uma coluna própria dentro do jornal *A Offensiva*, onde escrevia diariamente sobre assuntos diversos.

Em 1938, sua produção no jornal volta a cair para 14 matérias, em decorrência da extinção de *A Offensiva* em abril, bem como de sua prisão em março desse mesmo ano.

Desse modo, Loyola passa a escrever em 1938 na revista civil *Educação Physica* que, a essa época, concorria com outros periódicos, dentre eles, a Revista de Educação Física (do Exército), para ser a voz autorizada dentro da área. No ano de sua entrada para a revista, apenas assina como editor e publica seu primeiro livro.

Em 1939, começa a ganhar espaço como redator, publicando 14 artigos e 1 livro. No ano seguinte, 1940, aumenta consideravelmente sua produção para 46 artigos e 5 livros. Esse foi seu ano auge no impresso, não só pelo fator quantitativo, mas pela relevância das obras produzidas.

Em 1941, inicia um declínio da sua produção, mas ainda mantém uma boa produtividade com 34 artigos e 3 livros. Caindo um pouco mais, em 1942, publica 27 artigos e um livro. No seu penúltimo ano de vida, por motivos desconhecidos,⁴² a produção de Loyola declina consideravelmente para oito artigos, encerrando seus escritos em 1944, somando três artigos e um livro.

A análise do mapeando da obra de Loyola nos dez anos em que escreveu nos indica também que seu ritmo de produção (Gráfico 1) relaciona-se diretamente com os ciclos de vida dos periódicos em que fez circular suas ideias. Tendo entrado para o corpo de redatores do jornal desde o primeiro ano de vida de *A Offensiva*, aumenta progressivamente seus trabalhos, na mesma medida em que o jornal ganha amplitude, estabilidade e circulação. Por sua vez, com o declínio do jornal aos fins de 1937 e início de 1938, em decorrência da extinção da AIB, declina também sua produção.

No caso da revista *Educação Physica*, além de o ritmo de produção de Loyola se relacionar com o ciclo da revista, esse ciclo, por sua vez, está associado, entre

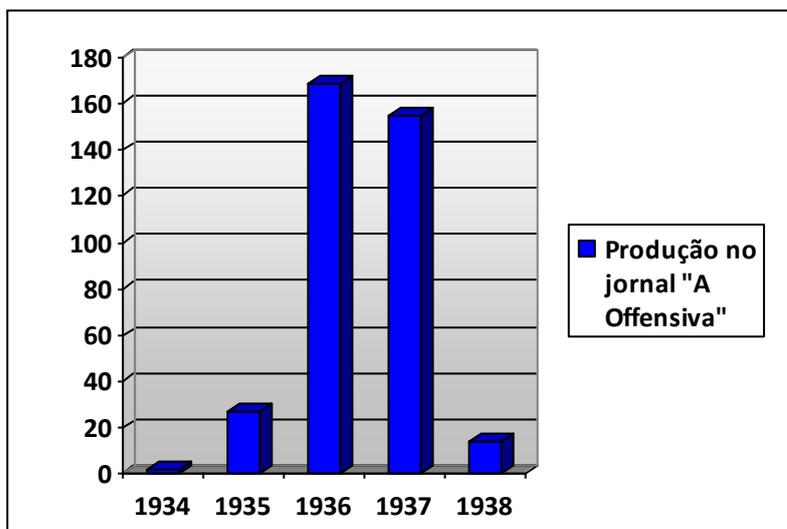
⁴² Suspeitamos que Loyola adoeceu ainda em 1943 e permaneceu lutando contra a enfermidade até julho de 1944, quando veio a falecer. A hipótese surge pela queda brusca na sua produção no ano de 1943.

outros fatores,⁴³ à entrada e presença de Loyola na revista. Foi após a sua entrada, em 1938, que a revista encontrou sua estabilidade e ampla periodicidade, bem como foi logo após o seu falecimento que ela se extinguiu. Os momentos de auge da revista são também quando observamos número elevado de publicações de Loyola. Estas, assim como no jornal, decaem com o declínio da revista.

2.2.2 Hollanda Loyola no jornal *A Offensiva*

Desmembrando a obra de Loyola em cada um dos locais em que fez circular suas ideias, conseguimos nos aproximar ainda mais de seu trabalho como autor. Desse modo, iniciamos pelo mapeamento de sua produção no jornal *A Offensiva* (Gráfico 2).

Gráfico 2 – Produção de Loyola no jornal *A Offensiva*



Em 1934, primeiro ano de circulação do jornal *A Offensiva*, Loyola já aparece em algumas reportagens, não como autor, mas como tenente com destaque nas solenidades de apresentação dos novos reservistas. Em alguns números, podemos encontrar notas, fotos,

trechos enaltecendo o trabalho desenvolvido pelo instrutor-técnico tenente Hollanda Loyola à frente das turmas de reservistas do Ginásio Vera-Cruz. O jornal *A Offensiva*, anno 1, n. 5 (14 de junho de 1934) destaca a solenidade de Juramento à Bandeira dos reservistas da E. I. M 26 no Ginásio Vera-Cruz, comandada por Loyola:

⁴³ Para maiores informações, ver Schneider (2010).

Revestiu-se de raro brilho a festa patriótica promovida no dia 11 corrente pelo Gymnasio Vera-Cruz, solemnizando o juramento à Bandeira da nova turma de reservistas da E. I. M. 26, com sede nâquelle educandário. A direcção do Gymnasio e o instrutor da Escola desenvolveram a maior atividade para que nada faltasse para brilhantismo do acto [...]. Realizou-se então o juramento. O tenente Hollanda Loyola leu-o e os novos reservistas repetiram-no. Cada rosto resplandecia de patriotismo e de fé nos destinos da pátria, e cada coração pulsava animado por uma sensação justa de regosijo (A OFFENSIVA, anno 1, n. 5, p. 8).

Em 1935, Loyola começa a ganhar espaço no jornal (26 artigos) passando a escrever para o impresso alguns textos que indicam o “Plano Geral de *Educação Physica*”, Esses eram publicados semanalmente, tendo início no n. 52, com intenções doutrinárias, abordando desde esclarecimentos conceituais sobre os termos “gymnastica”, “Sport” e “*Educação Physica*”, até planos e métodos.⁴⁴

Há uma preocupação em esclarecer com o leitor em que consiste cada método de ‘Educação Physica’ e qual é o mais indicado para o Brasil, traçando, o próprio Loyola, algo que considera mais adequado ao povo brasileiro. Outra preocupação do autor é que fiquem explicitados os diferentes exercícios físicos e práticas esportivas indicados para cada idade e sexo, assim como as diferenças fisiológicas entre eles (SIMÕES, 2009, p. 38-39).

De modo geral, esses textos são organizados almejando a elaboração de um plano geral de Educação Física que desse unidade ao ensino da Educação Física brasileira. Loyola acreditava que o crescimento da área, bem como o melhoramento da raça passavam pela unidade de doutrina.

Como integralista e pertencente a um grupo que lutava pelo poder, sabemos que essa proposição foi construída nas suas relações com esse grupo. Na época (1935), o objetivo do jornal era prioritariamente a divulgação da doutrina integralista de maneira uniforme entre os militantes de todo o País, modelo no qual em muito se enquadram os textos de Loyola. Afinal, eles indicavam uma proposta de modelo de Educação Física para a formação de uma raça forte e digna de representar o nosso país. Além disso, ao lutar pela unidade de doutrina na Educação Física como um dos pilares do integralismo, era também a luta pela unidade da doutrina integralista no Brasil.

⁴⁴ No APÊNDICE A, apresentamos a relação dos textos publicados por Loyola nessa primeira fase. Eles referem-se ao “Plano Geral de Educação Physica”.

Mesmo sendo militar e tendo se apropriado dos princípios básicos em Educação Física na EsEFEx, é nos meios integralistas que Loyola vai ressignificar, difundir e lutar pela importância da Educação Física na educação do povo brasileiro.

De 1936 a 1938, continua escrevendo para o jornal, porém num outro viés. Ganha uma coluna própria, intitulada *Chronica do Dia*, em que discutia uma gama de aspectos: as olimpíadas de Berlim, a direção dos clubes esportivos, a oficialização dos esportes, os problemas de arbitragem, os esportes nos colégios, os regulamentos esportivos, os campeonatos, dentre outros. Nesse momento, seu número de publicações cresce absurdamente, atingindo 169 matérias por ano em 1936 e 155 matérias em 1937. Em 1938, mantém a alta produção publicando diariamente até o último número do jornal que circulou (março de 1938).⁴⁵

Em 1936, o jornal entra numa nova fase, tirando de foco o propósito doutrinário e passando a dedicar muitas de suas páginas à campanha eleitoral, no intuito de aumentar o número de integralistas no poder. Com isso, Loyola também muda seu foco de publicação. Deixa de escrever sobre um “Plano Geral de Educação Física” e passa a publicar matérias diárias informando as novidades nacionais e internacionais no âmbito esportivo em geral. Seguindo a nova fase do jornal, Loyola, como integralista que almeja um *lugar de poder*, cria condições para o público leitor perceber como o Brasil está “atrasado” em relação às grandes nações e por isso necessitava de mudanças na Educação Física em geral. Como isso é escrito por membros integralistas, faz subentender que, com mais integralistas no poder, que estão “enxergando” as necessidades esportivas brasileiras, melhorias nesse sentido seriam realizadas.

Organizar sua coluna dessa forma foi a *tática* encontrada por Loyola para tornar-se voz autorizada na área. Ele, assim como os demais integralistas, ainda não detém o poder, porém almejava e lutava por isso. Escreve de forma sutil, como se estivesse apenas atualizando o povo brasileiro sobre os acontecimentos na área da Educação Física. Isso principalmente no final de 1937 e início de 1938, quando o arrocho e a fiscalização aos partidos políticos aumentavam.

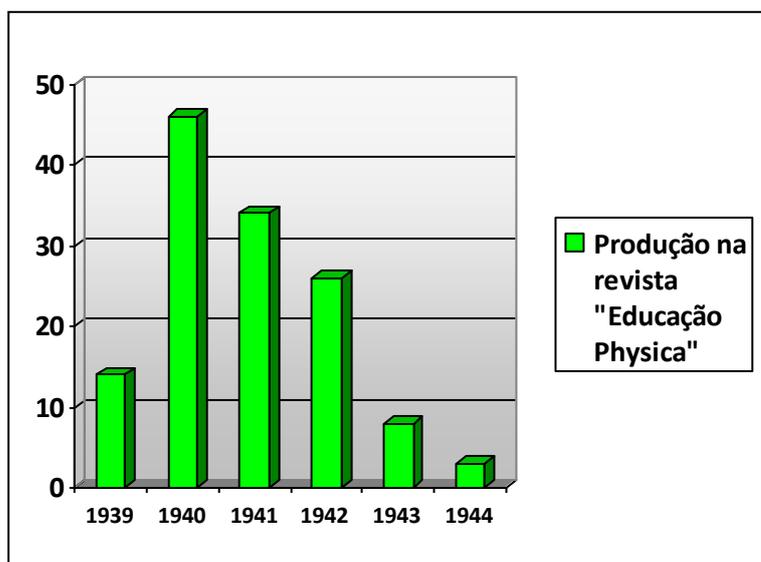
⁴⁵ No APÊNDICE B, indicamos os textos publicados por Loyola na *Chronica do dia*, no qual podemos perceber a variedade de assuntos que ele tratava nessa coluna.

2.2.3 Hollanda Loyola na revista *Educação Physica*

Com a extinção do jornal, em 1938, Loyola passa a publicar na revista *Educação Physica*. Nesse periódico, acumula 131 artigos até 1944 (Gráfico 3) quando vem a falecer.

Na revista, Hollanda Loyola prossegue com a sua obra na luta por um *lugar de poder*. Se, no jornal, o Governo Vargas era o centro do sistema, e os integralistas a periferia, na revista, a luta dos civis que organizavam a *Educação Physica* era para obter a voz

Gráfico 3 – Produção de Loyola na revista *Educação Physica*



autorizada, já que quem a detinha na época eram os Oficiais que publicavam na *Revista de Educação Física (do Exército)*.

Apesar de não publicar nenhum artigo no ano de sua entrada (1938) e apenas assinar como redator, para alguns autores, como Schneider (2010), foi a entrada de Loyola para o impresso o fator primordial para que o periódico encontrasse sua estabilidade com 12 publicações anuais, marcando assim uma nova fase.

Em 1939, com apenas um ano na revista, Loyola ganha espaço, publicando 14 artigos e se tornando diretor-técnico da *Educação Physica*. A partir desse momento, foi quem mais publicou e utilizou a revista para se tornar conhecido.

Analisando os textos que publicou na *Educação Physica* (APÊNDICE C) percebemos que, como membro ativo de um grupo que luta para que a revista seja reconhecida como órgão orientador da Educação Física brasileira, escreve, nesses

seis anos, seguindo rigorosamente as finalidades da revista.⁴⁶ Ao publicar sobre as atualidades na área da Educação Física nacional e mundial, *vulgarizou os princípios e despertou a atenção pública para a causa da Educação Física*; ao escrever sobre temáticas relacionadas com a Pedagogia, *incentivou a formação dos professores e coadjuvou o Governo e instituições particulares na execução de seus “programmas de educação physica”*; ao escrever sobre esportes, *favoreceu o surto de esportes, como fator de aperfeiçoamento da raça*; ao escrever sobre o patriotismo, *propagou os fins morais e cívicos das atividades físicas*. Com tudo isso, *promoveu a união entre indivíduos e entidade que propugnavam pelo progresso da Educação Física*.

A tática utilizada pela revista e também por Loyola foi jogar do lado do que ditava o Governo, sem radicalismos e sem grandes revoluções. Concordava e seguia o prescrito pelos Órgãos Oficiais para a Educação Física brasileira e utilizava-se das brechas para “sugerir” novos caminhos. Dessa forma, mostrava ao público leitor que não era inimigo do Governo, mas, pelo contrário, só queria ser parceiro na luta por uma Educação Física que se adequasse à realidade brasileira. Com isso, ia, sorratamente, defendendo suas orientações para a Educação Física nacional.

Desse modo, ele aprofundou na revista o que vinha pensando sobre um “Plano Geral de Educação Física”, durante o período em que era declaradamente integralista. Percebemos, na revista civil, que ele continuou divulgando e lutando pelos princípios que defendia anteriormente, sem, contudo se posicionar politicamente, já que os partidos políticos continuavam extintos por Vargas.

Se, no jornal, sua preocupação foi refletir aspectos teóricos sobre um “Plano Geral de Educação Física”, na revista, para além dos aspectos teóricos, atentou também em pensá-los na prática, no cotidiano das escolas, dos clubes, etc.

Em artigos separados, tratou de apresentar conceitos de educação integral, Educação Física; noções de como trabalhá-la nas escolas; especificidades de cada idade e sexo. Tudo isso, tendo como base o aperfeiçoamento da raça, propugnando, portanto, por um alto ideal de puro patriotismo.

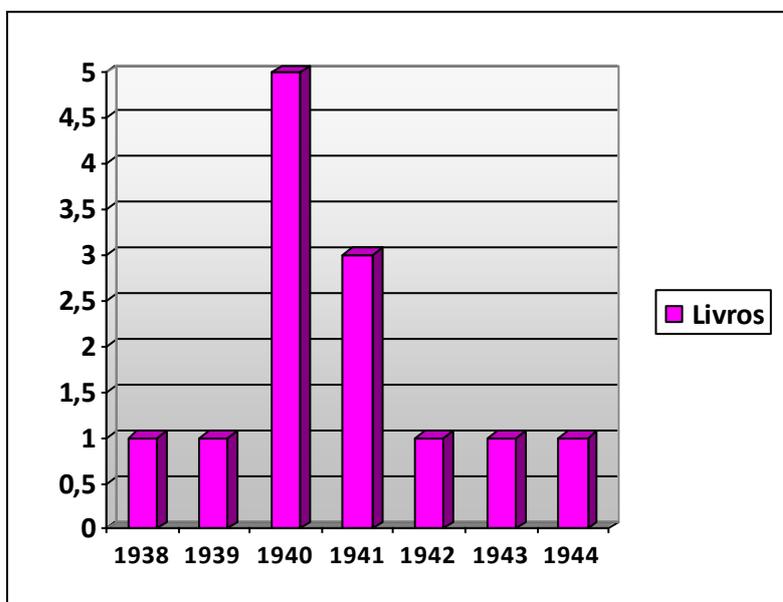
⁴⁶ Conforme já citado, desde o primeiro número da *Educação Physica*, eram publicadas nas primeiras páginas as finalidades da revista, como forma de orientar os seus objetivos gerais. Neste estudo, encontra-se no tópico 2.2 A revista *Educação Physica*.

Além disso, ao criar seções como as “Secções de Consultas”, em que respondia às dúvidas e aos questionamentos do leitor sobre a área, conquistou um público cativo o que era fundamental para um impresso comercial, mas, acima de tudo, apontava que a revista *Educação Física*, bem como as pessoas com ela envolvidas, eram capazes de um diálogo com a sociedade para refletir sobre a Educação Física brasileira, diferente do Governo que apenas “ditava” os modos como ela deveria ser implantada e desenvolvida nas escolas.

2.2.4 Hollanda Loyola e seus livros

Com o intuito de ampliar ainda mais a abrangência de suas obras, de forma que chegassem a diferentes públicos, Hollanda Loyola, em um trabalho intenso de editoração, amadurece o que vem produzindo no jornal e na revista e compila isso em seus livros publicados durante os anos de 1938 e 1944.

Gráfico 4: Produção de Loyola referente a livros



Procurando ser (re)conhecido para além do público leitor de um jornal integralista, de uma revista civil de Educação Física, Loyola investe também no mercado de livros, que abrange ainda um outro público de leitores, até mesmo pela forma material assumida por esse suporte.

Publicando seus livros no mesmo período em que escreve para a revista, percebemos que acompanha o ritmo de produção observado na revista (Gráfico 4). Publica seu primeiro livro em 1938, ano de sua entrada para a revista. Em 1939, escreve mais uma obra. Assim como na revista,

atinge seu momento auge em 1940, com o lançamento de cinco livros. Mantém um número alto de publicações em 1941 (3 livros) e volta a uma publicação anual nos três anos seguintes (1942, 1943 e 1944).

Trabalhamos, no Gráfico 4, com a quantidade de 13 livros (APÊNDICE D). Chegamos a esse número pela análise da revista *Educação Physica* que divulgava os livros da *Biblioteca Esportiva*. Apesar de, nesse momento, os indícios mostrarem a produção de 13 livros, não descartamos a hipótese de Loyola ter escrito mais números e ter divulgado por outros meios⁴⁷ que não fosse a revista. Mas, como não temos fontes precisas, optamos por trabalhar com os 13 livros.

A *Biblioteca Esportiva*, na qual Loyola divulgava seus livros, foi um dos empreendimentos do grupo que dirigia a revista *Educação Physica* e tinha o intuito de apresentar uma série de livros com destinação pedagógica, tanto relacionadas com a Educação Física como com outras áreas. Seriam publicados pela Cia. Brasil Editora.

'Educação Physica' interessada em contribuir com todos os seus esforços para a difusão da cultura physica e dos esportes em nosso paiz, tomou uma deliberação que esperamos ser bem acolhida.

'Educação Physica' publicará uma serie de livros que formarão uma serie denominada 'Biblioteca Esportiva'. Serão livros em formato commodo, linguagem clara, acessível a todos, versando sobre os diversos esportes, contendo ensinamentos technicos, regras, etc. (EDUCAÇÃO PHYSICA, apud SCHNEIDER, 2010, p. 135-136).

Como parte da estratégia editorial da revista dentro do projeto *Biblioteca Esportiva*, muitas das capas dos livros de Loyola seguem o mesmo formato ou utilizam imagens já veiculadas nas capas da revista *Educação Physica*.

⁴⁷ Ao manusear alguns de seus livros, percebemos que Loyola também divulgava suas obras por meio de seus próprios livros. Ele se utilizava da segunda capa dos livros para apresentar suas outras obras já publicadas ou que viriam a ser publicadas. Nesses espaços, encontramos, além dos 13 nomes indicados na revista *Educação Physica*, mais cinco livros editados também pela Cia. Brasil Editora. Entretanto, como não encontramos esses livros em bibliotecas ou sebos, ponderamos não contabilizá-los nesta pesquisa. Na época, era comum, a fim de mostrar amplitude de obras do autor, divulgar livros antes mesmo de eles serem lançados e, como Loyola faleceu pouco depois, pode ser que alguns desses livros nem tenham chegado a circular.

Figura 13 – Capa da revista *Educação Física* nº 16 (1938)

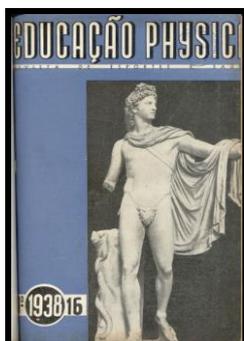
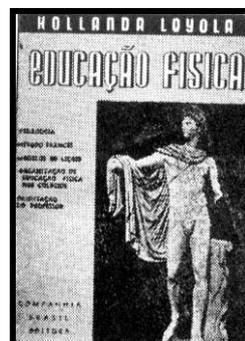


Figura 14 – Capa do livro de Hollanda Loyola *Educação física: tratado de pedagogia* (1940)



Nota: Na figura à direita temos a capa do livro de Hollanda Loyola *Educação física: tratado de pedagogia* (1940) seguindo tanto o formato como a imagem da capa da revista de nº 16 que se encontra na figura à esquerda.

Figura 15 – Capa da revista *Educação Física* nº 72 (1943)

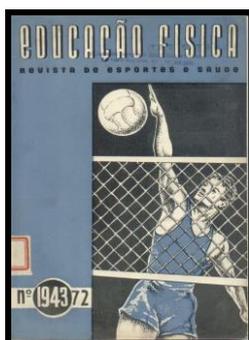
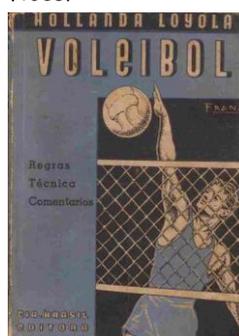


Figura 16 – Capa do livro de Hollanda Loyola *Volley Ball: regras e instruções* (1938)



Nota: Na figura à direita temos a capa do livro de Hollanda Loyola *Voleibol: regras e instruções* (1938) seguindo tanto o formato como a imagem da capa da revista de número 72, que se encontra na figura à esquerda

Figura 17 – Capa da revista *Educação Física* nº 51 (1941)

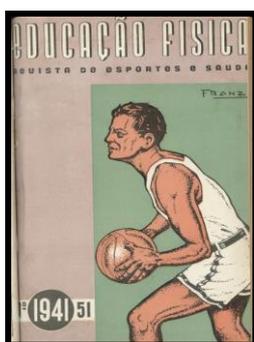
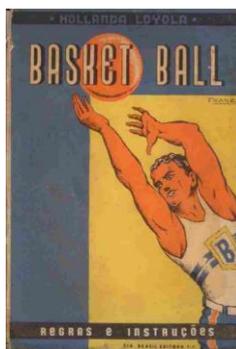


Figura 18 – Capa do livro de Hollanda Loyola *Basket ball: regras e instruções* (1941)



Nota: Na figura à direita temos a capa do livro de Hollanda Loyola *Basket Ball: regras e instruções* (1941) seguindo tanto o formato e o estilo da imagem da capa da revista n. 51 que se encontra na figura à esquerda.

Para Schneider (2010), o aproveitamento do *layout* das capas da revista faz parte de uma estratégia editorial utilizada pela editora que não se precipita no lançamento do desconhecido. Ao utilizar o mesmo *layout*, informa, indiretamente, que o autor daquele livro faz parte do grupo da revista *Educação Física* e já é conhecido por conter publicações no impresso. Dessa forma, é possível afirmar

[...] que os livros da coleção *Biblioteca Esportiva* nascem para capitalizar o reconhecimento que os autores já haviam conseguido por meio da Revista, uma vez que muito do que foi publicado em forma de livro previamente tinha sido veiculado no periódico e mesmo os autores são aqueles que anteriormente já tinham se tornado conhecidos ao publicar no periódico (SCHNEIDER, 2010, p. 140).

O autor/ator/editor Hollanda Loyola cria sua obra no formato livro, reorganizando as matérias já publicadas no jornal e na revista. Essa operação de reorganização faz todo sentido no mercado literário, pois o livro, ao contrário do jornal e da revista, não é um produto que se lê e descarta, mas é considerado com *status* elevado no mundo da cultura, pois é feito para se guardar em uma biblioteca, para ser consultado pelos professores e exibido para os curiosos.

Em relação às temáticas abordadas em seus livros, percebemos que Loyola dá especial atenção à discussão das diferentes modalidades esportivas. Dentro do projeto *Biblioteca Esportiva*, pensa em acumular uma série de livros sobre os esportes que se destinam

[...] a u'a maior divulgação da educação física e dos desportos dentro de um conceito mais amplo de educação, enquadrando-se numa finalidade social definitiva, utilitária. Não nos preocupam a erudição e a originalidade e sim, uma difusão sistemática e contínua de princípios elementares, tendentes a firmarem a unidade de doutrina necessária ao bom Êxito da educação e cujo setor nos consagramos [...]. Por enquanto nos satisfazemos em sistematizar métodos de exercícios e desportos dentro das normas didáticas e dos princípios pedagógicos que orientam a doutrina de educação física que adotamos e seguimos quase religiosamente (LOYOLA, 1938, p. 6-7).

Ao comparar o Brasil com as grandes nações, utiliza-se do desempenho esportivo para justificar o intenso desenvolvimento dessas nações, necessitando o Brasil de estudos e pesquisas que incentivassem melhorias no treinamento de nossos atletas. Tendo refletido sobre essas necessidades no jornal e na revista,

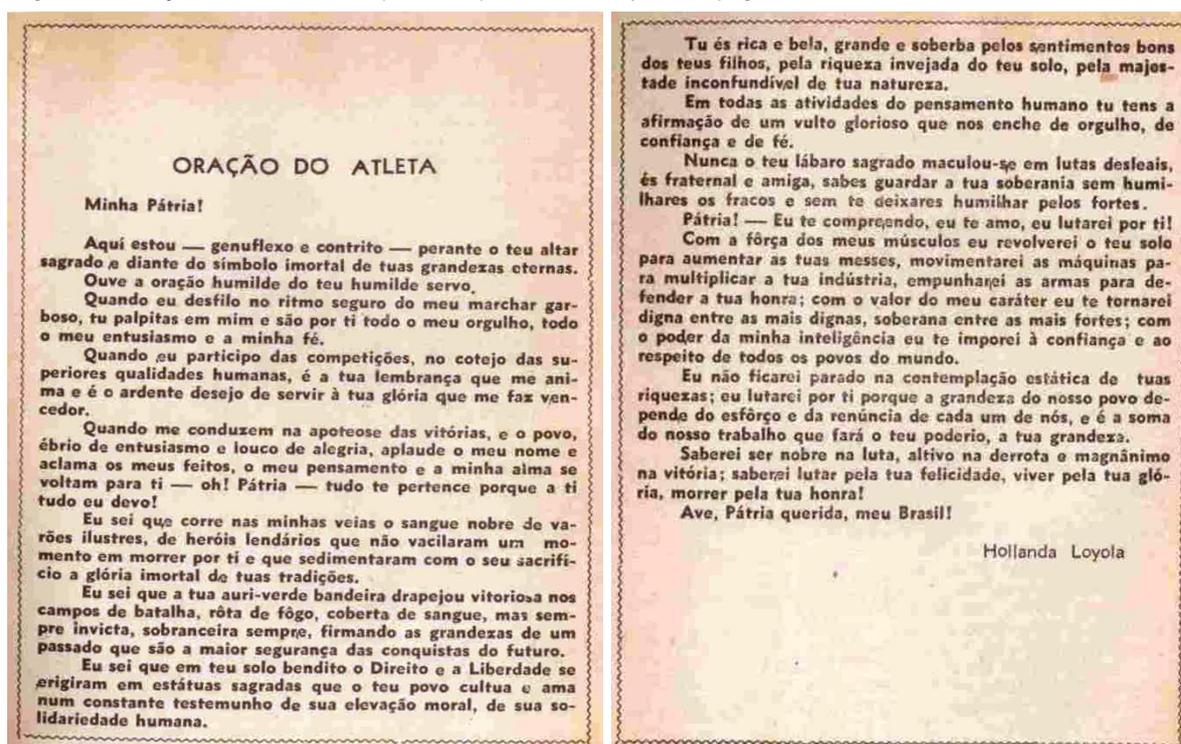
dedica-se a isso no seu trabalho como escritor de livros para a Educação Física e os esportes.

Além dos esportes, reflete sobre uma Pedagogia para a Educação Física. Ao reorganizar seus artigos já publicados, monta uma espécie de *Tratado de pedagogia*, concretizando a sua constante luta por uma unidade de doutrina na Educação Física brasileira que respeitasse as especificidades do País. Na apresentação desse trabalho, Loyola deixa clara a finalidade do livro:

Propagar, pois, a educação física, difundi-la introduzindo-a nos hábitos de vida dos nossos compatriotas, criando u'a mentalidade propícia ao seu desenvolvimento, popularizando as noções fundamentais de sua pedagogia e auxiliando todos aqueles que se interessam pelo seu ensino [...]. Tomando embora como base a Escola Francesa, não nos limitamos aos seus princípios; seguimos a moderna tendência do ecletismo, procurando em outras escolas o que julgamos mais aceitável para a aplicação em nosso meio (LOYOLA, 1938, p. 7).

Sua dedicação ao patriotismo também foi retratada em seus livros, que trataram do melhoramento da raça e responsabilidade dos atletas e professores de Educação Física. A *Oração do atleta*, publicada nas páginas iniciais de seus livros, demonstra sua preocupação com essa temática.

Figura 19 – Oração do Atleta escrita e publicada por Hollanda Loyola nas páginas iniciais de seus livros



Nota: Essa oração também foi veiculada nas páginas da revista *Educação Física*, n. 47, p. 9.
Fonte: LOYOLA (1941, p. 9-10).

O trabalho de Loyola, como autor e editor de livros, rendeu-lhe prêmios nacionais e internacionais. Em 1941, a revista n. 53 divulgou os prêmios que alguns livros da coleção *Biblioteca Esportiva* receberam do Ministério da Educação e Saúde. Dentre eles, estava *Educação física e jogos*, de autoria de Hollanda Loyola. O livro *Educação física*, juntamente com o *Tênis* foram premiados entre os 221 livros de todas as Américas que concorreram em concursos internacionais. Essas premiações foram enaltecidas nas páginas da *Educação Physica* como uma vitória “[...] que bem alto coloca o conceito de nossa cultura pedagógica e que muito recomenda o esforço e a inteligência dos nossos educadores” (EDUCAÇÃO PHYSICA, apud SCHNEIDER, 2010, p. 137).

Essas e outras informações veiculadas na revista *Educação Physica* nos permitem aproximação e visualização do trabalho de Hollanda Loyola como autor, porém é necessário enfatizar que estamos trabalhando com práticas de representação em que a revista sintetiza uma representação de práticas,⁴⁸ no caso de acúmulo de capital simbólico que passa pelo convencimento dos leitores de que eles possuem autoridade no campo da Educação Física para indicar os caminhos que a área deve seguir. Área essa composta por todos aqueles sujeitos que eles acreditam que são os consumidores da revista e também dos livros oferecidos na *Biblioteca Esportiva*. Na revista, anuncia-se a sua provável comunidade de leitores e se prescreve o porquê de o impresso ser necessário para esse grupo. Para Loyola, o periódico era necessário:

Aos **professores e técnicos** porque é uma biblioteca condensada de todos os assuntos relativos à sua profissão, através da qual poderão manter em dia os seus conhecimentos e aumentar o acervo de sua cultura especializada.

Aos **diretores de colégios** porque contem instruções oficiais comentadas e especificadas para o ensino da educação física nos estabelecimentos de ensino, facilitando-lhes assim uma direção racional e completa.

Aos **inspetores de ensino** porque os põe a par dos programas de ensino e dos meios que facilitam a fiscalização que lhes incumbe em todos os sentidos.

Aos **médicos** especializados em educação física porque publica as mais modernas teorias, observações e experiências sobre a medicina em geral aplicada à educação física e aos desportos.

Aos **alunos** de todos os cursos de educação física porque contem instruções, estudos e observações sobre todas as matérias adotadas nos cursos da Escola de Educação Física e Desportos.

⁴⁸ Que por vezes não revelam o real, mas apenas algo sobre o real.

Aos **pais de família** porque cogita, de fôrma particularizada, da educação integral dos seus filhos.

A **todos** enfim, que se interessam pela sua própria saúde, pela conservação de suas qualidades físicas desenvolvidas e pelo aperfeiçoamento de suas qualidades morais (EDUCAÇÃO PHYSICA, 1940, n.38, p. 80).

Do modo como o impresso é apresentado e prescrito para ser consumido pelos leitores, poucos seriam aqueles que estariam livres da urdidura tecida na revista, para se manter circulando e como projeto comercial/editorial viável. Esses sentidos aplicados à revista, como pode ser percebido, também são aplicáveis aos livros, uma vez que a *Biblioteca Esportiva* era uma extensão do projeto comercial/editorial da Companhia Brasil Editora, empresa que chancelava o empreendimento político materializado no seu investimento de organização da cultura.

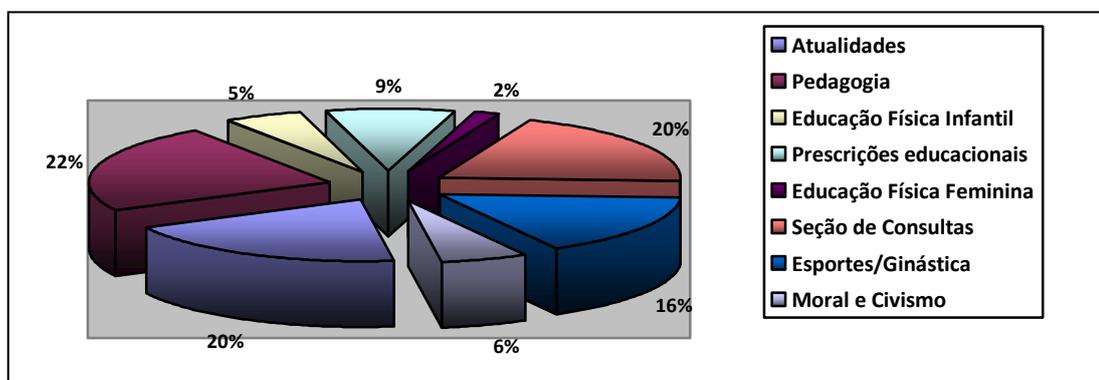
3º CAPÍTULO

3 HOLLANDA LOYOLA E A EDUCAÇÃO FÍSICA BRASILEIRA: REFLEXÕES PEDAGÓGICAS E PRESCRIÇÕES EDUCACIONAIS

Nos diferentes espaços em que fez circular suas ideias, Hollanda Loyola publicou sobre diferentes temáticas. Refletindo sobre assuntos da Educação Física correntes a época, porém em consonância com as lutas de representação travadas pelos impressos em que escreveu, Loyola constrói o seu discurso referente à Educação Física. Podemos perceber que falar/escrever sobre essas temáticas possui sentido quando perspectivamos sua atuação como agente ativo que busca a modificação da cultura brasileira, que, para ele, passa pela irradiação da Educação Física e dos esportes, atividades consideradas civilizatórias e fomentadoras de uma moral patriótica.

Diante do conhecimento a que teve acesso, nos meios militar, integralista, civil (A.C.M.) construiu procedimentos de consumo próprios, que o ajudaram a optar por escrever sobre determinados temas. Em um exercício de categorização desses temas, apresentamos o gráfico a seguir, o qual nos ajuda visualizar a amplitude de sua obra:

Gráfico 5 – Categorização dos trabalhos publicados por Hollanda Loyola nos diferentes espaços de circulação em que atuou entre 1934 e 1944



Investigando os temas trabalhados por Loyola nos diferentes espaços em que fez circular suas ideias, conseguimos elaborar oito diferentes categorias (Gráfico 5). Dessas, pudemos observar que, apesar de manter uma certa uniformidade quantitativa entre os temas, sobressaem as seguintes temáticas: *Pedagogia*, *Atualidades* e *Seção de Consultas*, e *Esportes/Ginástica*.

Consideramos na categoria *Pedagogia* todos os textos em que Hollanda Loyola procurou refletir uma proposta pedagógica para a Educação Física brasileira. Essa é a primeira temática desenvolvida por Loyola, ainda no jornal em 1934. Além de ser a primeira, foi aquela a que ele dedicou a maior parte de sua obra. Acreditamos que tem relação com a carência encontrada por Loyola na sua formação inicial em Educação Física, já que, como vimos, o currículo da EsEFEx, bem como o que se discutia sobre Educação Física na década de 1930 careciam de reflexões pedagógicas.

Nada de imitações grosseiras, de inovações absurdas, de missões extravagantes – temos inteligência e capacidade – estudos, pois, a raça e o meio e appliquemos um methodo de bases pedagógicas perfeitamente definidas e compreendidas, um methodo que corresponda ás nossas necessidades hygienicas, eugenichas e sociaes (LOYOLA, 1935, n. 53, p. 4).

Suas reflexões pedagógicas perpassavam pela definição de Educação Física, bem como suas finalidades, importância, métodos, planos gerais (que contemplassem todas as idades, sexo e fases da vida). Além de discussões mais pontuais, como a organização e direção da Educação Física em um estabelecimento de ensino, temos a organização do registro geral de instrução de Educação Física nos colégios, a função do professor de Educação Física, o dever do magistério, dentre outras.

Além disso, como integralista, pertencente a um grupo que tenta impor a sua concepção de mundo, valores e princípios que são próprios, compreendermos que o esforço de refletir um modelo pedagógico que desse unidade da doutrina da Educação Física relaciona-se com a materialização de um projeto cultural defendido pelos integralistas.

Os outros dois temas que ganharam destaque na nossa categorização foram *Atualidades* e *Seção de Consultas*. O primeiro engloba os textos em que Loyola

procurou apresentar o que percebia acontecendo no Brasil e no mundo, em relação à Educação Física: inauguração de novos estádios, clubes, desfiles, promulgação de leis, atualidades sobre as Olympiadas, dentre outros. Essa categoria refere-se principalmente às suas publicações na *Chronica do Dia*, coluna pela qual era responsável no jornal *A Offensiva*, entre 1936 e 1937.

São exemplos de algumas dessas *Chronicas*: *Pacifiquemos o sport*, *Campeonato dos tiros*, *Os atletas de amanhã*, *O carnaval e o sport*, *O escotismo e seus novos rumos*, *O Brasil na Olympiadas*, *A semana da nataçãõ*, *Nossa representação em Berlim*, *As paradas atheticas*, *A parada do dia da raça*, *Um campeonato mundial no Brasil*, *Raul Roulien é brasileiro!*, *Sport e instrucção militar*, *Propaguemos os outros esportes*, *O exemplo de Nichtheroy*, *Novas Conquistas*, *A advertência do Vaticano*.

Já a *Seção de Consultas* se refere a uma coluna criada e mantida por Loyola na revista *Educação Physica* para intercâmbio com os leitores. Nessa coluna, os leitores enviavam suas dúvidas, questionamentos sobre qualquer assunto da área que eram respondidos por Hollanda Loyola. Conforme o autor

Em face das constantes consultas que nos fazem do interior e desta capital sobre assuntos e curiosidades relativas á educação física, resolvemos, atendendo não só a vários pedidos como á amplitude do nosso programa de vulgarização de tudo o que se relacione com a educação e saude, crear esta Secção destinada a responder a todas as perguntas que nos enviarem sobre pedagogia da educação física, tecnica desportiva, medicina especializada, higiene e fisiologia aplicadas á educação física, biometria, ortopedia, massaterapia esportiva, historia do esporte e da educação física, novidades nacionais e mundiais sobre os mesmos, organização e direção desse ensino em qualquer instituição, informação sobre métodos, livros, revistas e autores (LOYOLA, 1939, n. 34, p. 62).

As seções geralmente seguiam o padrão dos exemplos abaixo indicados:

Joel Mota – Santa Cruz – Ceará – Quando foram restabelecidas as Olimpiadas? – Os jogos olímpicos, após um movimento entre os estudantes da Sorbone, chefiados pelo Gão-Duque Wladmir secundado por George Bourdon, Jusserand e Pierre de Coubertin em 1892, foram restabelecidos em 1894, realizando-se a 1ª Olimpiada, com um preito á cultura imortal da civilização helênica, em Atenas, na Grécia (LOYOLA, 1939, n. 35, p. 66).

Abdias Melo – São Paulo – Qual deve ser a duração dos exercícios para creanças de 4 a 9 anos? – A lição deve durar de 15 a 25 minutos assim distribuídos: Sessão preparatória – de 3 a 5 minutos; Lição

propriamente dita: de 10,5 a 17,5 minutos; Volta á calma: de 1,5 a 2,5 minutos (LOYOLA, 1939, n. 34, p. 62).

Na sua atuação no jornal e depois na revista, é possível perceber que ele compreendia no periodismo as possibilidades de conquista de novos militantes (no caso do jornal) e leitores (no caso da revista), por estarem ambos lutando por *lugares de poder* que lhes dessem voz autorizada. Escrevendo sobre essas duas temáticas, Loyola dialoga com o público leitor e mostra que tanto os integralistas, como o grupo de civis⁴⁹ que organizavam a revista se preocupavam com ele. Além disso, ele próprio ganhava reconhecimento na área da Educação Física, fazendo-se circular por todos os cantos do Brasil.

A terceira categoria com o maior número de publicações é *Esportes/Ginástica*. Esta se relacionava com os textos que Loyola escreveu sobre determinadas modalidades esportivas e a correta execução de alguns movimentos ginásticos. Tendo observado e reconhecido o atraso dos atletas brasileiros nas competições mundiais à época, Loyola se dispõe principalmente, em seus livros, a conhecer os aspectos teóricos e práticos dos esportes, principalmente aqueles ainda pouco conhecidos pelo povo brasileiro, como *jiu-jitsu*, *rugby*, dentre outros. Vislumbra no esporte a grande contribuição da Educação Física para a formação do homem forte, representante da nação brasileira.

Todos podem praticar um pouco de esporte. E devem fazê-lo pelo bem da saúde e pela recreação do espírito, não só ainda por êste bem imediato de valor inestimável, mas, acima de tudo, para que o hábito salutar de uma vida higiênica e movimentada se perpetue pelas gerações vindouras, contribuindo para a melhoria da espécie e para felicidade do povo (LOYOLA, 1944, p. 7).

Ao praticar o seu esporte e ao fazer sua ginástica, lembre-se de que não está apenas pleiteando um benefício para a sua pessoa, mas prestando um grande serviço à coletividade. Anime-se com êste pensamento altruísta e prossiga. Colabora conosco. Será a maior recompensa ao nosso esforço

⁴⁹ Schneider (2003, p. 44) nos mostra que “[...] algumas das pessoas que trabalhavam na *Revista* já possuíam experiência na área editorial, seja produzindo livros sobre Educação Física, seja trabalhando como diretor ou redator em outros periódicos, ou exercendo funções de jornalista. Mas, apesar de haver pessoas já com alguma experiência na área editorial, ao que parece, o convite ou contrato para exercer cargos na *Revista* não se dá apenas em função do que ela designa de “[...] os elementos mais representativos e de maior autoridade e competência” (EDUCAÇÃO PHYSICA, 1932, n. 1, p. 3), pois, se essas competências existem, elas não estão diretamente ligadas ao setor editorial [...] mas exercem cargos públicos e de representatividade na sociedade. São professores de ginástica, advogados, médicos, diretores de colégios e clubes, técnicos em esportes e inspetores de ensino”.

em prol da educação física no Brasil, pelo bem de nossa mocidade, pela glória do nosso povo (LOYOLA, 1944, p. 9).

Não menos relevantes estão as categorias: *Educação Física Infantil, Educação Física Feminina, Prescrições educacionais e Moral e Civismo*.

Como um dos pioneiros a discutir a necessidade de uma Educação Física específica para a Infância, Loyola publica textos referentes a essa temática na revista e em seus livros:

É na infância que a intervenção da educação física, visando o aperfeiçoamento físico e moral do indivíduo e o melhoramento da raça, se processa com maior êxito e é rara esta fase fundamental da criatura humana que se deve voltar a mais cuidada atenção dos pais e dos professores, do lar e da escola [...]. Cumpre também notar, a par do reconhecimento da importância da educação física para a infância, que esta educação possui regras especiais, processos diferentes das normas seguidas na educação física do adolescente e do adulto, [...] (LOYOLA, 1940, n. 41, p. 37).

Apesar de destacada aqui como uma categoria isolada, muitas discussões sobre Educação Física Infantil podem ser encontradas quando Loyola discute os temas pedagógicos, já que uma proposta pedagógica para a Educação Física inclui todos os níveis educacionais (da infância a velhice).

São exemplos dessa temática na revista *Educação Physica* os títulos: *Educação física infantil (dos 4 aos 6 anos); Educação física infantil: período pré-escolar; Educação física infantil: segunda infância; Educação física infantil: terceira idade; Ginástica para o bebê*, dentre outros.

Com as intensas modificações educacionais ocorridas na década de 1930, um novo público de leitores surge, como o público feminino. Aproveitando-se disso para fazer circular suas ideias também a esse novo público, escreve sobre uma Educação Física para as mulheres. Tendo as mulheres grande valor e prestígio na doutrina integralista, Loyola discute essa temática principalmente no jornal e as propaga posteriormente na revista, o que indica que continua com seus propósitos integralistas, mesmo após a extinção da AIB.

Discutindo a Educação Física Feminina no jornal, podemos encontrar: *Educação Physica XIX: para a mulher; Educação Physica XX: para a mulher; Mulher no sport; A mulher e o sport*. Na revista, por sua vez, há títulos como: *A educação*

física e a mulher; Pode a mulher praticar futebol e a Importância da educação física feminina.

Tendo destacado no jornal os aspectos teóricos de um “Plano Geral de Educação Física”, procura na revista refletir como pensaríamos esse plano nos aspectos práticos. São esses textos que incluímos na categoria Prescrições educacionais, já que eles são exemplos de lições de Educação Física para todos os ciclos educacionais.

Iniciamos neste número uma série de Lições de Educação Física para as vossas escolas de acordo com o programa de ensino do Ministério da Educação. Em cada número publicaremos uma lição com as respectivas sessões de estudo destinada a cada grão de cada ciclo (LOYOLA, 1939, n. 35, p. 62).

As *Lições de educação física* eram espécies de planos de aula detalhados com descrição: idade, duração, local, material e a aula propriamente dita. Apareciam intitulos: *Lição de educação física: 3º ciclo elementar; Lição de educação física: ciclo secundário – 1º grau; Lição de educação física: ciclo secundário – 2º grau; Lição de educação física: ciclo superior; Lição de educação física: tipo para junho;* dentre outros.

Com os princípios higienistas, eugenistas e patrióticos acumulados em toda a trajetória de formação de Loyola, desde a formação na escola militar, não nos surpreende que esse ator dedique muitos de seus escritos a essa temática na categoria *Moral e Civismo*.

Principalmente na revista, encontramos títulos como: *Educação moral; O exemplo do velho John; Força da nacionalidade; O desfile dos atletas; Instrução moral e cívica; Amor à Pátria;* e alguns outros que enaltecem a necessidade de

[...] as qualidades morais do cidadão brasileiro serem integradas as qualidades físicas do atleta, formando o homem integral capaz de realizar a grande Nação Brasileira que todos nós sonhamos com entusiasmo e queremos com orgulho. E ninguém mais indicado para o ensino moral e cívico do que o professor de educação física (LOYOLA, 1940, n. 48, p. 9).

Diante dessas passagens que demonstram a amplitude dos interesses de Loyola, percebemos que esse ator discutiu temas pertinentes ao momento histórico em que viveu, ao que considerava relevante, movimentando-se e sabendo a todo

momento se posicionar, para ser lido, visto e reconhecido como autoridade para poder participar e indicar um caminho a seguir pela Educação Física no Brasil, o que nos ajuda a perceber as lutas de representações e as ações sutis que emprega para tornar suas representações compartilhadas pela comunidade de leitores que se aproximam de seus escritos para serem formados, orientados sobre o melhor caminho a seguir nas práticas de consumo da cultura esportiva e emprego das prescrições no campo educacional.

Como nossa opção, neste estudo, foi investigar as reflexões pedagógicas e prescrições educacionais desenvolvidas por esse ator/autor/editor para a Educação Física, em especial para a Educação Física Infantil, nas décadas de 1930 e 1940, analisaremos, de forma mais pormenorizada, dentre as oito temáticas categorizadas, os estudos de Loyola que versam sobre a Pedagogia e Educação Física Infantil.

3.1 HOLLANDA LOYOLA E A PEDAGOGIA

A temática *Pedagogia e prescrições educacionais* foi alvo de muitos trabalhos escritos por Loyola, no jornal *A Offensiva*, na revista *Educação Physica*, e em seus livros, o que demonstra a relevância do tema em toda a obra do autor. Ele inicia suas *reflexões pedagógicas* em 1934 no jornal, retoma-as na revista entre 1938-1942, para serem amadurecidas e reorganizadas na publicação de um livro em 1940.

Com o intuito de compreender as representações sobre uma Pedagogia para o ensino da Educação Física construída e difundida entre as décadas de 1930 e 1940, faremos uma entrada pelo micro, investigando as práticas de apropriação de Hollanda Loyola sobre Pedagogia aplicadas à Educação Física.

É no jornal *A Offensiva* que Loyola publica suas primeiras reflexões pedagógicas. Isso acontece no decorrer de todo o ano de 1935, quando o jornal se encontra em sua primeira fase, circulando semanalmente com a proposta doutrinária. O propósito do jornal em 1935 era construir e divulgar a doutrina integralista, e um dos pilares dessa doutrina perpassava pela educação dos sentidos

dos militantes integralistas sobre o valor da prática da Educação Física (ginástica), dos esportes e do melhoramento da raça.

Para a pesquisa, essas prescrições são representações, vestígios de práticas e sinais que indiciam a utensilagem utilizada por Loyola para projetar a Educação Física brasileira, que em muito deixa perceber os ideais da unidade de doutrina difundidos pelos integralistas. Para ele, a Educação Física fazia parte da educação integral (física, moral e intelectual) e, assim, necessitava da Pedagogia para ser significada no campo educacional. De modo geral, seus artigos são guiados pela necessidade que visualizava de termos no Brasil uma unidade de doutrina para a Educação Física.

Loyola escreve 21 artigos (Tabela 1) esclarecendo os conceitos do termo Educação Física. Ao mesmo tempo, também sugere os métodos que considerava serem os mais propícios para a implantação da Educação Física nas escolas. Ele trabalha suas prescrições buscando montar um “Plano Geral de Educação Physica” que fosse mais indicado às especificidades da população brasileira. Loyola acredita que a contribuição da Educação Física na formação do cidadão brasileiro só poderia se efetivar com sucesso se existisse no Brasil uma uniformidade de ensino dessa disciplina e, para que isso ocorresse, fazia-se necessário refletir sobre um plano nacional com métodos próprios que respeitassem as idades, sexos e características do brasileiro.

A seguir, na Tabela 1, podemos verificar o ciclo de matérias que ele escreve sobre o tema Pedagogia e sua aplicação nas aulas de Educação Física.

Tabela 1 – Loyola e suas reflexões pedagógicas no jornal *A Offensiva*

Ano	Número	Título
1935	52	Educação Physica I
1935	53	Educação Physica II
1935	54	Educação Physica III: definição e importância
1935	55	Educação Physica IV: definição e importância
1935	56	Educação Physica V: finalidades
1935	57	Educação Physica VI: methodos
1935	58	Educação Physica VII: methodos
1935	59	Educação Physica VIII: methodo Frances
1935	60	Educação Physica IX: methodo Frances
1935	61	Educação Physica X: considerações gerais
1935	62	Educação Physica XI: plano geral
1935	63	Educação Physica XII: plano geral
1935	64	Educação Physica XIII: plano geral
1935	65	Educação Physica XIV: plano geral
1935	66	Educação Physica XV: plano geral
1935	67	Educação Physica XVI: plano geral
1935	68	Educação Physica XVII: plano geral
1935	69	Educação Physica XVIII: plano geral
1935	70	Educação Physica XIX: para a mulher
1935	71	Educação Physica XX: para a mulher
1935	72	Educação Physica para a mulher

No exercício de confecção desse “Plano Geral de Educação Physica”, Hollanda Loyola escreve justificando a necessidade de um plano nacional de Educação Física que desse uniformidade a essa área. Ele critica o fato de a Educação Física brasileira andar tão devagar com apenas algumas atitudes isoladas e momentâneas, tudo muito longe de uma uniformidade. Acha pura preguiça de pensar, eterna mania de imitação, comodismo, segundo o autor, ainda utilizarmos métodos elaborados em outros países, sem reflexão, que possuíam pouco relação com as necessidades do Brasil.

Sua luta é contra a heterogeneidade de princípios e contra a diversidade de doutrinas, pelo fato de isso ser “[...] profundamente prejudicial á formação de uma nacionalidade nova, cohesa, indivisível, principalmente quando essa nacionalidade só tem a favor de sua unidade, coesão, indivisibilidade e, um factor – a boa vontade, o patriotismo e a grandeza moral do povo brasileiro” (LOYOLA, 1935, n. 53, p. 4).

De acordo com os ideais de melhoramento da raça correntes à época, pregados e difundidos pelas propostas eugenistas, Hollanda Loyola justifica a necessidade de se pensar uma Educação Física única que auxiliaria no fortalecimento da Nação, o que poderia ser realizado com a introdução da Educação

Física e dos esportes na cultura nacional. Nesse sentido, ele apresenta sua proposta:

Das columnas de A OFFENSIVA queremos prestar a realização effectiva e util de um plano nacional de educação physica que vise de facto o melhoramento de nossa raça. Encerrando aqui a introdução do trabalho que pretendemos publicar. Seguir-se-ao outros artigos de ordem technica nos quaes estudaremos a educação physica, seus methodos e sua aplicação, esboçaremos o nosso plano em função do nosso clima, do nosso povo e de nossa formação política, de fórmula a ser alcançado por todos aquellos que, tendo uma superior concepção de patriotismo, se interessam pela solução dos graves problemas de nossa nacionalidade. Cremos contar com a compreensão de todos, porque só pela fortaleza da raça será o Brasil grande e forte! (LOYOLA, 1935, n. 53, p. 4).

Tendo justificado e apresentado sua proposta, Loyola discute ainda a definição e importância da Educação Física, suas finalidades e seus métodos. Tudo isso em um exercício contínuo de pensarmos numa Educação Física homogênea e específica para o Brasil. Para tanto, primeiramente, não podemos, em cada região, dar um nome e uma definição diferente para o que venha a ser a Educação Física. Temos que ter claro, segundo Loyola, que os termos “gymnastica”, “cultura physica” e “Sport” não são sinônimos de Educação Física. Esta é mais ampla e

[...] integra os exercícios physicos na educação geral do individuo, a qual não póde faltar o concurso da saúde, da integridade dos órgãos e do equilíbrio orgânico [...]. Nem gymnastica, nem cultura physica, mas educação physica – preparação, adaptação, correcção e utilização dos elementos physicos para a formação physica e consequentemente preparo intelectual e equilíbrio moral; fazer do corpo o que recommendava Augusto Comte – o pedestal do cérebro (LOYOLA, 1935, n. 54, p. 6).

Essa definição de Educação Física nos aponta que parte das reflexões e das propostas de Loyola para a Educação Física brasileira toma como referência alguns autores, como Manoel Bonfim, Fernando de Azevedo, Georges Herbert, Renato Kehl e Henri Wallon. São autores que produzem algumas de suas proposições fundamentadas na Medicina e na Higiene e, em alguns casos, na eugenia. Os saberes que são mobilizados pelo autor, para definir a Educação Física, a sua importância e finalidades para a infância, adolescência, idade madura e velhice são extraídos do campo da fisiologia, resguardando em sua aplicação as particularidades relacionadas com a idade, sexo, práticas esportivas, as profissões,

em função do meio e da finalidade que deveriam orientar a educação geral do povo brasileiro.

Isso é reafirmado quando, no n. 56, Loyola (1935, p. 6) escreve sobre as finalidades da Educação Física.

O primeiro fim da educação physica deve ser corretivo, isto é, sendo por meio de exercícios apropriados certas deficiências de determinados aparelhos – respiratório, digestivo – e os desvios da colluna – infose, lordose, escoliose -; surge então a necessidade de adaptação do organismo, preparal-o pra a vida; segue-se a obtenção da saúde, da força e da resistência; surge por fim o coroamento de tudo – a associação da aptidão physica ao desenvolvimento physico – é a formação moral, é a aquisição das qualidades Moraes superiores – tempera de character, força de vontade, espírito de decisão, bom humor.

Pelo breve histórico que faz sobre a importância da Educação Física em diferentes épocas e países, Loyola conclui que ela sempre foi fundamental na higiene dos povos e energia das raças, afinal, “[...] A educação physica é movimento e não há vida no reino animal sem movimento” (LOYOLA, 1935, n. 55, p. 6).

Loyola deixa claro que o Brasil precisa de um método próprio e que, para construí-lo, devem-se conhecer os métodos adotados em outros países, não para imitá-los, mas para utilizar, de cada um, aquilo que mais se adapta à realidade brasileira. Acredita na eficiência e na amplitude do método francês (método adotado como oficial pela Escola de Educação Física do Exército) e concorda que devemos segui-lo, enquanto não tivermos um próprio. Porém, sugere que atentemos aos seus limites e façamos uso dos pontos positivos de outros métodos, como o Natural e o Sportivo, ambos franceses.

É preciso fazer um trabalho duradouro e compatível com as nossas condições mesológicas. Tiremos a variedade do exercício do methodo unico, os jogos variados da gymnastica norte-americana, o espirito alegre e bem latino da Gymnastica italiana, o combativismo utilitário do methodo japonéz, a orientação sportiva de Bellin Du Ceteau, a alternância, a graduação e as bases pedagógicas do methodo francez, o rithmo da gymnastica calistenica, demos a tudo isso o sentido de nosso nacionalismo e poderemos assim organizar um plano de educação physica mais nosso, mais compatível comnosco, mais útil para nós (LOYOLA, 1935, n. 61, p. 6).

A obra e o projeto de Loyola para a mudança da cultura brasileira não é apenas uma importação de modelos. Sua prática de apropriações nos apresenta um

consumidor ativo que, por meio de seleções bem localizadas, sugere que devemos nos apropriar das culturas esportivas de outros países conforme as nossas necessidades.

Essa forma de consumo da cultura do outro nos sugere que sua utensilagem mental⁵⁰ é fruto dos debates travados na Semana de Arte Moderna, da década de 1920,⁵¹ na aposta que é feita no manifesto antropofágico.⁵² Esse movimento buscava, segundo a aposta modernista, criar uma cultura brasileira que tivesse a nossa cara, que fosse o resultado do cadinho racial que era/é o nosso Brasil. Não tinha restrição em consumir o que era produzido em outras culturas, mas, nesse processo de consumo, era necessário dar a nossa cara, fazer sentido dentro de nossas tradições mesológicas, ou seja, de nossa relação com o meio natural ou cultural.

Podemos perceber que Loyola buscava mesclar o velho e o novo para produzir algo moderno. Esse é o teor do seu ufanismo pelo futuro do Brasil, da criação do sentimento patriótico em nossas terras.

Os intelectuais e artistas dos anos 20 tentaram eliminar definitivamente da cultura brasileira qualquer vestígio da influência lusitana e colonizadora que porventura houvesse escapado à escola romântica do século XIX, que se havia proposto a criar conscientemente uma literatura eminentemente nacional. Esse novo grupo lançou-se ao mundo de braços dados com as vanguardas artísticas e culturais européias, mas com cuidado de não tirar

⁵⁰ Citando Febvre, Chartier (1990, p. 36), analisa que cada civilização e cada época possui a sua utensilagem mental que não pode ser reproduzida, no máximo pode ser imitada, o que não significa que o resultado do consumo produza o mesmo objeto, ou as mesmas práticas, mas novos objetos e novas práticas.

⁵¹ A Semana de Arte Moderna de 1922, também chamada de Semana de 22, ocorreu no Teatro Municipal de São Paulo, em 1922, tendo como objetivo mostrar as novas tendências artísticas que já vigoravam na Europa. Ela foi o grande marco do “[...] processo de reflexão e reinterpretação da cultura por um grupo social que se constituiu no Modernismo brasileiro [...]” (ALAMBERT, 1992, p. 11). De certa maneira, a Semana foi a ebulição de novas ideias totalmente libertadas, nacionalistas em busca de uma identidade própria e de uma maneira mais livre de expressão. “Vale ressaltar, que a Semana em si não teve grande importância em sua época, foi com o tempo que ganhou valor histórico ao projetar-se ideologicamente ao longo do século. [...] nota-se até as últimas décadas do Século XX a influência da Semana de 1922, [...]” (SEMANA DA ARTE MODERNA, 2011).

⁵² O Manifesto Antropofágico, escrito por Oswald de Andrade, é publicado em 1928, na Revista de Antropofagia, veículo de difusão do movimento antropofágico brasileiro. Em linguagem metafórica repleta de humor, o Manifesto torna-se o cerne teórico do movimento antropofágico que pretende repensar a questão da dependência cultural do Brasil. Esse movimento objetivava a deglutição da cultura do *outro externo*, como a norte-americana e europeia e do *outro interno*, a cultura dos ameríndios, dos afrodescendentes, dos eurodescendentes, dos descendentes de orientais, ou seja, não se deve negar a cultura estrangeira, mas ela não deve ser imitada. Foi certamente um dos marcos do modernismo brasileiro. Oswald de Andrade ironizava em suas obras a submissão da elite brasileira aos países desenvolvidos. Propunha a devoração cultural das técnicas importadas para reelaborá-las com autonomia, convertendo-as em produto de exportação (ALAMBERT, 1992).

os olhos (e, em alguns casos, os pés) do ‘caráter brasileiro’, já visto, nessa época, sob um outro prisma, o da **ambigüidade**: o que nos define culturalmente é a herança latina somada à cultura européias, além da nossa etnia mestiça, influenciada por culturas ‘primitivas’ dos trópicos (ameríndias e africanas) (ALAMBERT, 1992, p. 8, grifo do autor).

Ao sugerir que não devíamos apenas importar os métodos, mas fazer uma análise crítica de quais partes desses métodos poderiam ser empregadas na criação de um sistema de Educação Física brasileiro, Loyola se aproxima de uma “Cultura de Deglutição” defendida e propagada por Oswald de Andrade durante o movimento antropofágico modernista, nos anos 1920. Essa discute que não se deve negar a cultura estrangeira, mas ela não deve ser imitada. Existe o imperialismo que força o consumo de bens culturais, mas esses bens, no processo de consumo, são apropriados conforme nossas necessidades éticas e estéticas.

Oswald pregava uma ‘deglutição’ [...] de tudo de útil que a cultura ocidental ‘decadente’ oferecesse, a fim de que fosse remanejado por dentro e submetido à ortodoxia do Brasil original. Em suma, comer para não ser comido. [...] sua proposta não era voltar a uma vida natural, mas sim elaborar a construção de uma cultura alternativa àquela que as civilizações ocidentais e orientais elegeram como vencedora. Uma utopia que se baseava no tribalismo matriarcal para idealizar uma espécie de comunismo primitivo modernizado, cuja ética seria adaptada às ‘realidades’ psicológicas de cada povo e de cada cultura, [...] (ALAMBERT, 1992, p. 74-75).

Quando analisamos os desdobramentos do Modernismo, percebemos que a questão do nacionalismo cultural e político, a partir da segunda metade da década de 20, passou a ser o ponto mais marcante para a maioria dos intelectuais do período. Foi buscando responder à questão deixada pelos modernistas: qual a nossa definição cultural perante o resto do mundo? que movimentos políticos, como o integralismo, surgiram.⁵³

Alinhando-se mais à direita ou à esquerda, todos reivindicarão a verdade sobre o ‘sentido’ da cultura brasileira, sobre a definição mais correta da

⁵³ “A história do integralismo está ligada ao amplo movimento de feições antiliberais e antidemocráticas que se difundiu pelo mundo todo, principalmente depois da Primeira Grande Guerra. Especificamente, é fruto de procedências diferentes e, às vezes, contraditórias. De um lado, nasce dos redutos de perrepeísmo, pela atuação político-literária no seu órgão oficial, o Correio Paulistano; sob esse aspecto, as suas raízes se aprofundam numa das mais firmes e poderosas formações oligárquicas do País, a formada pelos grandes proprietários de terras ou, melhor, pela dominante lavoura cafeeira. De outro, o integralismo nasce do movimento modernista, fenômeno de função liberalizadora no plano literário, artístico, cultural e social [...]. Isso significa que representa a mesma visão e a mesma problemática da oligarquia paulista dominante, agora traduzidas com o auxílio de recursos renovadores, retirados do modernismo” (NAGLE, 1976, p. 85).

‘nossa realidade’. Desse modo, a politização explícita do movimento foi se firmando, e o debate ideológico que se seguiu polarizou-se formalmente, como ia ocorrendo também com aspectos da política brasileira e mundial, entre idéias (às vezes não muito claras, às vezes não plenamente assumidas), inspiradas ou na esquerda (comunista ou não), ora na direita (esta sempre flertando com o nazi-fascismo ascendente na Europa). Em ambas as posturas, porém, a questão da brasilidade e do nacionalismo eram, mais ou menos marcantes (ALAMBERT, 1992, p. 66-67).

Ao analisar a obra de Loyola, observamos ainda que ele sabe bem jogar a “política da boa vizinhança”. Concorde com o que o Governo impõe como oficial, mas, sorrateiramente, vai deixando seus pontos de vista, como uma espécie de sugestão para melhorar o que foi imposto. Por exemplo, ao sugerir a aproximação com o método natural e *sportivo*, organiza uma Educação Física que ele considera mais apropriada à realidade brasileira, que cuide das questões fisiológicas e prepare o homem para realizar suas atividades diárias. Isso, sem dizer, em momento algum, que não devemos seguir o Método Francês, ou que este não é adequado. Pelo contrário, ele respeita as determinações nacionais e utiliza o Método Francês como oficial, fundamentando, inclusive, todo o seu Plano Geral nos princípios desse método.

O Plano Geral pensado por Loyola se divide em duas partes explicadas detalhadamente em dez artigos: organização (que engloba o fichário, estatística, agrupamento e programação) e execução (comporta a pedagogia, comandos e conduta). Seus planos, grupamentos e demais pontos estão bem ligados aos aspectos fisiológicos dos homens, mulheres e crianças, salientando que, para cada um desses, é necessária uma Educação Física específica.

Na revista *Educação Physica*, Loyola dedica 32 artigos à temática *Pedagogia* (Tabela 2). A maioria acompanhando as reflexões que já vinha realizando no jornal *A Offensiva*, o que nos indica que, estando os partidos políticos extintos por determinação de Vargas, Loyola continua fazendo circular os princípios integralistas, porém sem sinalizar que eram ideias partidárias, em um periódico civil.

Tabela 2 – Loyola e suas reflexões pedagógicas na revista *Educação Phisica*

Ano	Número	Título
1939	34	Educação integral
1939	35	Educação física
1939	35	A educação física e a mulher
1939	35	Lição de educação física: 3º ciclo elementar
1939	36	Educação moral
1939	36	Lições de educação física: ciclo elementar
1939	37	Educação moral
1939	37	Lições de educação física: 4º grão do ciclo elementar
1940	38	Educação física nos colégios: como realizá-la e dirigi-la em um estabelecimento de ensino
1940	38	Lição de educação física: ciclo secundário – 1º grau
1940	39	Para um método nacional
1940	39	Lição de educação física: ciclo secundário – 2º grau
1940	39	Lição de educação física: ciclo secundário – 2º grau
1940	40	Lição de educação física: ciclo secundário – 2º grau
1940	41	Lição de educação física
1940	42	O professor de educação física
1940	42	Lição de educação física
1940	43	Lição de educação física: lição tipo para o mês de junho
1940	44	Lição de educação física: 1º grau do ciclo secundário
1940	45	Educação física nos colégios: como organizar o registro geral de instrução
1940	45	Lição de educação física: 2º grau do ciclo secundário
1940	46	Lição de educação física: 4º grau do ciclo secundário
1940	47	Lição de educação física: 1º grau do ciclo secundário
1940	49	Lição de educação física: ciclo superior
	50	Unidade de doutrina
1941	51	O verdadeiro sentido da educação física: como orientá-la dentro do plano geral de ensino da mocidade – observações que o professor deve seguir
1941	52	Pais e professores
1941	54	Conceito de dever no magistério da educação física
1941	56	Orientemo-nos
1941	60	Uma interpretação absurda
1942	63	Para a juventude brasileira
1942	66	Coeducação cívica
1942	66	Importância da educação física feminina

Assim como no jornal, Loyola inicia publicando sobre o conceito de Educação Física dentro do plano de Educação Integral (preparação física, formação moral e cultura intelectual). Deixa, mais uma vez, claro que esses três pilares da educação integral devem ser trabalhados concomitantemente para que haja o sucesso da formação de uma juventude brasileira exemplar e fundamental no melhoramento da raça e engrandecimento da pátria. Nos artigos, explica esses pilares, apontando a Educação Física como um poderoso elemento eugênico, que desenvolve e aperfeiçoa as qualidades físicas e morais dos indivíduos.

Tendo esclarecido o conceito de educação e explicando a importância da Educação Física como um dos seus componentes fundamentais, Loyola começa a pensar em como organizá-la na escola. Pensa na necessidade de um Departamento de Educação Física, dirigido por um professor de Educação Física diplomado, e composto por três áreas: Educação Física propriamente dita, Desportos e Medicina aplicada à Educação Física. Seguindo os fins da Educação Física (fisiológica, corretiva, estética, higiênica, moral, utilitária e social), explica como se darão as reuniões e planejamentos anuais e semestrais. Em um artigo especial, apresenta e explica todas as tabelas de organização de um registro geral de instrução⁵⁴ dos professores. Para ele:

O registro da educação física é tão importante quanto o seu próprio ensino. Um não seria completo sem o outro. É o registro concienzoso e pontual que vai garantir ao professor de educação física a continuidade do ensino, a dosagem progressiva do programa estabelecido, a verificação dos resultados da instrução, é ele que vai fornecer os dados necessários e positivos para o aperfeiçoamento do programa de instrução e para o melhoramento dos processos de ensino, a coleta de elementos preciosos para a elaboração de estatísticas, o controle dos exercícios ministrados, observações sobre o método, anotações sobre os alunos, etc., etc. (LOYOLA, 1940, n. 45, p. 33).

Na revista também continua com a sua luta pela unidade de doutrina, pelo método nacional. Reitera a necessidade de pensarmos em um método brasileiro de Educação Física que seja compatível com as características particulares – clima, costumes, regime, constituição étnica, etc. – do nosso país. Um método que não fosse universal, pois cada região do Brasil tem as suas especificidades, mas que dê uma unidade de doutrina à Educação Física brasileira.

Destaca que o que nos capacitará para criar o nosso próprio método serão as nossas experiências (com as outras culturas esportivas e de Ensino da Educação Física). Precisamos vivenciar a Educação Física, fazendo apropriação de diferentes métodos, para percebermos as reais necessidades do nosso país, e assim refletir sobre um método de Educação Física específico para o Brasil.

⁵⁴ “O registro geral de instrução era composto por: quadro geral de lições (anual); quadro geral de atividades do ano; quadro indicativo de horários; registro dos alunos dispensados da Educação Física Normal; registro de instrução (diário de classe); e calendário escolar” (LOYOLA, 1940, n. 45).

Precisamos de um método nacional, mas por enquanto pratiquemos a educação física, pratiquemo-la e estudemo-la! O método será o fruto da nossa experiência e dos nossos estudos. E a unidade de doutrina, reiteramos, assegurar-nos-á o bom êxito dos nossos trabalhos e assim realizaremos, numa conquista promissora, o grande método nacional de amanhã (LOYOLA, 1941, n. 50, p. 9).

Como civil e integralista, ator/autor/editor que não ocupa o centro do poder, mas a periferia do sistema, ele, taticamente, segue os padrões do Método Francês (por ser o sistema oficial), porém adaptados às especificidades do brasileiro. Sua prática, desse modo, é de um caçador furtivo em território inimigo. Ele não busca impor um novo método, mas, em sua prática editorial, argumenta, sistematiza e sugere aos seus leitores (que poderia ser um homem comum, ou uma autoridade) que deveríamos fazer mudanças no modelo educacional adotado e tornar a Educação Física uma atividade cotidiana, produzida com base nas experiências, nas escolas e associações, para que ela se tornasse uma realidade na vida do brasileiro. Desse modo, a Educação Física poderia ser o catalisador que capacitaria o Brasil a se tornar um país moderno, com uma juventude forte, ordeira e trabalhadora.

Ele esclarece a função do professor de Educação Física nas escolas, seu papel na relação escola x família, sempre respaldado no que ele aponta como finalidade da Educação Física:

Qual a finalidade que temos em vista com a educação física que se ministra a mocidade escolar? De certo não é a formação exclusiva de recordistas extraordinários, de jovens hipertrofiados, de acrobatas sensacionais, de dansarinos hábeis; [...]. Esta finalidade pode ser assim resumida – como ação imediata a preparação física do indivíduo para a plenitude de uma vida sadia, ativa e eficiente e como ação mediata a preparação moral orientando a formação do caráter e definindo a personalidade; essas duas ações perfeitamente conjugadas situam de forma definitiva a educação física no plano da educação integral da juventude. E grave seria o erro de ensiná-la como ensino à parte, independente da formação moral e do preparo intelectual (LOYOLA, 1941, n. 51, p. 26).

Uma grande ênfase é dada por Loyola à Educação Física feminina, dedicando quatro grandes artigos ao tema, o que é mais um indicativo de que esse ator continua veiculando os princípios integralistas, tendo sabido a relevância dada pela doutrina integralista à educação do corpo feminino (SIMÕES, 2008).

A presença oficial feminina na AIB, na qualidade de membros efetivos, que eram chamados de blusas-verdes, foi definida institucionalmente a partir do regimento da Secretaria Nacional de Arregimentação Feminina e dos Plinianos (SNAFP), aprovado em 10 de agosto de 1936, obedecendo aos princípios hierárquicos da agremiação. É interessante notar que a SNAFP era chefiada por mulheres e que a posse dos cargos era comemorada em reuniões solenes e divulgada em jornais que enfatizam a 'nobreza de caráter da mulher integralista', sendo ela a mais indicada para organizar e chefiar o trabalho das companheiras blusas-verdes (SIMÕES, 2008, p. 5).

Ele considera que, em qualquer situação em que a mulher se encontre, no lar ou no trabalho, na escola ou na sociedade, em qualquer idade, ela necessita da Educação Física para maior amplitude de suas atividades, grande capacidade física e flexibilidade geral do corpo. E isso inclui pensá-la de forma específica na escola, de modo que respeite as fases da vida da mulher, bem como suas características físicas particulares. Afinal, uma importante função da mulher ao cuidar do seu corpo é o fato de ser responsável pelo “[...] melhoramento da raça, na organização de um futuro melhor para o homem. Cabe-lhe a mais elevada e nobilitante missão da vida – ser MÃE; é no delicado aconchego de seu regaço que o homem se prepara para a vida” (LOYOLA, 1942, n. 66, p. 15).

Concomitantemente à publicação desses artigos que, segundo Loyola, auxiliariam na confecção do nosso “Plano Geral de Educação Física”, o autor manteve uma sessão especial do n. 35 ao n. 49 (com exceção do n. 48) em que escrevia lições de Educação Física para todos os ciclos de ensino. Eram sugestões de planos de aula, fundamentados no Método Francês e em concordância com o programa de ensino do Ministério da Educação.

A implantação dessa sessão nos aponta a tática desenvolvida por Loyola para fazer o leitor ler o programa do Ministério da Educação. Ele se coloca como intermediário entre a prescrição feita pelo Estado e o uso que o professor faria dessas ordens. É a tática no território inimigo que é utilizada por aqueles que possuem menor poder de barganha. Ele está na periferia do sistema, mas usa o impresso como um dispositivo para fazer os professores lerem as prescrições segundo o seu ponto de vista.

Esse é o poder que uma editora proporciona aos editores e aos escritores de artigos de orientação doutrinária. Eles possuem capacidade de dizer o que deve ser feito, mesmo não tendo acesso às esferas superiores da organização da cultura, no caso, as instituições mantidas pelo Estado.

Ao sugerir que está escrevendo de acordo com as normas do programa de ensino do Ministério da Educação, percebemos um ator hábil atuando na luta de representações, fazendo a voz do outro (que possui maior poder) ser ouvida por meio da sua própria voz, que não detém um espaço próprio. Essa dialética entre estratégias e táticas marca o processo de produção de Loyola na revista, quando não pode mais dizer como deve ser a Educação Física, mas sugerir como ela poderia ser configurada em um plano nacional. Habilidade tática de um jogador que caça furtivamente as brechas que o poder não pode preencher na sua ocupação estratégica de um território estável.

Ainda sobre a temática Pedagogia, Loyola escreve, nos nºs 56, 60, 64 e 66, sobre atualidades da área, dúvidas, interpretações indevidas, leis que entram em vigor, numa espécie de aproximação com o público leitor, discutindo sobre possíveis questionamentos que possam vir à tona na elaboração do “Plano Geral de Educação Física” brasileira.

Após ter exposto suas reflexões pedagógicas no jornal e na revista, Loyola publica, em 1940, um livro (Tabela 3) sobre a referida temática, que se resume no amadurecimento e reorganização daquilo que ele já havia publicado naqueles outros dois suportes.

Tabela 3 – Livro publicado por Loyola sobre a temática Pedagogia

Ano	Editora	Título
1940	Cia. Brasil	Educação Física: tratado de pedagogia

Como já discutimos, a natureza de um livro diferencia-se um pouco dos periódicos, jornais ou revistas. Nesses, os conteúdos aparecem mais como notícias rápidas, opiniões sobre determinados acontecimentos de um momento histórico, sempre renovados, semanalmente ou até diariamente. Não são matérias que temos o hábito de guardar, arquivar, utilizar como fonte para constante consulta. Já o livro é a escrita de algo mais consolidado, que será guardado, para se utilizar no dia a dia, ou para leituras futuras. Não é uma leitura corriqueira sobre um acontecimento, uma lei. Um livro é resultado de pesquisas, estudos, reflexões e considerações de algo que o autor quer compartilhar com um determinado grupo e área.

Pelo seu trabalho também como editor, Loyola organiza, então, esse livro como uma concretização das reflexões que já vinha realizando desde 1932. Em nove capítulos, ele expõe tudo aquilo que considerava fundamental para pensarmos em uma Pedagogia para a Educação Física.

Preocupa-se em conceituar Pedagogia como “[...] um conjunto de regras que têm por fim orientar a criança no sentido de prepará-la para a vida prática, para a vida em sociedade” (LOYOLA, 1940, p. 9). Esse conjunto de regras, por sua vez, será pensado para colocar em prática o projeto maior que é a educação. Esta inclui a Educação Física, que ganha um capítulo separado por Loyola. Capítulo este que trata da sua definição, histórico, importância e finalidade, acompanhando o que já havia publicado no jornal e revista.

No livro, reflete sobre os métodos de Educação Física, em especial o Método Francês, com um aprofundamento maior do que nos artigos antes publicados, talvez por ter, no livro, mais tempo e espaço para organizar suas ideias. Em dois outros capítulos intitulados *Pedagogia geral da educação física* e *Pedagogia especializada*, Loyola consegue deixar clara a necessidade de uma unidade de doutrina que respeite as especificidades de cada país e até mesmo a região de um país, bem como a tarefa que compete ao professor, a organização escolar, o preparo geral de um professor de Educação Física, a separação de ciclos por idades e o que cada ciclo deve contemplar.

Também seguindo o que já vinha publicando, Loyola dedica um capítulo à Educação Física feminina e escreve desde a importância, passando pelas especificidades de cada idade da mulher brasileira, até a explicitação de planos de aula. Finaliza o livro com lições de Educação Física muito similares à sessão que publicou em alguns números da revista *Educação Physica*.

Loyola é um ator que sabe muito bem utilizar a imprensa. Suas práticas editoriais revelam que ele possui conhecimentos de como funciona o mundo dos impressos. Ele faz suas representações sobre o que deveria ser a Educação Física e o papel dessa disciplina na organização do Brasil circular por diversos suportes. Assim, ele busca se tornar conhecido, reconhecido e autorizado a tratar do tema da inserção da Educação Física nas escolas, depois que passasse pela necessária pedagogização. Para tanto, procura criar uma comunidade de leitores de seus escritos sobre Pedagogia e Educação Física. Poderiam ser leitores do jornal

integralista, patriotas e interessados na organização do Brasil. Leitores mais interessados na imprensa de variedades e no movimento esportivo nacional e internacional, ao fazer suas ideias circularem na revista *Educação Physica*, e leitores que buscavam leituras menos lúdicas, menos fragmentadas, mais contínuas e menos efêmeras, as quais eram sistematizadas em seus livros.

Nas operações editoriais em que transpõe as informações de um suporte para outro, Loyola procura não perder o fio condutor de suas ideias. Desse modo, o jornal, a revista e o livro são dispositivos complementares que utiliza na estratégia para formar opiniões sobre a forma como a Educação Física deveria ser organizada para se tornar uma disciplina incluída no sistema educacional.

O que percebemos, em suas reflexões pedagógicas, são práticas de apropriação e transformação dos saberes que, nos idos das décadas de 1930 e 1940, representam o que existia de mais moderno em matéria de Pedagogia. De posse dos saberes da Fisiologia, da Biologia e da Psicologia, ele se dedica a (re)pensar detalhadamente um método de Educação Física para todas as idades (do nascimento ao fim da vida).

3.2 HOLLANDA LOYOLA E A EDUCAÇÃO FÍSICA NA INFÂNCIA

Em suas reflexões pedagógicas e prescrições educacionais para a Educação Física, Hollanda Loyola aponta a necessidade de pensar em uma Educação Física específica para cada uma das diferentes idades. Para ele, essa educação deveria começar desde o nascimento da criança, pois, quanto mais novo, mais fácil seria corrigir as más tendências e deformidades físicas e morais, fruto dos males de origem ou adquiridas no convívio social. Além disso, defendia que a Educação Física deveria ser nossa primeira educação já que, antes da linguagem oral, nós nos expressamos por meio da linguagem corporal.

Diante disso, e percebendo a incipiência de bibliografias sobre o assunto, outra temática explorada por Loyola relaciona-se com a Educação Física específica para o público infantil. Ele escreveu sobre o assunto na revista, em 1939 (Tabela 4) e em dois livros (Tabela 5). Apesar do curto período em que publicou sobre a Educação Física Infantil, muito do que Loyola expressou sobre a temática ainda é

atual, tanto em relação aos objetivos da Educação Física para a infância, quanto sobre as teorias que utiliza para significar a presença dessa disciplina nas escolas e em outros espaços de socialização da infância.

A seguir, apresentamos as Tabelas 4 e 5 que expressam a produção do ator sobre a temática da Educação Física para a infância.

Tabela 4 – Loyola e a Educação Física infantil na revista *Educação Physica*

Ano	Número	Título
1939	34	Educação física infantil (dos 4 aos 6 anos)
1940	41	Educação física infantil: primeira infantil – período pré-escolar
1940	42	Educação física infantil: segunda infância
1940	43	Educação física infantil: terceira idade
1940	44	Educação física infantil
1941	53	Ginástica para o bebê
1942	67	Educação física infantil: breve notícia sobre a educação física nas escolas primárias das principais nações do mundo
1942	68	Educação física infantil: breve notícia sobre a educação física nas escolas primárias das principais nações do mundo
1942	69	Educação física infantil: breve notícia sobre a educação física nas escolas primárias das principais nações do mundo

Tabela 5 – Loyola e a Educação Física infantil em livros

Ano	Editora	Título
1940	Cia. Brasil	Educação Física: tratado de Pedagogia
1941	Cia. Brasil	Ginástica para todos

A relevância dos textos de Loyola que versam sobre a Educação Física Infantil pode ser visualizada no trabalho de Berto (2009), ao investigar as representações e lutas entre as revistas *Educação Física* (do Exército) e *Educação Physica* acerca do modelo de escolarização da infância, entre as décadas de 1930 e 1940. Berto (2009) observa uma elevação no número de artigos sobre a infância a partir de 1939 e relaciona esse aumento com a participação de Hollanda Loyola.

Foi após a sua entrada na revista *Educação Physica* que aumentou, substancialmente, o número de artigos que se dirigiam a prescrições sobre as maneiras de se educar as crianças.

[...] a presença de Hollanda Loyola na produção da revista *Educação Physica* significou uma grande circulação de artigos que tinham como cerne as preocupações com a infância. Preocupações dele mesmo, já que era o autor que mais escrevia sobre esse tema para o periódico (BERTO, 2009, p. 89).

Para compreendermos as representações de Loyola sobre a Educação Física na Educação Infantil, buscamos analisar as prescrições veiculadas nesses trabalhos. Periodizando seus escritos, percebemos que Loyola publica seu primeiro trabalho relacionado com a Educação Infantil no ano de 1939 e, já no ano seguinte (1940), aumenta consideravelmente esse número para quatro publicações em quatro sucessivos números da revista. Em 1941, reduz a publicação para um trabalho e, fora do periódico, publica um livro. Já em 1942, novamente amplia a produção para três trabalhos, encerrando, nesse mesmo ano, suas publicações sobre a referida temática.

Tomando como base os princípios de uma Educação Integral por ora discutidos em suas reflexões pedagógicas, esclarece a princípio que os objetivos da Educação Física para as crianças deveriam focalizar não somente os aspectos físicos, mas também os morais:

A educação física nesta idade tem por fim: - sob o ponto de vista moral – desenvolver o raciocínio, o interesse pelo trabalho, o instinto associativo, criar os bons hábitos, as boas maneiras, [...], corrigindo as tendências más e os possíveis defeitos da educação doméstica; – sob o ponto de vista físico – desenvolver a acuidade sensorial, a independência e a coordenação dos movimentos, orientar o desenvolvimento harmoniosos do sistema muscular e do esqueleto, procurar as atitudes corretas e evitar as viciadas, ampliar a capacidade das grandes funções orgânicas, e, especialmente, do aparelho respiratório que encerra uma importância máxima para a vida da criança (LOYOLA, 1939, n. 34, p. 13).

Utilizando como referência as noções da Fisiologia e da Biologia, muito correntes, à época, de uma Educação Física Médico-Higienista, publica, em 1939, o *Educação física infantil (dos 4 aos 6 anos)*, primeiro ensaio sobre o tema da Educação Física na infância. Chamamos ensaio porque acreditamos que foi esse trabalho que o instigou a realizar uma série de publicações que esclarecesse as maneiras de se educar as crianças.

Nesse ensaio, quando Loyola sugere prescrições educacionais para essa faixa etária, já percebemos, em seu discurso, uma representação do ideal da moderna educação dos sentidos, bem como de um ideal de criança. Para Loyola, o professor deveria aproveitar a imitação e a tendência “natural” para o jogo inerente às crianças, evitando exercícios enfadonhos e monótonos que restringiam a liberdade dos alunos, prezando, por outro lado, as atividades dinâmicas.

[...] ‘a criança aprende e se educa brincando’ – é um conceito de pedagogia, evitar, portanto exercícios enfadonhos, as lições monótonas que restrinjam a liberdade ou que não despertem nenhum interesse; é importante dar aos trabalhos atividade e movimentação, porque a criança, dado o seu período de crescimento, é essencialmente dinâmica, refratária às atitudes estáticas; variar as lições e os exercícios porque a imaginação e a vontade infantis são muito ativas e instáveis, não se subordinam à uniformidade das repetições seguidas (LOYOLA, 1939, n. 34, p. 13 e 36).

Esses apontamentos indicam uma possível aproximação de Loyola com os princípios da Pedagogia da Escola Nova. Durante o século XX, intelectuais, como John Dewey (1859-1952), inovaram constituindo o movimento da Pedagogia Ativa. O ponto de partida dessa Pedagogia marca-se por Rousseau, embora também cumpra reconhecê-lo em Pestalozzi, que vislumbra a escola como uma preparação para a vida, se não a própria vida. Na escola o aluno tem que aprender a viver e, por conta disso,

O que importa guardar no espírito quanto à introdução das diversas formas de ocupação, é que mediante elas se renova o espírito da escola. Tem ela oportunidade de filiar-se à vida, para chegar a ser o ambiente, em vez de ser um lugar onde simplesmente se aprendem lições, que apresentem abstrata e remota referência com alguma possível vida futura (LUZURIAGA, 1980, p. 250).

Assim, as aulas deviam colocar o aluno em situação de experiência direta com atividades que se propusessem um problema autêntico da vida como estímulo para o pensamento. Atividades contínuas nas quais o aluno esteja pessoalmente interessado, que as soluções sejam de sua responsabilidade, sem ordenação do professor para que possa comprovar suas ideias. À educação interessa sobretudo “[...] desenvolver personalidades que quando maiores se façam cada vez mais adequadamente autodiretoras. A base de toda educação está na atividade ou, melhor, na auto-atividade orientada e decidida” (LUZURIAGA, 1980, p. 250).

É com a escola ativa também que passam a enxergar a individualidade da criança, a infância como uma fase destacada que precisa ser respeitada, muito próximo também do que Loyola representa.

[...] daí resulta mui particularmente a consideração simpática da individualidade nascente da criança e o respeito dela, respeito não apenas pelo homem adulto, do qual toda criança traz em si a virtualidade, mas respeito da criança por si mesma, em seu valor instrínseco e autônomo (HUBERT, 1976, p. 123).

Os ideias de unidade de doutrina são visíveis também quando Loyola escreve sobre a infância, o que mais uma vez indica que, mesmo a revista sendo um periódico civil, Loyola continua propagando os princípios da doutrina integralista. Em 1940, o seu esforço foi pensar em um “Plano Geral de Educação Física” para a infância. Com esse intuito, escreve quatro textos sucessivos e complementares buscando refletir sobre as especificidades de cada infância, bem como sobre qual seria a Educação Física necessária para esses grupos.

Educação física infantil: primeira infantil: período pré-escolar, é uma introdução desses quatro trabalhos produzidos em 1940. Loyola apresenta um discurso otimista sobre a Educação Infantil e sobre a capacidade que ela teria de fomentar futuramente a felicidade e a grandeza da nação; sobre a importância e a relevância de uma Educação Física específica para a Educação Infantil pelas características do desenvolvimento das crianças pequenas, e por ser esta a base da formação de um bom homem, entendido como um indivíduo industrioso e orgulhoso de sua pátria.

Essas ideias indicam a possível aproximação de Loyola com os princípios do *Entusiasmo pela educação e o Otimismo pedagógico*,⁵⁵ que tão bem caracterizam as décadas de 20 e 30. A fim de enfrentar o aspecto medular da “crise” do sistema na década de 20 (civilização urbano-industrial *versus* civilização agrário-comercial;

⁵⁵ “O entusiasmo pela educação e o otimismo pedagógico, que tão bem caracterizam as décadas de vinte e trinta, começaram por ser, no decênio anterior, uma atitude que se desenvolveu nas correntes de idéias e movimentos político-sociais e que consistia em atribuir importância cada vez maior ao tema da instrução, nos seus diversos níveis e tipos. É essa inclusão sistemática dos assuntos educacionais nos programas de diferentes organizações que dará origem àquilo que, na década dos vinte, está sendo denominado de entusiasmo pela educação e otimismo pedagógico” (NAGLE, 1976, p. 101).

sociedade brasileira “fechada” para uma sociedade brasileira “aberta”) correntes de ideias e movimentos político-sociais passam a identificar o papel da escolarização.

Uma das maneiras mais diretas de situar a questão consiste em afirmar que o mais manifesto resultado das transformações sociais mencionadas foi o aparecimento de inusitado entusiasmo pela escolarização e de marcante otimismo pedagógico: de um lado, existe a crença de que a multiplicação das instituições escolares, da disseminação da educação escolar será possível incorporar grandes camadas da população na senda do progresso nacional, e colocar o Brasil no caminho das grandes nações do mundo; de outro, existe a crença de que determinadas formulações doutrinárias sobre a escolarização indicam o caminho para a verdadeira formação do novo homem brasileiro (escolanovismo) (NAGLE, 1976, p. 99-100).

Mesmo continuando integralista, sabemos que Loyola adquiriu seus conhecimentos sobre Educação Física na EsEFEx,⁵⁶ onde o currículo era fortemente marcado pelas propostas médico-higienistas, que tomavam, principalmente, como referencial a fisiologia. Desse modo, pautando-se no desenvolvimento físico-psíquico, Loyola divide a infância em três diferentes grupos:

Há a considerar na infância três etapas distintas, segundo conceituadas correntes paidológicas (Domingo Barnés e Vermeyley) divididas cronologicamente em função do desenvolvimento físico-psíquico da criança: 1ª INFÂNCIA que vai do nascimento até os três anos de idade; 2ª INFÂNCIA dos três aos sete anos; e 3ª INFÂNCIA dos sete aos doze anos. Essas três etapas completam o ciclo do desenvolvimento da infância e cada uma se caracteriza por determinadas manifestações físicas e psíquicas de capital relevância para o processo de educação a ser adotado (LOYOLA, 1940, n. 41, p. 37).

Para ele, a primeira infância pertenceria aos cuidados da família, e a segunda e terceira, à instituição escolar. Por isso, segundo o autor, seria necessário que os pais, assim como os primeiros professores a que as crianças teriam acesso, possuíssem conhecimentos sobre a Educação Física.

⁵⁶ A pesquisa de Bermond (2007, p. 125-126) sobre a *Educação Física Escolar na Revista de Educação Física (1932-1952): apropriações de Rousseau, Claparède e Dewey* nos informa que “O cotejamento entre as obras de Jean-Jacques Rousseau, Edouard Claparède e John Dewey – cujas idéias na Revista são representadas como relacionadas com um ideário escolanovista – e os artigos sobre Educação Física escolar mostrou que os articulistas se apropriaram de idéias e concepções educacionais, presentes nas obras analisadas desses autores, ao escreverem ‘sobre’ e ‘para’ a Educação Física escolar”. Essa citação nos remete a refletir sobre a possibilidade de Loyola, durante sua formação na EsEFEx, em todo o ano de 1933, ter tido um primeiro contato com as apropriações escolanovistas, já que o periódico investigado por Bermond (2007) possui chancela da EsEFEx.

Em termos pedagógicos, Loyola reafirma que, na primeira infância, os cuidados se restringem aos pais, ficando alheia qualquer intervenção do professor, que deveria planejar diariamente suas aulas, enfatizando os exercícios a serem trabalhados, bem como especificando o tempo de cada atividade, que aqui deveria ser trabalhada individualmente, já que se resume a exercícios de massagem, estimulação e correção.

Como típico da época em que vivia, não deixava de enfatizar, em todos os seus escritos, a questão da eugenia, da preparação do homem que representaria a nação brasileira. Segundo ele, devemos lembrar que a criança de hoje será o homem de amanhã, por isso devemos educar um “[...] caldeirão de gerações fortes e sadias, vitoriosas nos embates da vida, perpetuadoras do prestígio da raça” (LOYOLA, 1940, n. 41, p. 40).

Ao apresentar as características fisiológicas, neurológicas e motoras da segunda infância, em *Educação física infantil: segunda infância*, Loyola destacava, como princípio norteador, que a criança se educa brincando. Apresenta as funções moral e higiênica da Educação Física e discute como trabalhar diante da fase de desenvolvimento dessas crianças.

Destaca, ainda, a importância de respeitar e aproveitar as especificidades da idade, deixando claro que não se pode esquecer da atenção especial à adaptação da escola ao público infantil, uma vez que essas crianças haviam terminado de sair da educação doméstica. Cabe agora aos professores organizar suas aulas para trabalhar não mais individualmente, mas em grupos, sempre utilizando o brincar, porém deixando clara a necessidade da ordem e respeito ao professor desde cedo.

O que Loyola propõe sobre a necessidade de uma Educação Física específica para as crianças é uma prática de apropriação inovadora para a época. Segundo Freitas (2007), durante boa parte do século XX, a Educação Infantil esteve vinculada à Secretaria de Assistência Social, não sendo considerada uma etapa da Educação Básica. Por conta disso, pouco ou quase nada era discutido, em termos educacionais, sobre uma proposta de ensino para as crianças.

Especificamente na área da Educação Física, a discussão é ainda hoje escassa, apesar de ter crescido nas últimas décadas. Poucos são os Estados brasileiros que incluem a Educação Física no currículo das escolas infantis.

Congressos e debates são realizados para investigar a necessidade, bem como a forma como a Educação Física deve ser pensada para a infância.

Em *Educação física infantil: terceira idade*, Loyola segue o padrão das discussões anteriores, caracterizando primeiramente o desenvolvimento das crianças nessa infância, seguido de algumas recomendações/indicações de como deveria ser trabalhada a Educação Física específica para essa fase da Educação Infantil. Acrescenta que, nessa etapa, pouco a pouco vai se diferenciando a Educação Física masculina da Educação Física feminina. Agora, além de organizar suas aulas para grupos, o professor deve ainda estar atento às atividades que podem ser realizadas pelos dois sexos, e aquelas que devem ser pensadas e trabalhadas separadamente para meninos e meninas. Isso porque, nessa fase, os dois sexos desenvolvem características pubertárias, que vão diferenciando ainda mais o sexo masculino e o feminino que passam a ter necessidades distintas.

Enaltece a impossibilidade de separação entre a Educação Física e a educação moral/intelectual. Essa divisão era um erro, porque separava “[...] a vida intelectual e moral da vida física; é no conjunto harmonioso do desenvolvimento dessas três qualidades que repousa o segredo da formação de um indivíduo perfeito, completo” (LOYOLA, 1940, n 43, p. 72).

Para além de pensar nos aspectos teóricos em um “Plano Geral de Educação Física” para a infância, Loyola reflete, em 1944, sobre os aspectos práticos desse plano. Em *Educação Física Infantil*, apresenta um programa de exercícios para ser realizado durante toda a infância, prescrevendo, para os pais e para os professores, formas exemplares de aulas, com modelos detalhados e indicando como as atividades deveriam ser realizadas em cada uma das “infâncias”.

Loyola deixa claro que o seu programa se pautava no Método Francês, já que ele era “[...] o método oficialmente adotado em nosso país para todas as escolas” (LOYOLA, 1940, n 44, p. 50). Devemos lembrar que Loyola aceita as determinações do Governo, apontando o Método Francês como oficial, até porque vive em um período ditatorial que luta incessantemente para calar qualquer voz dissonante. Porém, deixa claro que o Método Francês foi pensado para a realidade francesa, que não é a mesma da brasileira, por isso tem seus limites, quando utilizado em terras brasileiras, necessitando, com isso, que trabalhem com suas possibilidades, enquanto construímos nosso método próprio.

Ampliando o público leitor da revista *Educação Physica* para além de professores e se fazendo (re)conhecido também fora da comunidade de educadores físicos, Loyola escreve para os pais, quando publica o *Ginástica para o bebê*, texto em que o autor explica e exemplifica que, para os bebês, era necessária uma boa educação, desde cedo, já que eles seriam os futuros homens que representariam a pátria brasileira.

Para ele, a Educação Física era a primeira educação com que o bebê deveria ter contato, pela sua relação com o movimentar-se e o brincar. Loyola ainda destaca a necessidade de essa Educação Física ser específica para essa fase da infância e apresenta um programa de ginástica para o bebê, além de dicas para a boa aplicação dessas atividades.

Nesse artigo, o autor indica que vem construindo sua concepção de infância, pautado nas ideias de Rousseau. Dizia Loyola (1941, n. 53, p. 50): “Já em meados do século XVIII, Rosseau [...] se insurgiria contra certas normas tirânicas de tratar a criança submetendo-a a verdadeiros suplícios, tolhendo-se-lhe a liberdade que lhe é tão necessária e salutar”.

Rousseau vê a infância como uma fase com características próprias, não sendo nossas crianças apenas adultos em miniatura, nem a infância somente uma preparação para a vida adulta. Apesar de ser um leitor de Rousseau, o discurso de Loyola por vezes é contrário ao que pregava esse intelectual. Por exemplo, quando afirma que na infância se prepara o homem de amanhã, comumente chamado de homem novo.

A teoria ajuda a compreender essa contradição no pensamento de Loyola. O autor faz uso de apenas parte do pensamento de Rousseau, descartando aquilo que não cabe em uma teoria do doutrinamento moral. Percebemos um processo de consumo, de deglutição modernista, de uma proposta que, no seu processo de apropriação, produz resultados inesperados. Desse modo, o que temos na obra de Loyola sobre infância não é o Rousseau iluminista que acreditava na pureza e na natureza infantil que era corrompida pela sociedade, mas um Rousseau diretivo, lido com base nos interesses de um ator pertencente ao quadro da AIB com formação militar adquirida na EsEFEx.

Como um ator que compreende bem o mundo dos impressos, Loyola, em um trabalho de editoração, reorganiza o que já havia publicado na revista *Educação Physica*, entre 1940 e 1941, e publica o livro *Ginástica para todos*. Dentre alguns temas que aborda nesse livro, reserva dois momentos para a Educação Física Infantil.

Tendo veiculado na revista sua proposta de “Plano Geral de Educação Física” para a infância, amadurece e reorganiza essas ideias no livro, por ser esse um meio impresso mais duradouro, que pode ser manuseado constantemente como fonte de consulta (até mesmo pela sua materialidade), e que atinge um público para além dos leitores da revista.

Conforme já citado, uma das táticas utilizadas pelos integralistas no processo para arregimentar novos militantes passava pela divulgação do que acontecia nas grandes nações, a fim de mostrar como o Brasil precisava melhorar, se quisesse um dia virar uma grande nação. Tendo se apropriado dessa tática, Loyola dedica seus três últimos trabalhos publicados na revista, datados de 1942, a, como o próprio título indica: *Educação física infantil: breve notícia sobre a educação física nas escolas primárias das principais nações do mundo*.

Esses são um conjunto de análises que Loyola faz da situação da Educação Física Infantil nas escolas primárias das principais nações do mundo. Com base nessas análises, ele afirma que, nos países civilizados, já não se discutia a necessidade da prática da Educação Física Infantil, por isso já ter se tornado claro. Nesses lugares, ela tinha importante papel na formação integral do indivíduo e na eugenia da raça. Discutia-se como a Educação Física deveria ser aplicada de forma que pudesse contemplar as especificidades de cada idade.

Hoje já não se discute esta parte [importância da Educação Física nas grandes nações], porque tal importância, em boa hora, firmou-se entre os educadores esclarecidos como um dogma pedagógico. O que se procura atualmente é a forma mais eficiente e racional de se por em prática a doutrina já sancionada, sem se desprezar nenhum dos fatores que são particulares ao meio, à raça e às determinações do destino histórico (LOYOLA, 1942, n. 67, p. 15).

De acordo com Loyola, os países civilizados já haviam produzido a unificação de seus sistemas de Educação Física, o que, segundo ele, ainda faltava ao Brasil. Nos 17 países que ele cita, a Educação Física estava presente, em alguns de forma

obrigatória e em outros era facultativa nos currículos escolares, delimitando os diferentes horários em que as aulas deveriam ser desenvolvidas, as atividades realizadas, bem como a relação que deveria existir entre a Educação Física e as demais disciplinas escolares.

O autor conclui que os países que assumiram a Educação Física na formação da infância deveriam ser exemplos a serem seguidos pelo Brasil. Enfatizava que uma “viagem” pelo mundo era necessária para percebermos como as nações desenvolvidas lidavam com a Educação Física de seu povo, principalmente das crianças. Esclarecia o autor que a preocupação com a infância e sua educação tornava possível que as crianças se modernizassem.

Como vimos, a Educação Física Infantil, nos escritos de Loyola, é uma necessidade que começa no nascimento da criança e se estende até os 12 anos, porém deve ser sistematizada não apenas em discursos, mas em programas específicos para os bebês e as crianças pequenas, com atividades que contemplem as diferenças fisiológicas, neurológicas e motoras, sem esquecer que também deveriam possuir um conteúdo moral que garantisse a formação de um indivíduo perfeito, completo, capaz de servir à nação.

Guiado pelas discussões que aconteciam no Brasil nas décadas de 1930 e 1940, sobre o melhoramento da raça, da higiene, da eugenia, do trabalho e da industrialização, Loyola justificava a Educação Física como necessária para a formação e produção do homem forte representante de um país moderno, livre de seus males de origem e apto a entrar no concerto civilizatório.

Não tendo dúvidas sobre a importância da Educação Física Infantil, Loyola demonstra que as grandes nações também já tinham clareza sobre a necessidade dessa disciplina na educação das crianças. Assim como esses países, o Brasil precisava acompanhar as discussões e discutir qual deveria ser a Educação Física que contemplaria as especificidades das crianças pequenas.

Apesar de esse discurso ter sido realizado nas décadas de 1930 e 1940, praticamente todos os pontos discutidos por Loyola sobre a Educação Física Infantil ainda hoje estão sendo debatidos, mas utilizando como suporte outras teorias da aprendizagem e desenvolvimento infantil. Atualmente, a (re)inserção da Educação

Física na Educação Infantil nos Estados brasileiros é escassa. Poucos são os Estados que contemplam essa modalidade de escolarização.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a realização de investigação, não podemos mais afirmar que existiam poucos atores pensando/projetando a Educação Física no início do século XX. Percebemos que nós é que ainda não procuramos suficientemente os vencidos, os periféricos e os esquecidos. Para dar conta de responder sobre a constituição das teorias da Educação Física no Brasil, é preciso fugir um pouco do discurso oficial, dos regulamentos e das leis. É preciso sondar as práticas cotidianas e as lutas intestinas que indivíduos e grupos realizaram para tornar a Educação Física uma realidade nas escolas brasileiras. Muitas dessas práticas somente são possíveis de serem percebidas por vestígios, por pistas e sinais que deixam entrever que elas aconteceram e que somente por meio de resíduos foram preservadas. São memórias de outra época que foram conservadas, mesmo pelo silêncio.

Os impressos são uma forma para se chegar a esses atores sociais que buscaram sistematizar uma teoria para a Educação Física no século XX, revelando as suas estratégias/táticas empregadas nas formas de produção, circulação e usos desses dispositivos. Eles nos permitem ainda perceber as práticas empregadas pelos atores sociais na luta por acúmulo de capital simbólico e autoridade, nas quais os impressos (jornal, revistas e livros) desempenham papel central.

Ao realizarmos a investigação, compreendemos que Loyola ainda é pouco conhecido na História da Educação Física brasileira; ele ainda não havia sido alvo de estudos sistemáticos. O que acumulávamos sobre esse ator era sua importância e ampla publicação em periódicos que circularam no Brasil durante o século XX.

Vislumbrando sua possível contribuição na História da Educação Física Brasileira, consideramos necessário um estudo que não mais partisse de outros objetos para chegar a Hollanda Loyola, mas sim que partisse desse ator social para chegar a discussão de questões mais pontuais, como a construção histórica de uma Pedagogia para a Educação Física, em especial a Educação Física Infantil nas décadas de 1930 e 1940.

Desse modo, buscamos, nesta pesquisa, investigar as representações construídas por Hollanda Loyola na sua trajetória de formação e estudos sobre uma Pedagogia para a Educação Física e a Educação Física Infantil.

Constituindo os vestígios como representações, percebemos que Hollanda Loyola foi um ator que circulou em diferentes *lugares* e *espaços*. Ocupou *lugares de poder* como segundo-tenente do Exército, inspetor de Educação Física do Ministério da Educação e Saúde, presidente do Departamento de Educação Física Superior da Associação Brasileira de Educação Física. Ao mesmo tempo, circulou em *espaços* periféricos mais próximos dos seus princípios e anseios, como a AIB, o jornal *A Offensiva* e a revista *Educação Physica*.

Diplomado Oficial pelo Exército Brasileiro, professor de Educação Física pela Escola de Educação Física do Exército e com formação integralista, muito do que Hollanda Loyola representou em suas publicações relaciona-se com essa trajetória de formação. Organizando-se estratégica e taticamente, soube concordar com as prescrições do governo, exaltar a necessidade da Educação Física no processo de regeneração da raça e, na forma de sugestões, apontou seu modo de ver a Educação Física, que refletia os ideais integralistas.

Refletindo sobre assuntos da Educação Física correntes à época, porém em consonância com as lutas de representação materializadas nos impressos em que escrevia, Loyola busca construir um “Plano Geral de Educação Física” que desse unidade de doutrina à área. É fundamentado nos estudos da Medicina, Higiene e Fisiologia que escreve sobre: Atualidades, Pedagogia, Educação Física Infantil, Prescrições Educacionais, Educação Física Feminina, Seção de Consultas, Esporte/Ginástica, Moral e Civismo.

Com discurso construído a partir dos ideais integralistas, que, segundo Simões (2009), perpassava pelas ideias eugênicas e fascistas de melhoria da raça pela disciplinarização por meio do esporte e defesa de uma militarização corporal e psicológica dos brasileiros, tornando-os “soldados da pátria”, suspeitamos que Loyola continuou veiculando a “doutrina integralista”, mesmo após a extinção da AIB, fazendo uso da revista e de livros para difundir essa doutrina em tempos de repressão política. Outra suspeita é que muitas dessas ideias eram lugares comuns dos discursos, sendo quase impossível para os intelectuais daquele período não fazerem referência a elas para serem compreendidos no campo que se formava. Autores como Lourenço Filho, Fernando de Azevedo e, posteriormente, Inezil Pena Marinho também pensavam e refletiam a Educação Física no campo educacional,

levando em consideração os discursos do doutrinamento, patriotismo, militarização e eugeniação da raça.

De modo geral, as práticas editoriais de Loyola revelam que ele possuía conhecimentos de como funcionava o mundo dos impressos. Fazendo suas representações circularem por diversos suportes, buscou se tornar conhecido, reconhecido e autorizado a tratar do tema da inserção da Educação Física nas escolas, depois que passasse pela necessária pedagogização.

Cria uma comunidade de leitores de seus escritos sobre Pedagogia e Educação Física, que poderiam ser leitores do jornal integralista, patriotas e envolvidos na organização do Brasil. Tinham leitores mais interessados na imprensa de variedades e no movimento esportivo nacional e internacional, ao fazer suas ideias circularem na revista *Educação Physica*, e também leitores que buscavam leituras menos lúdicas, menos fragmentadas, mais contínuas e menos efêmeras, as quais eram sistematizadas em seus livros.

Investigando as representações de Hollanda Loyola sobre Pedagogia e Educação Física, percebemos que essas são práticas de apropriação e transformação dos saberes que, nos idos das décadas de 1930 e 1940, representam o que existia de mais moderno em matéria de Pedagogia. De posse dos saberes da Fisiologia, da Biologia e da Psicologia, ele se dedica a (re)pensar detalhadamente um método de Educação Física para todas as idades (do nascimento ao fim da vida), que fosse apropriado à realidade brasileira.

Suas representações nos permitiram ainda estabelecer relações entre a obra e o projeto de Loyola para a mudança da cultura brasileira e as discussões e desdobramentos da Semana de Arte Moderna de 1922, na aposta que é feita no manifesto antropofágico. Assim como Loyola, a aposta modernista buscava criar uma cultura brasileira que tivesse a nossa cara, resultado da diversidade racial que era/é o nosso Brasil. Sem restrição em consumir o que era produzido em outras culturas, mas sendo necessário, nesse processo, dar a “nossa cara”, fazer sentido dentro de nossas tradições, Loyola buscava mesclar o velho e o novo para produzir algo moderno.

Ao fazer circular suas ideias no jornal integralista, na revista civil e nos seus livros, age taticamente seguindo os padrões do Método Francês (por ser o sistema

oficial), porém faz adaptações às especificidades do povo brasileiro. Sua prática é de um caçador furtivo em território inimigo. Ele não busca impor um novo método, mas, em sua prática editorial, argumenta, sistematiza e sugere aos seus leitores (que poderia ser um homem comum, ou uma autoridade) que deveríamos fazer mudanças no modelo educacional adotado.

De diferentes formas, essas ideias são apresentadas em seus escritos. Uma delas, que sistematiza bem o que ele pensava a respeito da contribuição que sua obra poderia oferecer para o engrandecimento do Brasil, está presente no artigo escrito em 1935, momento em que se colocava à frente das fileiras integralistas, então com maior liberdade de expressar o que pensava a respeito da forma como a cultura brasileira deveria ser forjada. Nesse momento, chamava de absurda a contratação da Missão Militar Francesa para reorganizar o Exército Brasileiro, denominada por ele de “[...] imitações grosseiras, de inovações absurdas, de missões extravagantes” (LOYOLA, 1935, n. 53, p. 4). Pesquisas⁵⁷ apontam que a Missão Francesa exerceu impacto na organização do Exército e também no que viria a se constituir na Escola de Educação Física do Exército, a qual propaga o Método Francês de ginástica, também conhecido como Regulamento nº 07.⁵⁸

Para Loyola, deveríamos ter um método que levasse em conta a nossa raça e o nosso meio, com base pedagógica definida por nossas características, que correspondesse “[...] às nossas necessidades higienicas, eugenichas e sociaes” (LOYOLA, 1935, n. 53, p. 4). Dessa forma, a Educação Física seria o catalisador que capacitaria o Brasil a se tornar um país moderno, com uma juventude forte, ordeira e trabalhadora.

Em busca da síntese da nacionalidade, ele apresenta uma matéria, em 1941, na revista de Educação Physica, em que procura exortar o que considerava como o exemplo que deveríamos seguir. Nesse ano, chega ao Rio de Janeiro um grupo de jangadeiros provindos do Ceará que são apresentados por Loyola como a maior exaltação da raça, da bravura e da coragem que para ele eram a “[...] a afirmação altiloqüente das reservas físicas e morais de um povo denodado e forte” (LOYOLA,

⁵⁷ Ver Horta (1994) na obra *O hino, o sermão e a ordem do dia: a educação no Brasil (1930-1945)*, e Goellner (1996) no estudo *O método francês e militarização da educação física na escola brasileira*.

⁵⁸ Para maiores informações sobre a Missão Militar Francesa e seu impacto na constituição da Educação Física no Brasil, ver Ferreira Neto (1999), no estudo *A pedagogia no Exército e na escola: a educação física brasileira (1880-1950)*.

1941, n. 61, p. 9). Para ele, a aventura dos jangadeiros deveria ser um exemplo para a mocidade “[...] uma lição magnífica a ser aproveitada na formação da consciência nacional, no sentido da ‘confiança em si mesmo’ que deve orientar a educação do nosso povo” (LOYOLA, 1941, n. 61, p. 9). Nesse momento, afirma Loyola: “Neles eu vi, como em síntese, toda a grandeza da história épica desse grande povo [...] [e seu] seu amor à terra contra as investidas estrangeiras” (LOYOLA, 1941, n. 61, p. 9).

Já não há uma crítica explícita como anteriormente ele poderia fazer, mas uma análise mais sutil do processo histórico que havia convertido o Brasil em um “importador cultural”, de ideias e representações.

Refletindo sobre um “Plano de Educação Física” para todas as idades, Loyola realiza um esforço também de estudar sobre uma proposta de Educação Física que contemplasse as especificidades da Educação Infantil.

Essa motivação já indica que Loyola construía uma representação de infância como uma etapa destacada na vida do homem. Uma etapa que possuía características próprias, que precisavam ser respeitadas, principalmente porque, nessa fase, seria mais fácil corrigir e/ou prevenir antes que as crianças fossem afetadas pelos males naturais com que viriam a ter contato por viver em sociedade. Nesse sentido, faz uso de Rousseau, sem, porém, apropriar-se da amplitude de seu discurso.

Assim como em suas reflexões pedagógicas, constrói sua proposta de Educação Física para a infância bebendo nas fontes da Medicina, Fisiologia, Biologia e Psicologia. Eram essas fontes que lhe permitiam vislumbrar como se dava o desenvolvimento infantil em cada idade. Além disso, aponta que teve contato com as referências e discussões sobre a Pedagogia Ativa, posteriormente denominada de Pedagogia da Escola Nova, bem como com os princípios do que Nagle (1976) viria a chamar de *o Entusiasmo pela educação e o Otimismo pedagógico*.

Com base nesses suportes, organizava pedagogicamente uma Educação Física que pudesse contemplar essa etapa da vida, e assim formar, desde a base, a juventude ordeira e patriótica, motor que impulsionaria o Brasil para a modernidade.

Com uma produção datada, Loyola aponta, nas duas temáticas investigadas, que sua ampla formação, passando por diferentes espaços e lugares, lhe permitiu investir em discussões inovadoras à época. Como os currículos das escolas de

formação de professores de Educação Física, na década de 1930, eram basicamente compostos por disciplinas ligadas às áreas da saúde com propostas eugênicas, Loyola ousou nas suas práticas de apropriação ao utilizar-se desses conhecimentos para refletir uma proposta pedagógica para a Educação Física e para a Educação Física Infantil.

No estudo, compreendemos que, para pensar o itinerário da constituição de uma teoria para a Educação Física, não devemos conduzir nosso olhar apenas para uma essência da Educação Física, pois as teorias são produzidas por meio de apropriações e negociações. Esse processo é marcado pelas pressões políticas que um determinado regime de governo dos homens imprime sobre os agentes sociais, mas também da capacidade que esses homens possuem de fazer uso dessas pressões em proveito próprio na dialética das estratégias e das táticas.

Para além dos apontamentos já indicados, o estudo também nos permitiu vislumbrar que Hollanda Loyola pode ter contribuído em outros debates travados nas décadas de 1930 e 1940, como: a Educação Física Feminina, os Esportes/Ginástica, Atualidades, dentre outros, haja vista a amplitude de temáticas que discutiu. Desse modo, indicamos a relevância de estudos posteriores que, ao investigar essas outras temáticas, devem dar maior visibilidade às contribuições desse ator social ainda pouco conhecido.

REFERÊNCIAS

ALAMBERT, Francisco. **A semana de 22: a aventura modernista no Brasil**. São Paulo: Editora Scipione, 1992.

ALMEIDA, Felipe. Quintão. Unidade de doutrina e pedagogia da educação física nos escritos de Hollanda Loyola (1939-1944). **Revista da Educação Física / EUM**, Maringá, v. 19, n. 2, p. 291-303, 2008.

ALVES, Ana Elizabeth Santos; SILVA, Lígia Maria Portela da. **Fontes históricas documentais e os estudos sobre o trabalho e a educação**. Disponível em: <<http://www.histedbr.fae.unicamp.br/art14.pdf>>. Acesso em: 15 jan. 2011.

BERMOND, Magda Terezinha. **A educação física escolar na Revista de Educação Física (1932-1952): apropriações de Rousseau, Claparède e Dewey**. 2007. 152 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

BERTO, R. C. **Regenerar, civilizar, modernizar e nacionalizar: a educação física e a infância em revista nas décadas de 1930 e 1940**. 2008. 182 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2008.

BLOCH, Marc. **Apologia da história: ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

BRASIL. Lei nº 38, de 4 de abril de 1935. Dispõe sobre crimes contra a ordem política e social. Disponível em: <<http://www2.camara.gov.br/legin/fid/lei/1930-1939/lei-38-4-abril-1935-397878-republicacao-77367-pl.html>>. Acesso em: 10 maio 2011.

BRASIL. Ministério da Justiça e Negócios. Interiores. Processo nº 595. Acusados: Raimundo Barbosa Lima e outros. Relator: Coronel Costa Neto. Distrito Federal, 12 de março de 1938. Microfilmes digitalizados do Arquivo Nacional, Rio de Janeiro, AN314 a AN318, 2003.

CAMARGO, Kátia Aily Franco de. **A revista como fonte de pesquisa**. 2005. Disponível em: <<http://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/educacao/article/view/470/402>>. Acesso em: 1 mar. 2011.

CAVALCANTE, Maria Juraci, Maia. **O jornal como fonte privilegiada de pesquisa histórica no campo educacional**. 2002. Disponível em: <<http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe2/pdfs.Tema4/0429.pdf>>. Acesso em: 15 jan. 2011.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer**. 10. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

CHARTIER, R. **A história cultural**: entre práticas e representações. 2. ed. Lisboa: Difel, 2002.

CHARTIER, Roger. **A história ou a leitura do tempo**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

DARNTON, Robert. Introdução. In: DARNTON, Robert; ROCHE, Daniel (Org.). **Revolução imprensa**: a imprensa na França: 1775-1800. São Paulo: EDUSP, 1996. p. 15-17.

FAGUNDES, Pedro Ernesto. Páginas verdes: publicações da Ação Integralista Brasileira (AIB). In: SIMÕES, Renata Duarte (Org.). **Entre tipos e recortes**: histórias da imprensa integralista. Rio Grande do Sul: Sob Medida, 2011. p. 245-260. (No prelo).

FALCON, Francisco. História da idéias. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Org.). **Domínios da história**: ensaios de teoria e metodologia. 5. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 91-126.

FARIA, Maria Isabel; PERICÃO, Maria da Graça. **Dicionário do livro**: da escrita ao livro eletrônico. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio**: o dicionário da língua portuguesa. 6. ed. rev. Curitiba: Positivo, 2005.

FERREIRA NETO, Amarílio. **A pedagogia no Exército e na escola**: a educação física brasileira (1880-1950). Aracruz, ES: FACHA, 1999.

FREITAS. Luana Luzia Lóss de. **Saberes e fazeres mobilizados pelos professores de educação física na prática pedagógica com criança de zero a três anos**. 2007. Monografia (Licenciatura Plena em Educação Física) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2007.

FREITAS. Luis Ronald Paula. **Laços de família**: a opção pela educação. Disponível em: <<http://www.relembrancas.com/>>. Acesso em: 16 de abr. de 2011.

GIGLIO. Celia Maria Benedicto. **A voz do trabalhador**: sementes para uma nova sociedade. 1995. 187 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1995.

GINZBURG, Carlo. Chaves do mistério: Moreli, Freud e Sherlock Holmes. In: ECO, Umberto e SEBEOK, Thomas A. (Org.). **O signo de três**: Dupin, Holmes, Peirce. São Paulo: Editora Perspectiva, 1991.

GOELLNER, Silvana Vilodre. O método francês e a militarização da educação física na escola brasileira. In: FERREIRA NETO, Amarílio (Org.). **Pesquisa histórica na educação física brasileira**. Vitória: UFES. Centro de Educação Física e Desportos, 1996. p. 123-144.

GOELLNER, Silvana Vilodre. **Bela, maternal e feminina**: imagens da mulher na Revisa Educação Physica. Rio Grande do Sul: Ijuí, 2003.

HALLEWELL, Laurence. **O Livro no Brasil (sua história)**. São Paulo: EDUSP, 1985.

HISTÓRICO ESEFEX. Disponível em: <<http://www.esefex.ensino.eb.br>>. Acesso em: 27 abr. 2011.

HORTA, José Silvério Baía. **O hino, o sermão e a ordem do dia: a educação no Brasil (1930-1945)**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1994.

HUBERT, René. **História da pedagogia**. 3. ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1976.

LE GOFF, Jacques. **A história nova**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

LUCA, Tania Regina. Fontes impressas: história dos, nos e por meio dos periódicos. In: **Fontes Históricas**, PRINSKY, ... (Org.). São Paulo: Contexto, 2005 (p. 111 a 153).

LUZURIAGA, Lorenzo. **História da educação e da pedagogia**. 12. ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1980.

MARTINS, Ana Luiza. **Revistas em revista: imprensa e políticas culturais em tempos de República, São Paulo (1890-1922)**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Faesp: Imprensa Oficial do Estado, 2001.

MICELI, Sérgio. **Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920-1945)**. São Paulo: DIFEL/Difusão Editorial S.A., 1979.

NAGLE, Jorge. **Educação e sociedade na Primeira República**. São Paulo: E.P.U., 1976.

NÓVOA, António. A imprensa de educação e ensino. In: CATANI, Denice Barbara; BASTOS, Maria Helena Camara (Org.). **Educação em revista: a imprensa periódica e a história da educação**. São Paulo: Escrituras, 1997.

NUNES, Clarice; CARVALHO, Marta Maria Chagas de. Historiografia da educação e fontes. **Cadernos da ANPED**, Belo Horizonte, n. 5, p. 7-64, set. 1993.

OBJETIVO CPOR. Disponível em: <<http://www.cpor.rj.ensino.eb.br/index.php>>. Acesso em: 25 abr. 2011.

OLIVEIRA, Rodrigo Santos de. A imprensa na Ação Integralista Brasileira em perspectiva. In: SIMÕES, Renata Duarte (Org.). **Entre tipos e recortes: histórias da imprensa integralista**. Rio Grande do Sul: Sob Medida, 2011. p. 23-49. (No prelo).

PASSETI, Gabriel. **O jornal como fonte documental**. Disponível em: <<http://www.klepsidra.net/klepsidra13/estado2.htm>>. Acesso em: 15 jan. 2011.

REIS, José Carlos. **Escola dos Annales: inovação em história**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2000.

REVOLTA INTEGRALISTA. In: CPDOC/FGV (Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil) 2010. Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <<http://fgv.br/CPDOC/BUSCA/Busca/BuscaConsultar.aspx>>. Acesso: 29 abr. 2011.

SCHNEIDER, Omar. **A revista Educação Physica (1932-1945):** estratégias editoriais e prescrições educacionais. 2003. 342 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: História, Política, Sociedade, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2003.

SCHNEIDER, Omar. **A circulação de modelos pedagógicos e as reformas da instrução pública:** atuação de Herculano Marcos Inglês de Souza. 2007. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: História, Política, Sociedade, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.

SCHNEIDER, Omar. **Educação Physica:** a arqueologia de um impresso. Vitória: Edufes, 2010.

SCHWARTZMAN, Simon; BOMENY, Helena Maria Bousquet; COSTA, Vanda Maria Ribeiro. **Tempos de Capanema.** São Paulo: Paz e Terra, 2000.

SEMANA DA ARTE MODERNA. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Semana_de_Arte_Moderna>. Acesso em: 25 maio 2011.

SENTINELO, Jaqueline Tondato e BERTONHA, João Fábio. O conflito ítalo-etíope (1935-1936) no jornal *A Offensiva*: a solidariedade fascista, o valor dos “povos de cor” e a “civilização”. In: SIMÕES, Renata Duarte (Org.). **Entre tipos e recortes:** histórias da imprensa integralista Rio Grande do Sul: Sob Medida, 2011. p. 87-107. (No prelo).

SILVA, Márcia Pareira da; FRANCO, Gilmara Yoshihara. **Imprensa e política no Brasil:** considerações sobre o uso do jornal como fonte de pesquisa histórica. 2010. Disponível em: <www.periodicos.ufgd.edu.br/index.php/historiaemreflexao/article/...575>. Acesso em: 15 jan. 2011.

SIMÕES, Renata Duarte. A educação física para mulheres inscritas nas fileiras integralistas da década de 1930. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 5., 2008, Aracaju – SE. **Anais do V Congresso Brasileiro de História da Educação:** o ensino e a pesquisa em história da educação. Aracaju – SE: Editora da Unit, 2008.

SIMÕES, Renata Duarte. **A educação do corpo no jornal A Offensiva (1932-1938).** 2009, 184 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

SIMÕES, Renata Duarte. Imprensa oficial integralista: usos e ciclo de vida do jornal *A Offensiva*. In: SIMÕES, Renata Duarte (Org.). **Entre tipos e recortes:** histórias da imprensa integralista. Rio Grande do Sul: Sob Medida, 2011. p. 51-86. (No prelo).

SOUZA NETO, S. de. Profissão, história e sociedade: Hollanda Loyola e a educação física. In: CONGRESSO LUSO-BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 2.,

1998, São Paulo – USP. **Atas do II Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação**: práticas educativas, culturas escolares, profissão docente. São Paulo – USP, 1998, v. 2. p. 569-588.

SOUZA NETO, S. de. “Educação Physica”: Revista de Esporte e Saúde: profissão, história e sociedade. In: ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA, 17., 2004, Campinas – Unicamp. **Anais do XVII Encontro Regional de História**: o lugar da História. Campinas – Unicamp, 2004. 1 CD-ROM.

TIRO DE GUERRA. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Tiro_de_Guerra/>. Acesso em: 28 abr. 2011.

TOLEDO, Maria Rita de Almeida. **Coleção atualidades pedagógicas**: do projeto político ao projeto editorial (1931-1981). 2001, 295 f. Tese (Doutorado em Educação: História e Filosofia da Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2001.

TRIBUNAL DE SEGURANÇA NACIONAL. In: CPDOC/FGV (Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil) 2010. Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos30-37/RadicalizacaoPolitica/TribunalSegurancaNacional>>. Acesso em: 10 maio 2011.

TRINDADE, Hégio. **Integralismo**. In: CPDOC/FGV (Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil) 2010. Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <<http://fgv.br/CPDOC/BUSCA/Busca/BuscaConsultar.aspx>>. Acesso: 29 abril 2011.

VEYNE, Paul. **Como se escreve a história**. 4. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

VILELA, Marize Carvalho et al. Estudo de periódicos: possibilidades para a história da educação brasileira. In: MENEZES, Maria Cristina (Org.). **Educação, memória, história**: possibilidades, leituras. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2004.

JORNAL A OFFENSIVA

A OFFENSIVA, Rio de Janeiro, ano I, n. 5, p. 8, 14 jun. 1934.

A OFFENSIVA, Rio de Janeiro, ano II, n. 38, p. 5, 31 jan. 1935.

LOYOLA, Hollanda. Educação Physica II. **A Offensiva**, Rio de Janeiro, ano II, n. 53, p. 4, 18 maio 1935.

LOYOLA, Hollanda. Educação Physica III: definição e importância. **A Offensiva**, Rio de Janeiro, ano II, n. 54, p. 6, 25 maio 1935.

LOYOLA, Hollanda. Educação Physica IV: definição e importância. **A Offensiva**, Rio de Janeiro, ano II, n. 55, p. 6, 1 jun. 1935.

LOYOLA, Hollanda. Educação Physica V: finalidades. **A Offensiva**, Rio de Janeiro, ano II, n. 56, p. 6, 8 jun. 1935.

LOYOLA, Hollanda. Educação Physica X: considerações gerais. **A Offensiva**, Rio de Janeiro, ano II, n. 61, p. 6, 13 jul. 1935.

REVISTA EDUCAÇÃO PHYSICA

CERQUEIRA, Ademar. Hollanda Loyola. **Educação Física**. Rio de Janeiro, n. 87, p. 32, jul. / ago. 1945.

EDUCAÇÃO FÍSICA, Rio de Janeiro, n. 16, p.1, mar. 1938.

EDUCAÇÃO FÍSICA, Rio de Janeiro, n. 38, p. 80, jan. 1940.

EDUCAÇÃO FÍSICA, Rio de Janeiro, n. 49, p. 1, dez. 1940.

EDUCAÇÃO FÍSICA, Rio de Janeiro, n. 51, p. 1, fev. 1941.

EDUCAÇÃO FÍSICA, Rio de Janeiro, n. 72, p. 1, jan./fev. 1943.

EDUCAÇÃO FÍSICA, Rio de Janeiro, n. 81, p. 1, jul. 1944.

EDUCAÇÃO FÍSICA, Rio de Janeiro, n. 85, p. 15, mar./abr. 1945.

LOYOLA, Hollanda. Educação física infantil (dos 4 aos 6 anos). **Educação Física**, Rio de Janeiro, n. 34, p. 13 e 36, set. 1939.

LOYOLA, Hollanda. Secção de Consultas. **Educação Física**, Rio de Janeiro, n. 34, p. 62, set. 1939.

LOYOLA, Hollanda. Educação Física. **Educação Física**, Rio de Janeiro, n. 35, p. 9, out. 1939.

LOYOLA, Hollanda. Lição de educação física: 3º ciclo elementar. **Educação Física**, Rio de Janeiro, n. 35, p. 62 e 63, out. 1939.

LOYOLA, Hollanda. Secção de Consultas. **Educação Física**, Rio de Janeiro, n. 35, p. 66, out. 1939.

LOYOLA, Hollanda. Educação física infantil: primeira infantil: período pré-escolar. **Educação Física**, Rio de Janeiro, n. 41, p. 37-40, abr. 1939.

LOYOLA, Hollanda. Educação física infantil: terceira idade. **Educação Física**, Rio de Janeiro, n. 43, p. 50-51 e 72, jun. 1940.

LOYOLA, Hollanda. Educação física infantil. **Educação Física**, Rio de Janeiro, n. 44, p. 50-52; 54 e 77, jul. 1940.

LOYOLA, Hollanda. Educação física nos colégios: como organizar o registro geral de instrução. **Educação Física**, Rio de Janeiro, n. 45, p. 33-36 e 76, ago. 1940.

LOYOLA, Hollanda. Oração do Atleta. **Educação Física**, Rio de Janeiro, n. 47, p. 9, out. 1940.

LOYOLA, Hollanda. Instrução moral e cívica. **Educação Física**, Rio de Janeiro, n. 48, p. 9, Nov. 1940.

LOYOLA, Hollanda. Unidade de doutrina. **Educação Física**, Rio de Janeiro, n. 50, p. 9, jan. 1941.

LOYOLA, Hollanda. O verdadeiro sentido da educação física: como orientá-la dentro do plano geral de ensino da mocidade: observações que o professor deve seguir. **Educação Física**, Rio de Janeiro, n. 51, p. 24-26 e 70, fev. 1941.

LOYOLA, Hollanda. Ginástica para o bebê. **Educação Física**, Rio de Janeiro, n. 53, p. 50-53, abr. 1941.

LOYOLA, Hollanda. Os jangadeiros cearenses. **Educação Física**, Rio de Janeiro, n. 61, p. 9, dez. 1941.

LOYOLA, Hollanda. Importância da educação física feminina. **Educação Física**, Rio de Janeiro, n. 66, p. 15-16 e 18-21, jul. 1942.

LOYOLA, Hollanda. Educação física infantil: breve notícia sobre a educação física nas escolas primárias das principais nações do mundo. **Educação Física**, Rio de Janeiro, n. 67, p. 15-16 e 50-52, ago. 1942.

MEMÓRIA, Assis. Hollanda Loyola. **Educação Física**. Rio de Janeiro, n. 81, p. 2, jul. 1944.

LIVROS DE HOLLANDA LOYOLA

LOYOLA, Hollanda. **Volley Ball**: regras e instruções. Rio de Janeiro: Cia. Brasil Editora, 1938.

LOYOLA, Hollanda. **Educação física**: tratado de pedagogia. Rio de Janeiro: Cia. Brasil Editora, 1940.

LOYOLA, Hollanda. **Tenis**. Rio de Janeiro: Cia. Brasil Editora, 1940.

LOYOLA, Hollanda. **Basket Ball**: regras e instruções. Rio de Janeiro: Cia. Brasil Editora, 1941.

LOYOLA, Hollanda. **Pequenos esportes**. São Paulo: Cia. Brasil Editora, 1944.

APÊNDICES

APÊNDICE A – TEXTOS PUBLICADOS POR HOLLANDA LOYOLA NA PRIMEIRA FASE DO JORNAL *A OFFENSIVA*

Ano	Número	Título
1935	52	Educação Physica I
1935	53	Educação Physica II
1935	54	Educação Physica III: definição e importância
1935	55	Educação Physica IV: definição e importância
1935	56	Educação Physica V: finalidades
1935	57	Educação Physica VI: methodos
1935	58	Educação Physica VII: methodos
1935	59	Educação Physica VIII: methodo frances
1935	60	Educação Physica IX: methodo frances
1935	61	Educação Physica X: considerações gerais
1935	62	Educação Physica XI: plano geral
1935	63	Educação Physica XII: plano geral
1935	64	Educação Physica XIII: plano geral
1935	65	Educação Physica XIV: plano geral
1935	66	Educação Physica XV: plano geral
1935	67	Educação Physica XVI: plano geral
1935	68	Educação Physica XVII: plano geral
1935	69	Educação Physica XVIII: plano geral
1935	70	Educação Physica XIX: para a mulher
1935	71	Educação Physica XX: para a mulher
1935	72	Educação Physica para a mulher
1935	73	Educação Physica: gymnastica respiratória
1935	74	Educação Physica: diathese muscular
1935	77	Educação Physica: basket-ball e sua preparação
1935	81	Educação Physica: as olympiadas
1935	81	Educação Physica: natação

APÊNDICE B - TEXTOS PUBLICADOS POR HOLLANDA LOYOLA NA *CHRONICA DO DIA* (1936-1938)

Ano	Número	Título
1935	52	Educação Physica I
1935	53	Educação Physica II
1935	54	Educação Physica III: definição e importância
1935	55	Educação Physica em Cruz Alta IV: definição e importância
1935	56	Educação Physica V: finalidade
1935	57	Educação Physica VI: methodos
1935	58	Educação Physica VII: methodos
1935	59	Educação Physica VIII: methodo Francez
1935	60	Educação Physica IX: methodo Francez
1935	61	Educação Physica X: considerações gerais
1935	62	Educação Physica XI: plano geral
1935	63	Educação Physica XII: plano geral
1935	64	Educação Physica XIII: plano geral
1935	65	Educação Physica XIV: plano geral
1935	66	Educação Physica XV: plano geral
1935	67	Educação Physica XVI: plano geral
1935	68	Educação Physica XVII: plano geral
1935	69	Educação Physica XVIII: plano geral
1935	70	Educação Physica XIX: perna de mulher
1935	71	Educação Physica XX: para a mulher
1935	73	Educação Physica para a mulher
1935	74	Educação Physica: gymnastica respiratória
1935	75	Educação Physica: diathese muscular
1935	77	Educação Physica: basket-ball
1935	81	Educação Physica: as olympiadas
1935	82	Educação Physica: natação
1935	88	Educação Physica: para os nossos colégios
1936	90	Chronica do dia: apparecendo
1936	91	Chronica do dia: as olympiadas
1936	92	Chronica do dia: pelo Sport menor
1936	93	Chronica do dia: a mulher no Sport
1936	94	Chronica do dia: pacifiquemos o Sport

1936	97	Chronica do dia: direcção dos sports
1936	98	Chronica do dia: especialização
1936	99	Chronica do dia: campeonato infantil
1936	100	Chronica do dia: os atletas de amanhã
1936	101	Chronica do dia: campeonato dos tiros
1936	102	Chronica do dia: uma bella iniciativa
1936	103	Chronica do dia: football
1936	104	Chronica do dia: a pacificação virá
1936	106	Chronica do dia: pacifiquemos o sport
1936	107	Chronica do dia: atletas que fumam
1936	109	Chronica do dia: gymnastica de aparelho
1936	110	Chronica do dia: sobre os nossos nadadores
1936	111	Chronica do dia: nossos atletas e as olympiadas
1936	112	Chronica do dia: o esporte e o carnaval
1936	113	Chronica do dia: o carnaval e o sport
1936	114	Chronica do dia: a pacificação
1936	115	Chronica do dia: thecnicos
1936	116	Chronica do dia: preparação athletica
1936	119	Chronica do dia: considerações
1936	121	Chronica do dia: a paz lendária
1936	122	Chronica do dia: athletica dos estudantes
1936	123	Chronica do dia: ecletismo e especialização
1936	126	Chronica do dia: o escotismo e os seus novos rumos
1936	127	Chronica do dia: campeonatos de estudantes
1936	128	Chronica do dia: o Brasil nas olympiadas
1936	129	Chronica do dia: o nosso pugilismo
1936	131	Chronica do dia: a officialização do sport
1936	132	Chronica do dia: irresponsabilidade
1936	133	Chronica do dia: as brigas sportivas
1936	134	Chronica do dia: a semana da natação
1936	135	Chronica do dia: novas confabulações
1936	137	Chronica do dia: observações sobre o remo
1936	138	Chronica do dia: o Sport collegial
1936	141	Chronica do dia: juizes sportivos
1936	144	Chronica do dia: commentando
1936	146	Chronica do dia: casos...
1936	148	Chronica do dia: o foot-ball no Brasil

1936	149	Chronica do dia: o nosso concurso
1936	150	Chronica do dia: pentathlon
1936	152	Chronica do dia: cuidemos da raça
1936	155	Chronica do dia: nossa representação em Berlim
1936	156	Chronica do dia: o arbitro presidencial
1936	157	Chronica do dia: excesso de methodos
1936	158	Chronica do dia: e a nossa representação olympica?
1936	159	Chronica do dia: commentando...
1936	161	Chronica do dia: a biblioteca do Flamengo
1936	163	Chronica do dia: falta de disciplina
1936	164	Chronica do dia: actualidades
1936	165	Chronica do dia: tiro ao alvo
1936	167	Chronica do dia: a semana integralista de educação
1936	168	Chronica do dia: mais uma piscina
1936	169	Chronica do dia
1936	175	Chronica do dia: as paradas athleticas
1936	176	Chronica do dia: a recepção do Botafogo
1936	177	Chronica do dia: preparemos a mocidade
1936	179	Chronica do dia: atletismo nacional
1936	182	Chronica do dia: gymnastica pelo radio
1936	183	Chronica do dia: uma medida louvável
1936	185	Chronica do dia: automobilismo
1936	186	Chronica do dia: o bravo tricolor
1936	187	Chronica do dia: o fechamento dos tiros
1936	189	Chronica do dia: os tiros em actividade
1936	191	Chronica do dia: apreciações
1936	193	Chronica do dia: o departamento medico da L.C.N.
1936	196	Chronica do dia: commentarios
1936	198	Chronica do dia: para as olympiadas
1936	199	Chronica do dia: pelo bem do pugilismo
1936	201	Chronica do dia: o primeiro espetáculo de Box do anno
1936	203	Chronica do dia: sejamos patriotas
1936	204	Chronica do dia: a festa da mocidade civida
1936	207	Chronica do dia: Congresso Médico de Berlim
1936	209	Chronica do dia: A educação physica no integralismo
1936	211	Chronica do dia: orientação sportiva
1936	216	Chronica do dia: uma olympiada no Brasil

1936	217	Chronica do dia: as nossas representações de natação
1936	222	Chronica do dia: campeonato de tiro
1936	223	Chronica do dia: o cartel de Teffe
1936	225	Chronica do dia: o desfile dos integralistas
1936	226	Chronica do dia: o dissídio sportivo
1936	227	Chronica do dia: os espetáculos de lueta
1936	228	Chronica do dia: os universitários integralistas
1936	229	Chronica do dia: o caso de Teffe
1936	231	Chronica do dia: as corridas de ante-ontem
1936	232	Chronica do dia: echos...
1936	233	Chronica do dia: dualidades
1936	234	Chronica do dia: a gymnastica nas olympiadas
1936	235	Chronica do dia: proibindo o automobilismo
1936	237	Chronica do dia: o Sport como expressão de civismo
1936	240	Chronica do dia: commentarios
1936	241	Chronica do dia: nossos atletas em Berlim
1936	243	Chronica do dia: pelos collegios...
1936	244	Chronica do dia: situação complexa
1936	246	Chronica do dia: perdemos a vez
1936	251	Chronica do dia: aproveitemos a trégua
1936	256	Chronica do dia: nós e as olympiadas
1936	257	Chronica do dia: juizes ineptos...
1936	259	Chronica do dia: o trust do catch
1936	261	Chronica do dia: a parada do dia da praça
1936	262	Chronica do dia: as manobras do CBD
1936	263	Chronica do dia: o aniversario do vasco
1936	264	Chronica do dia: à margem de uma entrevista
1936	265	Chronica do dia: não desanimemos
1936	269	Chronica do dia: as combinações...
1936	270	Chronica do dia: outros erros
1936	271	Chronica do dia: a mentalidade sportiva
1936	273	Chronica do dia: parada atletica
1936	281	Chronica do dia: HelléNice e as suas decepções
1936	283	Chronica do dia: a velha política
1936	286	Chronica do dia: derrocada do profissionalismo
1936	287	Chronica do dia: crises...
1936	288	Chronica do dia: o exemplo de Berlim

1936	289	Chronica do dia: justa medida
1936	292	Chronica do dia: olympiada militar
1936	293	Chronica do dia: pelo pugilismo
1936	294	Chronica do dia: outra mentalidade sportiva
1936	300	Chronica do dia: a margem dos nossos regulamentos
1936	301	Chronica do dia: o padrão olympico
1936	305	Chronica do dia: oportunidade perdida
1936	309	Chronica do dia: o projecto do Sr. Café Filho
1936	310	Chronica do dia: ainda o prolecto
1936	312	Chronica do dia: medida acceitavel
1936	316	Chronica do dia: educação sportiva
1936	317	Chronica do dia: Hymno nacional e Sport
1936	318	Chronica do dia: as suggestões
1936	319	Chronica do dia: o problemas dos juizes
1936	323	Chronica do dia: aos collegiaes
1936	325	Chronica do dia: ecos do fla-flu
1936	327	Chronica do dia: Hymno nacional e Sport
1936	328	Chronica do dia: commentando
1936	329	Chronica do dia: conseqüências do dissídio
1936	330	Chronica do dia: novos rumos
1936	332	Chronica do dia: exemplo do Pará
1936	333	Chronica do dia: attitudes suspeitas
1936	334	Chronica do dia: choque de gerações
1936	335	Chronica do dia: um campeonato mundial no Brasil
1936	336	Chronica do dia: reorganização nos sports
1936	338	Chronica do dia: a situação sportiva
1936	339	Chronica do dia: o caso Madureira
1936	340	Chronica do dia: as olympiadas de 1940
1936	341	Chronica do dia: a política e o Sport
1936	342	Chronica do dia: a officialização dos sports
1936	343	Chronica do dia: o dissídio
1936	344	Chronica do dia: a gratidão de Hellénice
1936	345	Chronica do dia: o torneio Vera Cruz
1936	346	Chronica do dia: pelas olympiadas
1936	348	Chronica do dia: boa nova
1936	349	Chronica do dia: responsabilidade do dissidio
1936	350	Chronica do dia: Raul Roulien é brasileiro!

1936	351	Chronica do dia: a lucta continua
1936	352	Chronica do dia: cuidemos dos outros sports
1936	353	Chronica do dia: a formação dos matchs
1936	355	Chronica do dia: outra táctica
1936	356	Chronica do dia: dois annos de lucta
1936	357	Chronica do dia: conseqüências do dissídio
1936	358	Chronica do dia: o Madureira
1936	359	Chronica do dia: campeonato desgrima
1936	360	Chronica do dia: adiamento de jogos
1936	361	Chronica do dia: modalidades de profissionalismo
1936	363	Chronica do dia: mais um desastre
1936	364	Chronica do dia: olympiadas Sul-Americanas
1936	366	Chronica do dia: um projecto que falhou
1936	367	Chronica do dia: elevemos o Sport
1936	371	Chronica do dia: natação
1936	375	Chronica do dia: uma estréa deconcertante
1937	377	Chronica do dia: novo anno
1937	379	Chronica do dia: os tiros de guerra
1937	380	Chronica do dia: educação physica nos collégios
1937	382	Chronica do dia: pelo pugilismo
1937	383	Chronica do dia: pela natação
1937	384	Chronica do dia: os nossos sports
1937	385	Chronica do dia: o caso Roth
1937	387	Chronica do dia: Roth e o seu empate
1937	388	Chronica do dia: commentarios
1937	389	Chronica do dia: o methodo Francez
1937	390	Chronica do dia: sejamos patriotas
1937	391	Chronica do dia: pelo escotismo
1937	392	Chronica do dia: vários
1937	393	Chronica do dia: commentarios
1937	394	Chronica do dia: o sul-americano de natação
1937	395	Chronica do dia: a mulher e o Sport
1937	396	Chronica do dia: Sport e instrucção militar
1937	397	Chronica do dia: nova tentativa
1937	398	Chronica do dia: excesso de velocidade
1937	399	Chronica do dia: o concurso de verão
1937	400	Chronica do dia: pacificação

1937	401	Chronica do dia: pelos clubs
1937	403	Chronica do dia: mais catch...
1937	404	Chronica do dia: o campeonato terminou...
1937	405	Chronica do dia: commentarios
1937	406	Chronica do dia: os sports nos tiros
1937	407	Chronica do dia: torneio abrto de natação
1937	408	Chronica do dia: era uma vez a paz..
1937	409	Chronica do dia: pelo carnaval
1937	410	Chronica do dia: a velha história
1937	411	Chronica do dia: para o campeonato mundial
1937	412	Chronica do dia: uma feliz idéia do Flamengo
1937	413	Chronica do dia: o jogo
1937	414	Chronica do dia: disciplina
1937	415	Chronica do dia: construíamos piscinas
1937	417	Chronica do dia: imminencia do fracasso
1937	418	Chronica do dia: falta equidade
1937	420	Chronica do dia: um novo campo de esportes em Petrópolis
1937	421	Chronica do dia: a carta do Jeremias
1937	422	Chronica do dia: propaguemos os outros sports
1937	423	Chronica do dia: nomes de clubs
1937	424	Chronica do dia: fracasso de uma iniciattiva
1937	426	Chronica do dia: o projecto de officialização
1937	427	Chronica do dia: o foot-ball
1937	428	Chronica do dia: commentando
1937	429	Chronica do dia: cuidado com os excessos
1937	430	Chronica do dia: o exemplo de Nictheroy
1937	431	Chronica do dia: a especialização
1937	432	Chronica do dia: ainda a especialização
1937	433	Chronica do dia: os techicos
1937	435	Chronica do dia: officialização
1937	436	Chronica do dia: política intelligente
1937	439	Chronica do dia: mais profissionalismo
1937	440	Chronica do dia: ainda o profissionalismo
1937	441	Chronica do dia: commentarios
1937	442	Chronica do dia: pugilismo
1937	445	Chronica do dia: revista dos sports
1937	446	Chronica do dia: novas conquistadas

1937	449	Chronica do dia: contra o profissionalismo
1937	451	Chronica do dia: engrandecendo a nossa natação
1937	452	Chronica do dia: e a lucta continua...
1937	453	Chronica do dia: pelo tiro
1937	457	Chronica do dia: pelo Sport do tiro
1937	461	Chronica do dia: considerações...
1937	462	Chronica do dia: nova base de pacificação
1937	464	Chronica do dia: saneemos os sports
1937	467	Chronica do dia: preconceitos absurdos
1937	469	Chronica do dia: os sports entre os estudantes
1937	471	Chronica do dia: equivoco lamentável
1937	473	Chronica do dia: pelo pugilismo
1937	475	Chronica do dia: alto lá!
1937	476	Chronica do dia: não compreendemos!
1937	477	Chronica do dia: campeonato collegial
1937	480	Chronica do dia: nova oportunidade
1937	484	Chronica do dia: a advertência do Vaticano
1937	486	Chronica do dia: para o circuito da Gávea
1937	487	Chronica do dia: incrementemos o tiro
1937	488	Chronica do dia: excursionismo
1937	490	Chronica do dia: uma lacuna da CBD
1937	493	Chronica do dia: oscilações no Sul
1937	494	Chronica do dia: olympiada infantil
1937	496	Chronica do dia: uma grave ???????
1937	497	Chronica do dia: os jogos universitários de Paris
1937	498	Chronica do dia: uma nova resposta
1937	499	Chronica do dia: nova temporada de pugilismo
1937	500	Chronica do dia: o carro que Téffe ganhou
1937	502	Chronica do dia: carros para os nossos volantes
1937	504	Chronica do dia: a psychologia do automobilismo
1937	506	Chronica do dia: a prova de amanhã
1937	508	Chronica do dia: ecos do circuito
1937	509	Chronica do dia: ecos do circuito
1937	510	Chronica do dia: ecos do circuito
1937	516	Chronica do dia: verdadeira concepção dos sports
1937	517	Chronica do dia: o problema da disciplina
1937	518	Chronica do dia: nossas representações

1937	521	Chronica do dia: pela imprensa sportiva
1937	522	Chronica do dia: os sports nos collegios
1937	523	Chronica do dia: reformas absurdas
1937	524	Chronica do dia: o certame de Dallas
1937	526	Chronica do dia: o século da criança
1937	527	Chronica do dia: rotina...
1937	529	Chronica do dia: a reforma da censura
1937	532	Chronica do dia: ainda ??? (jornal danificado)
1937	538	Chronica do dia: situação sportiva
1937	539	Chronica do dia: tática intelligente
1937	545	Chronica do dia: pacificação
1937	547	Chronica do dia: a paz
1937	548	Chronica do dia: commentarios
1937	550	Chronica do dia: os acontecimentos de Berlim
1937	551	Chronica do dia: uma grande realização
1937	552	Chronica do dia: ainda Berlim
1937	553	Chronica do dia: escola do Chefe
1937	557	Chronica do dia: fracasso da techica
1937	568	Chronica do dia: Lucrecia Borgia
1937	571	Chronica do dia: a festa dos tiros
1937	575	Chronica do dia: o dia da raça
1937	576	Chronica do dia: volta a disciplina
1937	577	Chronica do dia: promessas vãs
1937	578	Chronica do dia: a pacificação
1937	581	Chronica do dia: parada da mocidade
1937	582	Chronica do dia: a imprensa e o sport
1937	583	Chronica do dia: parada da mocidade
1937	587	Chronica do dia: o dia da raça
1937	588	Chronica do dia: triste decepção
1937	589	Chronica do dia: o campeonato de tiros
1937	590	Chronica do dia: a obra da paz
1937	593	Chronica do dia: não prejudiquemos a paz
1937	594	Chronica do dia: a crise é geral
1937	595	Chronica do dia: os jogos universitários
1937	596	Chronica do dia: um recorde de jogos
1937	598	Chronica do dia: morreu Moraes Sarmiento
1937	599	Chronica do dia: a reforma da censura

1937	601	Chronica do dia: a situação aquática
1937	602	Chronica do dia: pela paz aquática
1937	604	Chronica do dia: espectaculo olympico
1937	607	Chronica do dia: commentarios
1937	608	Chronica do dia: a pacificação
1937	610	Chronica do dia: actividades aquáticas
1937	611	Chronica do dia: o caso rubro-negro
1937	618	Chronica do dia: varias notas
1937	619	Chronica do dia: commentarios
1937	623	Chronica do dia: uma grande obra
1937	624	Chronica do dia: confusão de methodos
1937	625	Chronica do dia: um caso triste
1937	626	Chronica do dia: olympiadas de 1940
1937	628	Chronica do dia: péssima recommendação
1937	629	Chronica do dia: o fim do flamengo
1937	630	Chronica do dia: pelo amadorismo
1937	631	Chronica do dia: atletismo negro
1937	651	Chronica do dia: o problema dos juizes
1937	665	Chronica do dia: uma grande instituição
1937	667	Chronica do dia: a margem de uma entrevista
1937	671	Chronica do dia: a disciplina sportiva
1937	672	Chronica do dia: o caso do suborno
1937	676	Chronica do dia: o accaso de Carnera
1938	687	Chronica do dia: um exemplo a seguir
1938	689	Chronica do dia: pela disciplina
1938	692	Chronica do dia: fiscalização esportiva
1938	697	Chronica do dia: o radio e a gymnastica
1938	698	Chronica do dia: educação physica nos collegios
1938	707	Chronica do dia: Sport nacional
1938	709	Chronica do dia: Sport racional
1938	721	Chronica do dia: unidade de doutrina
1938	723	Chronica do dia: jogos olympicos
1938	727	Chronica do dia: como elles queriam a paz
1938	730	Chronica do dia: novos rumos para o esporte
1938	731	Chronica do dia: os clubs e a imprensa
1938	735	O Tijuca
1938	738	Chronica do dia: os clubs e os collegios

APÊNDICE C – TEXTOS PUBLICADOS POR HOLLANDA LOYOLA NA REVISTA *EDUCAÇÃO PHYSICA*

Ano	Número	Títulos
1939	33	Três grandes realizações
1939	34	Educação integral Educação física infantil (dos 4 aos 6 anos) Secção de consultas
1939	35	Educação Física A educação física e a mulher Lição de educação física: 3º ciclo elementar Informações úteis: secção de consultas
1939	36	Educação Moral O exemplo do velho John Lições de educação física: ciclo elementar Informações úteis: secção de consultas
1939	37	Educação moral Lições de educação física: 4º grão do ciclo elementar
1940	38	Educação esportiva Educação física nos colégios: como organizá-la e dirigi-la em um estabelecimento de ensino Lição de educação física: ciclo secundário – 1º grau
1940	39	O lar e a escola Para um método nacional Lição de educação física: ciclo secundário – 2º grau
1940	40	Amor à pátria Educação sexual Aprendamos a respirar Informações úteis: secções de consultas Lição de educação física: ciclo secundário – 2º grau
1940	41	Força da nacionalidade Educação física infantil – período pré-escolar Secção de consultas Lição de educação física
1940	42	O professor de educação física Educação física infantil: segunda infância

		Secção de consultas Lição de educação física
1940	43	O estádio de Pacaembú Educação física infantil: terceira idade Secção de consultas Lição de educação física: lição tipo para o mês de junho
1940	44	O club Educação física infantil Secção de consultas Lição de educação física: 1º grau do ciclo secundário
1940	45	Saúde, beleza e alegria Educação física nos colégios: como organizar o registro geral de instrução Secção de consultas Lição de educação física: 2º grau do ciclo secundário
1940	46	O desfile dos atletas Os primeiros profissionais do esporte Pode a mulher praticar futebol Secção de consultas Lição de educação física: 4º grau do ciclo elementar
1940	47	Oração do atleta Aprendamos a marchar Lição de educação física: 1º grau do ciclo secundário Secção de consultas
1940	48	Instrução moral e cívica Exercícios de barra fixa Secção de cunsultas
1940	49	Ciclismo: um esporte agradável e utilitário Secção de consultas Lição de educação física: ciclo superior
1941	50	Unidade de doutrina Corrija seu ventre Secção de consultas
1941	51	Creiamos em nós O verdadeiro sentido da educação física: como orientá-la dentro do plano geral de ensino da mocidade – observações que o professor deve seguir Seção de consultas
1941	52	Pais e professores Corrija os seus ombros e embeleze o seu troco: um sistema de exercícios para corrigir ombros caídos e tórax mal formado

		Seção de consultas
1941	53	Pela aviação brasileira Ginástica para o bebê Seção de consultas
1941	54	Honra ao mérito Conceito de dever no magistério da educação física
1941	55	Associação brasileira de educação física Educação física naval: qual o melhor método de educação física para nossos marinheiros? Seção de consultas
1941	56	Orientemo-nos Estudo sobre o tênis Seção de consultas
1941	57	Congressos Medicine-ball: um verdadeiro sistema de ginástica
1941	58	Um povo desfila Como preparar um equipo de voleibol Seção de consultas
1941	59	Pelo bom esporte Pingue-pongue: um esporte para o lar, a escola e o clube Seção de consultas
1941	60	Uma interpretação absurda Os males do nosso fute-bol Seção de consultas
1941	61	Os jangadeiros cearenses Os males do noss fute-bol Seção de consultas
1942	62	Juventude brasileira Montanhismo: esporte que deve predominar nas preferências da juventude do Brasil Secção de consultas
1942	63	Para a juventude brasileira Secção de consultas
1942	64	Estamos em festa Secção de consultas
1942	65	Pánamericanismo Pela elevação do esporte Secção de consultas
1942	66	Coeducação cívica Importância da educação física feminina

		Secção de consultas
1942	67	A educação física na marinha Educação física infantil: breve notícia sobre a educação física nas escolas primárias das principais nações do mundo Secção de consultas
1942	68	Estamos em guerra Educação física infantil: breve notícia sobre a educação física nas escolas primárias das principais nações do mundo Secção de consultas
1942	69	Educação física infantil: breve notícia sobre a educação física nas escolas primárias das principais nações do mundo Secção de consultas
1942	70	Homenagem póstuma Secção de consultas
1942	71	Primeiro congresso panamericano de educação física Secção de consultas
1943	72	Profissão de fé Secção de consultas
1943	74	Aos professores de educação física não diplomados Secção de consultas
1943	75	Comentários Secção de consultas
1943	76	O livro do momento Secção de consultas
1944	77	Ainda os congressos Oração do atleta
1944	78	Serviço de recreação operária

APÊNDICE D – LIVROS PUBLICADOS POR HOLLANDA LOYOLA

Ano	Título
1938	Volley Ball: regras e instruções
1939	Atletismo: regras e entretenimento
1940	Basquetebol: regras para 1940
1940	Jiu-jitsu
1940	Jogos
1940	Educação física: tratado de pedagogia
1940	Tênis: técnica, comentários e regras
1941	Volley Ball: regras e instruções para 1941
1941	Basket Ball: regras e instruções
1941	Ginástica para todos
1942	Basket Ball: regras e instruções para 1942
1943	Voleibol: regras, técnica e comentários
1944	Pequenos esportes

ANEXOS

ANEXO A – HISTÓRICO DE VIDA ESCOLAR DO ASPIRANTE FRANCISCO DE ASSIS HOLLANDA LOYOLA NA ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO EXÉRCITO

HISTÓRICO DA VIDA ESCOLAR DO ASPIRANTE		ABEIXO DIFERENCIADO DA ESCOLA SECUNDARIA	
NOME FRANCISCO DE ASSIS HOLLANDA LOYOLA		ANO LETIVO DE 1933	
PROVEDIÊNCIA EXÉRCITO		CURSO INSTRUTOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA	
		M	A
		T	H
		R	I
		A	S
		T	P
		e	r
		o	a
		r	t
		i	i
		c	c
		a	a
		s	s
5,100	Biologia Anatomia Fisiologia Bioquímica		
5,700	Biometria		
4,883	Cinesiologia		
4,458	Higiene		
7,500	Historia		
4,800	Massagem		
4,916	Pedagogia		
5,125	Socorros de Urgencia		
-	Fisioterapia		
4,500	Ginastica Ortope- dica		
5,800	Ataque e defesa		
5,125	Corrida		
6,165	Ginastica de apa- relhos		
3,666	Lançamentos		
2,500	Salto		
4,500	Basquetebol		
5,500	Futebol		
3,375	Voleibol		
6,250	Natação		
4,000	Remo		
-	Water Polo		
6,041	Educação Física Geral		
5,700	Esgrima		
9,820	Frequencia		
-	Educação Física Militar		
5,526	GRAU FINAL		
REG.	MENTÃO		
- 22	CLASSIFICAÇÃO		

CAPITAL FEDERAL - Em 16 de FEVEREIRO DE 1946

Antônio
Comandante

ANEXO B – DIÁRIO OFICIAL DE 13 DE JANEIRO DE 1937 APONTANDO A RELAÇÃO DOS SÓCIOS DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE IMPRENSA

1010 Quarta-feira 13

DIÁRIO OFICIAL

Janeiro de 1937

Offícios:

N. 139 — Ao D. N. Portos e Navegação — Fazendo regressar a essa repartição os funcionarios Paulo Ornellas de Camargo Freitas, 4.º official; Alexina de Oliveira Braga, escrevente de 1.ª classe, e René Feraudy, escrevente de 2.ª classe, que estavam á disposição da Directoria de Expediente desta Secretaria de Estado.

Syndicato dos Jornalistas Profissionais. — Apresente um exemplar de seus estatuto e a relação de socios em actividade jornalística, organizada nos termos do art. 8.º do decreto n. 23.655. (N. 22.908-36).

Associação Brasileira de Imprensa, apresentando nova relação de associados, afim de que, de conformidade com os dispositivos do decreto n. 23.655, de 27 de dezembro de 1933, seja publicada no *Diário Official*. — Faça-se a publicação, de accordo com o deliberado anteriormente. (Numero 22.908-36).

Continuação da relação dos socios da Associação Brasileira de Imprensa que se encontram em condições de gozar as regalias mencionadas no decreto n. 23.655, de 27 de dezembro de 1933:

Numero da carteira	Nomes	Matriculas	Cargo	Jornal
1.104	Emmerich Szazz		Itinerante — Redactor	Genova Press Service.
1.105	Radamés Montá	2.890	Sub-gerente	"Gazeta dos Tribunaes".
1.106	Alvaro Thomaz Gonçalves	3.572	Redactor	"A Rua".
1.107	José Coelho de Almeida Cousin	3.528	Redactor	"Vida Capichaba de Victoria".
1.108	Napoleão Fonyat Netto	3.584	Collaborador	"Diario Carioca".
1.109	Antonio Eugenio Magarinos Torres	3.066	Director	"Revista de Direito Penal".
1.110	Silvano Octavio Fernandes de Brito	3.024	Redactor	"A Sinfonella".
1.111	Ernest Leopold Moberg		Remido — Collaborador	"A Patria".
1.112	Luiz Martins e Silva	3.598	Redactor	"Revista do Trabalho".
1.113	Maria Alexim Barco	3.604	Auxiliar da administração	"Jornal do Brasil".
1.114	Vicente de Paula Guimarães	3.550	Director da succursal	"O Diario de B. Horizonte".
1.115	Antônio de Almeida Junior	3.328	Redactor	"Cruzada Santa".
1.116	Claudomir Maciel Barbosa	3.593	Auxiliar da administração	"A Defesa Nacional".
1.117	Francisco José Lopes da Silva	3.606	Collaborador	"Jornal do Brasil".
1.118	F. Pessoa de Queiroz	1.202	Director	"Jornal do Commercio", Pernambuco.
1.119	José Feyoó Gonzalez	3.179	Auxiliar da administração	"Vida Domestica".
1.120	Lucio Libanio	3.596	Auxiliar da administração	"Minas Geraes", de B. Horizonte.
1.121	João de Barros		Itinerante — Collaborador	"Diario de Lisboa".
1.122	Matheus Martins Noronha		Ramido — Correspondente	"Correio da Manhã".
1.123	Armando Leal Pamplona	3.612	Correspondente	"A Informação", em São Paulo.
1.124	Atonio Liberato Barroso Lisboa	2.534	Redactor	"Revista do Trabalho".
1.125	Robert Calt Aspinall	3.589	Redactor	"Correio da Manhã".
1.126	Orig Chacarian Sana-Khan	3.616	Collaborador	"A Nota".
1.127	José Velloso Borba	2.429	Secretario	"Revista de Seguros".
1.128	Guiovaldo Monteiro de Almeida	2.188	Correspondente	"A Noite", no Amazonas.
1.129	Adhemar Mello	2.198	Director	Agencia União.
1.130	Carmen Portinho	886	Redactora-chefe	"Revista da Directoria de Engenharia".
1.131	Alpheu Carneiro Lins	3.625	Gerente	"A Noticia".
1.132	Manoel Xavier Carneiro da Cunha Sobrinho		Redactor	"A Nação".
1.133	Newton Sampaio	3.052	Correspondente	"Correio do Paraná", de Curitiba.
1.134	David Alves dos Santos	2.364	Director	"O Valenciano", de Valença.
1.135	Arlindo Muccillo	1.634	Redactor	"Brasil Paiz de Turismo".
1.136	Achilles Martins Ferreira	3.590	Collaborador	"Guia Fiscal de São Paulo".
1.137	Luiz Carlos Peixoto de Castro		Collaborador	"O Malho".
1.138	Gastão Crues	3.623	Director	"Boletim de Ariel".
1.139	Guilherme Fernandes da Silva	3.440	Redactor	"A Patria".
1.140	Walter Leal de Barros	2.288	Correspondente	"O Radical" em São Paulo.
1.141	Oldemar Santos	3.474	Auxiliar da administração	"A Offensiva".
1.142	Rubem Dinard de Araujo	3.455	Redactor	"A Offensiva".
1.143	Paulo Lomba Ferraz	3.626	Redactor	"A Offensiva".
1.144	Franklin George Naylor	3.512	Redactor	"O Campo".
1.145	José Ramos de Freitas	3.611	Director da succursal	"Jornal dos Sports, em Montevideo".
1.146	Edgard Filgueiras	3.653	Redactor	"O Imparcial".
1.147	Alberto Pinto Mendes	3.014	Auxiliar da administração	"Diario da Noite".
1.148	Francisco de Assis Hollanda Loyola		Redactor	"A Offensiva".
1.149	Moysés de Moraes Filho	7.278	Collaborador	"Jornal do Brasil".
1.150	Belmiro Valverde	3.373	Director-gerente	"A Offensiva".
1.151	Humberto Miranda	3.430	Redactor	"Correio Maritimo".
1.152	Antonio Lopes de Amorim Diniz	1.250	Director	"Brasil".
1.153	Carlos Arroxellas Galvão	677	Director	International News Service King Features.
1.154	Juvenal de Queiroz Vieira	3.576	Redactor	"Informador Commercial".
1.155	Romão Côrtes de Lacerda	5.636	Director	"Minas Geraes", de B. Horizonte.
1.156	Kurt Behrend		Itinerante correspondente	Imprensa suissa.
1.157	Gilberto Lucena Costa Navais	3.389	Redactor	"Correio Maritimo".

Representante do Estado do Rio Grande do Sul. — Compareça, com urgencia, ao Protocollo Geral desta Secretaria de Estado. (21.654-36.)

Sociedade Radio Cultura "A Voz do Espaço". — Idem. (15.485-36.)

ANEXO C – DIÁRIO OFICIAL DE 26 DE JULHO DE 1935 SOBRE CONVOCAÇÃO DE LOYOLA PARA SERVIR NA 1ª REGIÃO MILITAR

15962 Terça-feira 26

DIÁRIO OFFICIAL

Julho de 1935

A pedido, o agente fiscal do imposto de consumo no interior do Estado do Piauí, José de Freitas e Silva, para identico logar no interior do Estado do Espirito Santo;

Jorge Elias Metri, para o logar de agente fiscal do imposto de consumo no interior do Estado do Piauí;

O escriptivo da Collectoria das Rendas Federaes em Palmeira, no Estado do Paraná, Fernando Carriel, para identico logar na segunda Collectoria em Ponta Grossa, no mesmo Estado.

— Por decreto da mesma data, foi promovido:

Por merecimento, a terceiro escripturario da Alfandega de Recife, no Estado de Pernambuco, o quarto escripturario da mesma repartição, Newton Dantas.

Ministerio da Marinha

Por decretos de 19 de julho de 1935:

Exonera o capitão de corveta João Paiva de Azevedo, das funcções de commandante do contra-torpedeiros *Matto Grosso*; e

De conformidade com os arts. 22, § 2º, 26, 62, § 1º, e 77, do regulamento approved pelo decreto n. 18.712, de 25 de abril de 1929, lei n. 5.167-A, de 12 de janeiro de 1927, e decreto n. 22.893, de 5 de junho de 1933, transfere para a reserva de primeira classe, a seu pedido, o capitão de corveta chimico do Quadro de Pharmaceuticos e Chimicos da Armada Oscar Dardeau, no mesmo posto e com o respectivo soldo, percebendo mais sete (7) quotas de cinco por cento (5 %) sobre o dito soldo annual, visto contar trinta e um (31) annos, um (1) mez e dias de serviço.

Ministerio da Guerra

Por decretos de 18 do corrente:

Foram classificados:

Por necessidade do serviço, no Hospital Militar Divisório da 3ª região, como director, o tenente coronel medico Dr. Juvenal Feliciano dos Santos;

Na arma de infantaria, o major José Alves de Magalhães, no quadro suplementar, por necessidade do serviço.

Foi designado, por necessidade do serviço, para o logar de chefe interino do Serviço de Saude da 3ª região militar, o tenente coronel medico Dr. Candido Portella da Costa Soares.

Foram exonerados:

A pedido, do cargo de sub-chefe do Estado Maior do Exército, o general de brigada Raymundo Rodrigues Barbosa;

Do commando da Escola Militar, o general de brigada José Meira de Vasconcellos, visto ter tido outra commissão.

Mandou-se contar de 26 de janeiro de 1935, a antiguidade de posto do capitão de artilharia Carlos de Faria Albuquerque e de 2 de maio do referido anno, a antiguidade de posto de capitão de artilharia Edgard de Abreu e Lima.

Foram nomeados:

O general de brigada Raymundo Rodrigues Barbosa para o cargo de presidente da Comissão de Orçamento e Fiscalização Financeira do Ministerio da Guerra;

Segundo sub-chefe do Estado Maior do Exército, o general de brigada José Meira de Vasconcellos;

Commandante da Escola de Artilharia o tenente coronel Alcio Souto;

Commandante da Escola Militar o coronel João Baptista Mascarenhas de Moraes;

De accordo com o art. 1º do regulamento approved pelo decreto n. 15.185, de 21 de dezembro de 1921, segundos tenentes nos quadros das armas abaixo indicadas, da 2ª classe da reserva de 1ª linha do Exército, para servirem na primeira região militar, os aspirantes a official da mesma reserva: Edgard William Allan, Francisco de Assis Hollanda Loiola, Arnaldo Alves Barreiros Cravo, Armando Guimarães Fonseca, Carlos de Mattos Novaes, Ito Limoeiro, Orveland Felippone Farrulla, de infantaria, e Daniel Gomes e Decio Germano Pereira, de artilharia.

Foi promovido, no quadro de administração, a capitão, o 1º tenente do antigo quadro de contadores Edison Brasilense Pereira, que contará antiguidade de 2 de maio ultimo.

Foram transferidos:

Por necessidade do serviço, o coronel José Julio de Oliveira, do quadro suplementar para o ordinario, sendo classificado no 2º regimento de artilharia montada (Curato de Santa Cruz);

Por necessidade do serviço, o tenente coronel Libanio Augusto da Cunha Mattos, do 7º para o 8º regimento de infantaria;

Na arma de infantaria, por necessidade do serviço, o tenente coronel Francisco de Paula Peixoto Vieira da Cunha, do quadro ordinario para o suplementar;

Por necessidade do serviço, o major Pletz Junior, do 5º regimento de cavallaria divisório para o 3º regimento de cavallaria independente (S. Luiz).

SECRETARIAS DE ESTADO

Ministerio da Justiça e Negocios Interiores

Directoria de Contabilidade

Expediente de 17 de julho de 1935

Actos do Sr. ministro

Primeira Secção

Avisos:

Ao director geral da Imprensa Nacional:

N. 1.147 — Autorizou-se o fornecimento á Procuradoria da República do Districto Federal, da colleção de leis, do actual e do antigo regime.

— Ao coronel commandante do Corpo de Bombeiros do Districto Federal:

N. 1.148 — Restituíram-se as vias dos balancetes do movimento da Caixa de Economias Licitas da Corporação.

— Ao ministro presidente do Tribunal de Contas:

N. 1.150 — Solicitou-se informação sobre si legalmente pôde ser aberto o credito especial de 28:567\$741, para augmento de vencimentos a que tem direito o Dr. Eloy Pontes.

— Ao presidente do Conselho Penitenciario do Districto Federal:

N. 1.163 — Declarou-se que o bacharel Armando Costa como secretario do Conselho não tem direito á remuneração.

Actos do Sr. director geral

Primeira Secção

Officios:

Ao director geral da Directoria do Expediente e Contabilidade da Policia Civil do Districto Federal:

N. 969 — Declarouse necessaria a organização com a remessa da folha de pagamento da differença de gratificações de chefe de Secção e de director do Instituto de Identificação e Estatística Criminal do Districto Federal.

— Ao director da Secretaria do Tribunal Regional Eleitoral de Piauí:

N. 956 — Communicou-se que importa em 840\$00 a passagem de São Luiz do Maranhão a esta Capital.

— Ao general commandante da Policia Militar do Districto Federal:

N. 957 — Transmittiu-se o processo de pagamento em que é interessado José Ignacio Marinho, para serem prestados esclarecimentos.

— Ao delegado fiscal do Thesouro em Pernambuco:

N. 958 — Solicitou-se a restituição do requerimento de

Benedicto José Ferreira.

— Ao delegado fiscal do Thesouro no Piauí:

N. 959 — Communicou-se que importa em 840\$300 a passagem concedida a Jorge Modesto de Almeida, solicitando-se providencias para desconto em folha.

— Ao director presidente da Companhia de Navegação Lloyd Brasileiro.

N. 960 — Restituiu-se a conta na importancia de réis 840\$300, de passagem a Jorge Modesto de Almeida, solicitando-se o encaminhamento á Delegacia em Piauí.

ANEXO D – DEPOIMENTO PRESTADO POR HOLLANDA
LOYOLA EM 12 DE MARÇO DE 1938 (PROCESSO Nº 595)

Modelo n. 3 Fls. 20



Polícia Civil do Distrito Federal
AUTO DE QUALIFICAÇÃO

Aos 12 de março de 1938 dias do mês de
Março do ano de mil novecentos e trinta e oito
nesta Capital Federal e na Delegacia Especial de Segurança Política e
Social, em Cartório, onde se achava o respectivo Delegado doutor
Humberto Guerreiro de Castro
comigo escrivão servindo ao seu cargo, adiante declarado, ai presente
o acusado Francisco de Assis Holanda Loyola
cor branco, o doador Delegado lhe fez as seguintes perguntas:
Qual o seu nome? Respondeu chamar-se Francisco de Assis Holanda Loyola
Qual a sua filiação? Respondeu ser filho de Manoel de Holanda Cavalcante
e de Hermínia de Holanda Cavalcante
Qual a sua idade? Respondeu ter a idade de vinte e nove anos
Qual o seu estado civil? Respondeu ser solteiro
Qual a sua profissão? Respondeu ser militar, oficial do Exército Na-
cional
Qual a sua naturalidade? Respondeu ser natural de Estado do Ceará
Qual a sua residência? Respondeu que, presentemente, reside á rua Herculano
Lobo numero noventa e seis, casa nove
Perguntado se sabe ler e escrever? Respondeu que sim.
E como nada mais disse, nem lhe foi perguntado, mandou o doutor Delegado
encerrar este auto, que assina com o qualificado. Eu *Humberto*
Humberto Guerreiro de Castro o escrivão o datilografar e assino.
Francisco de Assis Holanda Loyola

Imp. Nacional — 14-0

525
atual situação do País; que em conseqüências disto hontem, sexta feita, a tarde, cerca de deztoite horas, achando-se no Tiro de Guerra sito á rua Euidro Figueiredo quando recebeu aviso verbal de que naquela noite iria rebentar um movimento revolucionario nesta Capital, visando depôr o Governo e em seu lugar ser estabelecida uma junta, conforme adiante exporá; que essa comunicação lhe foi feita pelo official da reserva Moacyr Fonseca a mando do Capitão Carlos de Albuquerque que faz parte do "Partido Integralista"; que as instruções que recebeu consistiam em comparecer o declarante nas imediações do Quartel do Quinto Batalhão de Polícia Militar acompanhado de adeptos da "Ação Integralista" e de elementos civis que pudesse recrutar para ficar ali aguardando o desenrolar dos acontecimentos pois aquelle Batalhão iria se sublevar, devendo o declarante penetrar no Quartel depois que venesse ali o movimento, recebendo ordens para apresentar-se ao Capitão Sobrinho, official de aquelle Batalhão que naquela noite se achava ^{de} superior de dia, ficando aguardando os acontecimentos decorrentes do movimento; que de ante não ficou convencionado e disto teve conhecimento o declarante que logo que fosse dado o golpe revolucionario no Batalhão seria no quartel hasteada uma bandeira azul e branca para que o declarante e demais adeptos seus tivessem conhecimento de que poderiam entrar livremente no Quartel; que quando o declarante recebeu as instruções a que vêm de se referir se entendeu com Henrique Liberário, por intermedio de Moacyr, para que ele, como chefe de nucleo, reunisse partidarios seus para irem para as proximidades do quartel do Quinto Batalhão afim de aguardarem ordens e prestarem auxilio na ocasião oportuna; que nessa mesma noite, pouco depois das vinte e uma horas o declarante recebeu, ainda por intermedio de Moacyr, aviso de que o levante tinha sido adiado, não havendo mais nada, pois sendo a Marinha de Guerra um dos elementos com que contava para o mo-

vizante, havia na ultima hora recusado ou fracassado, conforme o
 ter/^{no}que foi empregado, pelo que mandou transmitir a contra ordem
 e Carlos Henrique Robertsson Liberalli e não como linha astra
 foi mencionado o seu nome, para dissolver o grupo, o que foi fei-
 to tanto que Liberalli, Moneyr e o declarante se retiraram pa-
 ra suas residencias; que como disse estava de ante mão escolhi-
 da uma Junta Governativa que deveria assumir o Governo vencido
 o movimento revalucionario, fazendo parte da mesma o General Pan-
 taleão Passôa, General Castro Junior e o Almirante Alvaro Vas-
 concellos, e o doutor Plinio Salgado seria convidado para chefe
 do Gabinete onde permaneceria até ser feito, segundo veio a comen-
 tar ao declarante, um plebescito para decidir sobre a situação
 futura do Paiz; que entre os elementos com quem antigamente
 privava e com os quacs trocou idéas a respeito da situação do
 Paiz e do movimento politico pôde citar o Comandante Falcão, da
 Marinha de Guerra, chefe do departamento da Marinha na "Ação" e
 encarregado da propaganda e controle de tudo que se referia à
 Marinha; Capitão govrinho a quem já referiu e pertencente a Polie-
 cia Militar e mais os officiaes do Exercito de nomes Capitão Al-
 buquerque, Major Morão, ex-chefe do estado Maior da milicia "In-
 tegralista" e o Major Heraldie, todos pertencentes a "Ação"; que o
 declarante ignora de quem partiu a idéa de ser levada a efeito
 esse movimento porquanto, embora saiba que entre os mesmo, digo
 entre os membros da "Ação" há os que queriam esse movimento e ou-
 tros que eram contra; que individualmente o declarante pensava
 entre os segundos, conforme teve occasião de referir ao chefe da
 "Ação" doutor Plinio Salgado; que aceitou a fazer parte desse
 movimento para que não vissem em sua recusa um recuo ou recessio
 além de poder ser considerado como um covarde ou um traidor; Na-
 da mais declarou nem lhe foi perguntado pelo que mandou o doutor
 delegado encerrar este auto que fide e achado conforme assina
 com o declarante. Su

(RUBRICA DO DELEGADO)

Yosi V...

escrevente que o datilografei e eu

escrivão que o subscrevo.

Chad
 Humberto Ferreira de Castro
 Joaquim de São Hollanda Lygia

Em tempo:

O declarante quer deixar consignado que além de poder ser considerado como traidor ou covarde, como disse, aceitou a missão que lhe foi confiada por não ter tido tempo nem ter havido oportunidade para procurar se avistar com os líderes do movimento ou da "Ação" a fim de interpe-la-los sobre o que planejavam; Nada mais declarou nem lhe foi perguntado pelo que mandou o doutor delegado encerrar este auto que lido e achado conforme acima com o declarante. Eu

escrevente que o datilografei e eu

escrivão que o subscrevo.

Chad
 Humberto Ferreira de Castro
 Joaquim de São Hollanda Lygia

dia de Fevereiro ultimo, atraves de informações que lhe chegaram
 de conhecimento por individuos que não pôde no momento identifi-
 car e pelo Capitão Albuquerque, com quem o declarante esteve no
 começo do mes de Março, tanto que encontrando-o na rua lhe infor-
 mou estar sendo planejado um movimento revolucionario, contando
 com o declarante que acquiesceu, sendo o declarante escalado
 para a Praça Quinze de Novembro; que o plano geral do movimento
 seria moldado, segundo o é o declarante, nas bases delineadas por
 ocasião do movimento comunista, ficando a cidade dividida em
 varios setores, cabendo aos integralistas cooperarem com os re-
 volucionarios, sendo escalados os reservistas integralistas pa-
 ra se apresentarem nos Quartéis situados nas zonas de suas resi-
 dencias, enquanto outros ficariam encarregados de policiamento
 da cidade, incluindo as zonas bancarias, repartições publicas, em-
 buidades, fontes de abastecimento da cidade, enquanto as forças
 armadas resolvessem a situação, não sendo atribuição dos mesmos
 tomar conta de quartéis e sim chegarem depois de sua situação in-
 terna ser resolvida, não podendo dar outros detalhes porquanto
 o declarante era considerado como segundo tenente e em consequen-
 cia com ação apenas militar, correspondente ao seu posto; que,
 como disse, o seu setor era da Praça Quinze mas, no dia onze de
 Março, sexta feira, encontrando-se com o Capitão Albuquerque, de
 quem o declarante recebia ordens quanto ao movimento, foi-lhe
 determinado que deveria ir agir na Praça Mauá, devendo ali aguardar
 que o Terceiro Batalhão, o 4º e o Quinto Batalhão da Polícia
 Militar fossem dominados para ingressar no mesmo e ali esperar or-
 dens, pois no Quartel deveria o declarante apresentar-se a um
 seu superior; que o declarante sabe que na residencia do senhor
 Filipe Prado havia reuniões, as quaes tomavam parte officiaes do
 Exercito e membros destacados da "Ação Integralista", não poden-
 do entretanto informar si tratavam de assuntos ligados ao movi-
 mento, pois as mesmas não comparecia por serem á noite quando

estava de serviço na Escola de Fuzilamento; que em determinadas reuniões e declarações anteriores, mas nestas apenas trata da transformação da "Ação Integralista" na "Associação Brasileira de Cultura" onde o declarante, como testemunho de parecer sobre a parte de educação física; que teve ocasião de vêr na residência do senhor Flávio Salgado alguns militares, entre os quais o Capitão Guimarães Santos, Comandante Coyama e Comandante Valério, mas há bastante tempo, no começo de Dezembro do ano findo, ignorando o que o mesmo faziam; que entre os elementos militares que tinham conhecimento do movimento revolucionário, estando prontos a cooperarem no mesmo, o declarante pôde citar os Capitães Albuquerque e Sobrinho, da Polícia Militar, tendo este se encontrado com o declarante, disse-lhe que o movimento prosseguia, estando ele e seus homens firmes; que quando o Capitão Albuquerque destacou o declarante para a Praça Mauá, assim de agir junto ao Quinto Batalhão, ficou convicto de que o mesmo já tivera entendimentos com o Capitão Sobrinho que servia naquele Batalhão; que quanto aos militares pertencentes à "Ação Integralista Brasileira" pôde referir os de nomes: Capitães Toccano, Carvalhada, Sobral, Belo, não podendo dizer qual a atitude que assumiram ou assumiram no movimento; que igual informação pôde dar relativamente ao Coronel Maiva, Major Paulo, Tenentes Freres e Meireles; que quanto ao Coronel Euclides de Figueiredo o declarante sabe se foi preso em consequência de sua possível participação ou como elemento suspeito, no movimento integralista, subversivo à ordem pública, tendo talvez ligações com integralistas, não tendo entretanto ouvido referências ao seu nome como designado para Junta Governativa dos revolucionários ou como envolvido nos acontecimentos; que quanto ao Coronel Eduardo Gomes sabe se o mesmo estaria disposto a auxiliar os integralistas no movimento revolucionário, tendo entretanto, se afastado por não ter concordado com a organização que iria ter, ou tinha o regime integralista; que sobre o Major Timoteo ouviu referências a que o mesmo acompanharia o General Newton Cavalcante em qualquer movimento que fosse empreendido, mas não declarou nem lhe foi prestado

do pelo que mandou o doutor delegado encerrar esta ^{My} lido
 e achou conforme assim com o declarante. Eu ^{fase}
Aluísio Machado escrevente que a ditilografei e eu
Aluísio Machado escrevto que o subscreevo.

Severino de F. Ferreres de S. S.
Brasão de Armas Santa Lygia

CERTIDÃO

CERTIFICADO ^{que} *mita foto*
~~*Associação de Alunos*~~
~~*Associação de Alunos*~~

que deu fe ^{O referido é verdade}
 Rio de Janeiro 16 de Maio 1888

Aluísio Machado

ANEXO F – DEFESA DE HOLLANDA LOYOLA PREPARADA
POR SEUS ADVOGADOS DURANTE INQUÉRITO POLICIAL EM
1938

43
595 / 925 925

EXMO. SR. DR. LUIZ CARLOS DA COSTA NETTO, M. M. JUIZ DO TRIBUNAL DE SEGURANÇA.

*Em anexo
de 5-18/1938
do Dr. Netto
ao Juiz.*

O Tte. FRANCISCO DE ASSIS HOLLANDA LOYOLA, por seu patrono infra-assinado, no PROCESSO DE N° 595 (de Março ultimo), pela procuração já constante dos autos -vem, desde já, a ben da defesa, requerer a V. Exa. se digne MANDAR JUNTAR ao alludido processo, os quatro inclusos documentos, sendo que o de n° 3, acompanhado de cópia para facilitar a sua leitura.

Breve resumo da documentação: -

DOC. N° 1: -" ACCORDAO da 1a. Camara da Córte de Appellação, n° 9.916, de 14 de Agosto de 1928, que ABSOLVE O MILITAR pelo uso de armas offensivas e prohibidas, sómente os civis dependendo de licença da autoridade policial ".

DOC. N° 2: -" PROVA perfeita e scabada de que o Accdo. éra INSTRUCTOR DE TIRO DE GUERRA, por determinação de respectivo Ministerio -até o dia em que fôra preso e susceptível, consequentemente, dos beneficios legais do supra-refrido Acc. " -Não se devendo mesmo confundir o USO, com o simples FORTE ou posse de armas, que é o caso do Accdo." data venia ". (Connoveu-nos o informe do Ginasio Vera-Cruz, quanto a carreira brilhante e disciplinada do notavel educador, no periodo de seis annos de seu ingresso, naquelle importante Educandario, onde a sua estina anda de par com a admiração de todos os seus pares e superiores hierarchicos, afóra os seus discipulos ou subalternos. Bravo, dynamico e digno -foram os preciosos conceitos que de lá trouxemos na memoria, na ancia inconstida de defendel-o sinceramente)

O DOC. N° 3: -Contem allegações irrefutaveis; pois é suspeita, o dizemos, sem o veso commum de defesas ridiculas, é cásta do simples ataque á Policia; uma arrecadação feita á revelia do accusada, que, assim, não pôde ou não deve, pelo menos, parece-nos, ser victimado por tão monstruosa prova feita sem os devidos caracteristicos de autenticidade ou verdade. (É o decisivo argumento partiu da propria scintillação do intelligente Mestre, que sabe se servir não sómente dos dados concretos da consciencia, mas tambem dos abstractos da razão, por aprisionado talento discursivo de que é portador, facilitando, destarte, a tarefa advocaticia.)

O DOC. N° 4: -É uma palpitante e, sobretudo, honrosa e quasi diríamos INVALJAVEL Folha de antecedentes ou Notas de assentamento da nobilíssima vida progressiva e escripta, porque não reconhecel-o ? como o sangue arterial do proprio accusado !...

595/927 927



GYMNASIO VERA CRUZ

edifício próprio

rua s. Francisco Xavier, 417 - rio de Janeiro

ofício n.º

10



A Ser.

Doc. n.º 2.

assunto:

remette

A quem interessar:

CERTIFICO que o Tte da Reserva FRANCISCO DE ASSIS HOLLANDA LOYOLA, até 12 de março de 1938, desempenhou no Ginasio Vera-Cruz as funções de professor de Educação Física e instrutor da E.I.P. nº 26; bem assim, até igual data exerceu o cargo de instrutor da E. I. M. nº 342, pertencente á Atlética Vera-Cruz, sociedade esportiva do Ginasio Vera-Cruz.

Por ser verdade passo o presente que por mim, Francisco de Paula Magalhães Castro, diretor-geral do Ginasio Vera-Cruz, vai assinado.

Rio de Janeiro,

12 de Junho de 1938

Francisco de Paula Magalhães Castro

Firma no Tab. L. SINDOS L. ROSARIO. 156 - 1938



Francisco de Paula Magalhães Castro



595/931 Doc. M. 4. 931

ANTecedentes DE FRANCISCO DE ASSIS HOLLANDA LOYOLA

COMO MILITARI

a) Tem os cursos de Infantaria e de instructor de Educação Physica, tirados com boas notas e com vastos elogios, respectivamente, no Centro de Preparação de Officiaes desta Região e na Escola de Educação Physica do Exército, cursos esses feitos á sua propria custa;

b) Serviu como instructor dos Tiros de Guerra, durante cinco annos (até ser preso) e como instructor de collegios e sociedades sportivas, em cujas funcções só mereceu elogios dos seus superiores. Nesse espaço de tempo preparou para o Exército 500 reservistas, sem onus para o Thesouro Nacional e sem receber qualquer vencimento, por mero patriotismo.

c) Ainda sem onus serviu na Inspectoria de Tiros organizando programas de educação physica para as escolas de instrução desta Capital e dos Estados do Rio e do Espirito Santo;

d) Nas revoluções que abalaram o paiz desde que o Francisco de Assis Hollanda Loyola, é militar, teve o mesmo as seguintes attitudes:

I - 1932 - ao lado do Governo Provisorio, servindo no C. P. O. R.;

II - 1935 - ao lado das forças legaes não só servindo com o então Comt. da 1ª Região Sr. Gen. Gaspar Dutra, tomando parte nas operações, como commandando pessoalmente 2.000 integralistas que ficaram de promptidão ás ordens do governo, tropa essa que de ha muito tempo, e continuou depois, vinha sendo impregada por elle para descobrir e sondar toda e qualquer articulação comunista como é do conhecimento da propria Policia;

III - Novembro de 1937 - foi sciencificado do golpe de estado a uma hora da manhã desse dia e immediatamente por de promptidão a Milicia Integralista, da qual era commandante, para cooperar com o Exército em caso de necessidade, no intuito da manutenção do golpe, attitude esta, embora anonyma, perfeitamente conhecida das mais altas autoridades interessadas no referido golpe, entre as quaes pp

595/932

932

- 2 -

de citar o Sr. Filinto Muller, Chefe de Policia, o Sr. Dr. Francisco Campos, Ministro da Justica, Gen. Newton Cavalcante, etc.

IV - Março de 1938 - interveio por ter sido informado se tratar de um movimento unanime das classes aragadas, como consta do processo, mas logo que soube não ser verdadeira aquella informação desarticulou todos os elementos que lhe estavam subordinados.

e) Desde 1934 é sobejamente conhecido do proprio Chefe de Policia o intenso trabalho de Hollanda Loyola no sentido de prevenir o povo e o governo contra as tentativas de masorcas e attentados dos communistas; trabalho que, por certo, não ignora o proprio presidente do T. S. N. porquanto deve saber quem era o commandante da Milicia Integralista.

COMO CIVIL:

a) Professor ha 13 annos no interior do pais e nesta Capital, onde exerceu o magisterio em varios collegios secundarios;

b) jornalista ha 10 annos, militando nos principaes jornaes desta Capital em cujo mister, de preferencia, se tem consagrado aos problemas da educação physica procurando interessar o povo e os educadores em geral pelos grandes problemas da eugenia e da raça.



*Pia
celm*

*1938
V. S. N.
C. S. N.*

**ANEXO G – RELATIVO À DECISÃO DO JUIZ SOBRE A
CONDENAÇÃO E SITUAÇÃO DE CADA UM DOS ENVOLVIDOS
NO LEVANTE DE 11 DE MARÇO DE 1938, BEM COMO O
MANDADO DE PRISÃO DE HOLLANDA LOYOLA**

<u>NOME</u>	<u>OBSERVAÇÕES</u>
1 - ARIBMAR GARCIA DE PAIVA <i>3 meses</i>	Foragido.
2 - ^{A.P.L. - POLICIA CIVIL DO DISTRITO FEDERAL} ALVARO LINO MORAES <i>3 meses</i>	Apresentado a esta Delegacia em 24-3-938. Casa de Correção.
3 - ARLINDO CAVALLI <i>3 meses</i>	Preso em 25-3-938. Casa de Correção.
4 - AUGUSTO JORGE <i>2 anos e 6 meses</i>	Preso em 12-3-938. Solto em 13-3-938. Preso em 24-3-938. Solto em 6-4-938. Novamente preso em 19-6-938. Casa de Correção.
5 - CARLOS FARIA DE ALBUQUERQUE <i>7 meses e 15 dias.</i>	Recolhido à 1a. Formação Sanitária Regional, pelo Ministério da Guerra em 28-6-938. Transferido para o 1º Regimento de Cavalaria Divisionário, em 12-7-938.
6 - CARLOS HENRIQUE ROBERTSON LIBERALI <i>7 meses e 15 dias.</i>	Preso em 12-3-938. Casa de Correção.
7 - EDGARD LISBÔA LEMOS - <i>3 meses</i> ✓	Preso em 15-4-938. Casa de Correção.
8 - EDUARDO DE ALBUQUERQUE MARTINS PEREIRA <i>3 meses</i> ✓	Preso em 15-3-938. Casa de Correção.
9 - EDUARDO GIBSON <i>3 meses.</i> ✓	Preso em 11-3-938. Casa de Correção.
10 - EUGENIO MARIANO DA SILVA JOTTA <i>3 meses</i> ✓	Preso em 11-3-938. Casa de Correção.
11 - FRANCISCO DE ASSIS HOLLANDA LOYOLA <i>7 meses e 15 dias.</i>	Preso em 12-3-938. Casa de Correção.
12 - FRANCISCO CARUSO GOMES - <i>3 meses</i>	Foragido.
13 - GABRIEL ANTONIO SALGADO - <i>3 meses</i> ✓	Preso em 15-3-938. Casa de Correção.
14 - GERALDO TAVARES LABÃO <i>3 meses</i>	Preso em 18-5-938. Casa de Detenção. Está ainda processado a disposição do T.S.N., pelo movimento sedicioso de Mai.
15 - GILBERTO DIAS WERNCK - <i>3 meses</i> ✓	Preso em 12-3-938. Casa de Correção.
16 - LAFAYETTE SCARIS DE PAULA - <i>3 meses</i>	Apresentado com o of. 7.490, da Policia de B. Horizonte, em 22-6-938. Casa de Correção.
17 - LAURO BARRERA - <i>3 meses.</i>	Foragido.
18 - HENRIQUE MACHADO COELHO - <i>3 meses</i> ✓	Preso em 13-3-938. Casa de Correção.
19 - ITALO BRASILEIRO MURATORI - <i>3 meses</i> ✓	Preso em 11-3-938. Casa de Correção.

535/1053 1053

LA VIA *Vals* *avoy* LA VIA



JUSTIÇA ESPECIAL

TRIBUNAL DE SEGURANÇA NACIONAL

MANDADO DE PRISÃO

na forma abaixo:

O DOUTOR

Coronel Luiz Carlos da Costa Neto

JUIZ Presidente do Tribunal de Segurança Nacional.

MANDO

à autoridade a quem este for apresentado, indo por mim assignado, que, em seu cumprimento e no da decisão proferida pelo Tribunal, em sessão de, por este Juízo em data de ontem, prenda e recolha a o local conveniente.

à ordem e disposição deste Tribunal, FRANCISCO DE ASSIS MOLANDA LOIOLA

visto ter sido condenado à pena de sete meses e meio de prisão celular gráu medio do art. 30, da Lei n° 30 de 1935

O que cumpra sob as penas da lei.

Eu, o subscrevo.

Francisco de Assis Molanda Loiola secretario

Rio de Janeiro, D. F., 19 de Agosto de 1935

JUIZ PRESIDENTE DO TRIBUNAL DE SEGURANÇA NACIONAL.

Luiz Carlos da Costa Neto
(Luiz Carlos da Costa Neto)

JUIZ

Preso 21. Agosto 1935
Francisco de Assis Molanda Loiola

ANEXO H – DIÁRIO OFICIAL DE 30 DE DEZEMBRO DE 1940 DEFERINDO A INSCRIÇÃO DOS TRABALHOS QUE SATIFIZERAM AS CONDIÇÕES DO EDITAL DO CONCURSO DE PUBLICAÇÕES SOBRE EDUCAÇÃO FÍSICA

23876 Segunda-feira 30

DIÁRIO OFICIAL (Seção I)

Dezembro de 1940

- N. 1.160 — Diretor Geral do Departamento Nacional de Educação.
- N. 1.161 — Inspetor Federal do Ginásio Santana — Santa Maria — Rio Grande do Sul.
- N. 1.162 — Inspetor Federal do Colégio Marista — Recife — Pernambuco.
- N. 1.163 — Inspetor Federal do Ginásio Diocesano de Lins — Lins — São Paulo.
- N. 1.164 — Inspetor Federal do Ginásio Parnaibano — Parnaíba — Piauí.
- N. 1.165 — Inspetor Federal do Colégio Castelo Branco — Fortaleza — Ceará.
- N. 1.166 — Inspetor Federal da Escola Normal Rodrigues Alves — Guaratinguetá — São Paulo.
- N. 1.167 — Inspetor Federal do Colégio Paula Freitas — Néstá.
- N. 1.168 — Inspetora Federal do Ginásio N. S. do Amparo — Amparo — São Paulo.
- N. 1.169 — Inspetor Federal do Curso Floriano Peixoto — Niterói.
- N. 1.170 — Inspetora Federal do Colégio Imaculada Conceição — Fortaleza — Ceará.
- N. 1.171 — Inspetor Federal do Ginásio Partenon Paranaense — Curitiba — Paraná.
- N. 1.172 — Inspetor Federal do Ginásio Garatinga — Caratinga — Minas Gerais.
- N. 1.173 — Inspetora Federal do Colégio de Santa Inez — São Paulo.
- N. 1.174 — Inspetor Federal do Ginásio Puríssimo Coração de Maria — Rio Claro — São Paulo.
- N. 1.175 — Inspetor Federal do Colégio Americano — Vitória — Espírito Santo.
- N. 1.176 — Inspetor Federal do Colégio Santo André — Barretos — São Paulo.
- N. 1.177 — Inspetor Federal do Ginásio Feminino N. S. Auxiliadora — Campo Grande — Mato Grosso.
- N. 1.178 — Inspetor Federal do Ginásio Progresso — Ribeirão Preto — São Paulo.
- N. 1.179 — Inspetor Federal do Instituto São José — Canoas — Rio Grande do Sul.
- N. 1.180 — Inspetor Federal do Ginásio Santonópolis — Feira de Santana — Bahia.
- N. 1.181 — Inspetor Federal do Liceu Eduardo Prado — São Paulo.
- N. 1.182 — Inspetor Federal do Ginásio Champagnat — Franca — São Paulo.
- N. 1.183 — Inspetor Federal do Ginásio Municipal Euclides da Cunha — Cantagalo — Estado do Rio de Janeiro.
- N. 1.184 — Inspetora Federal do Ginásio N. S. de Lourdes — Franca — São Paulo.
- N. 1.185 — Inspetor Federal do Colégio Martins Fontes — São Paulo.
- N. 1.186 — Inspetora Federal do Colégio N. S. Medianeira — Barra do Piraí — Estado do Rio de Janeiro.
- N. 1.187 — Inspetora Federal do Colégio Coração Eucarístico de Jesus — Recife.
- N. 1.188 — Inspetor Federal do Ginásio Municipal São Paulo — Agudos — São Paulo.
- N. 1.189 — Inspetor Federal do Ginásio Minerva — São Paulo.
- N. 1.190 — Inspetor Federal do Colégio Paula Freitas — Néstá.
- N. 1.191 — Inspetor Federal do Ginásio Novo Atencu — Curitiba — Paraná.
- N. 1.192 — Inspetor Federal do Colégio Santana — Sobral — Ceará.

Telegramas:

- N. 176 — Inspetora Federal do Ginásio do Estado — Santos — São Paulo.
- N. 177 — Inspetor Federal da Escola Técnica Secundária Paulo de Frontin — Néstá.
- N. 178 — Inspetor Federal das 4.^a e 5.^a séries do Liceu Rio Branco — São Paulo.
- N. 179 — Iñezil Marinho — São Paulo.
- N. 180 — Inspetor do Colégio Stafford — São Paulo.
- N. 181 — Inspetor Técnico da Inspetoria de Educação Física de Santa Catarina — Florianópolis.
- N. 182 — Inspetora do Instituto Porto Alegre — Porto Alegre.
- N. 183 — Inspetor Federal do Colégio Pedro I — Néstá.
- N. 184 — João Borges — Maceió.

EXPEDIENTE DO SR. DIRETOR GERAL

Em virtude do edital publicado no *Diário Oficial* de 13 de novembro de 1940, pág. 21.376, encerraram-se às 17 horas do dia 16 do corrente as inscrições para o concurso de Publicações sobre Educação Física.

Os trabalhos, cuja inscrição satisfizeram as condições do edital, são:

- 1) — Educação Física — Francisco de Assis Holanda Loyola.
- 2) — Jogos — Francisco de Assis Holanda Loyola.
- 3) — Pedagogia da Educação Física — J. B. de Aquino.
- 4) — Saúde e Educação Física — Silas Raeder.
- 5) — 200 jogos infantis — Dr. Nicanor Miranda.

6) — A prática do Futebol entre a Juventude Operária como contribuição ao Plano Nacional de Educação Física — Alceu Maynard Araujo.

7) — Manual de combate a baioneta, luta corporal, box — Horácio dos Santos.

8) — Ensinando a Nadar — João Lotufo.

9) — Manual de Massagem — Dr. Pacifico de Rodrigues Castelo Branco.

10) — Educação Física Científica — Antropometria — Heitor Rossi Bêlache.

11) — Lições de Biometria Aplicada — Dr. Augusto Sette Ramalho. (1.^a parte: Morfologia).

12) — Contribuição bio-estatística ao problema nacional de educação física — Lauro Barros Studart.

13) — Puericultura e Pedagogia — Dr. Otávio Salema Garção Ribeiro.

14) — El Demolidor (Peça central) — Mário Miranda Rosa.

15) — "Alimentação" — (Do escolar submetido a regime de trabalho físico e do atleta) — Theotonio Flavio Miguês de Mello.

O critério que a Comissão adotará para julgamento dos trabalhos será o seguinte:

Quanto à forma:

- 1) — Plano ou estrutura geral — até 10 pontos.
- 2) — Clareza e correção da linguagem — até 15 pontos.

Quanto ao fundo:

- 1) — Valor prático quanto à educação física — até 15 pontos.
- 2) — Grau de correlação com a educação física — até 15 pontos.
- 3) — Precisão técnica — até 15 pontos.
- 4) — Contribuição pessoal ao assunto — até 20 pontos.
- 5) — Documentação — até 10 pontos".

Escala de férias dos funcionários e extranumerários da Divisão de Educação Física, para o exercício de 1941, organizada de acordo com o art. 14, do Decreto-lei n. 1.713, de 28 de outubro de 1939

Cecília Schimmelpfeng de Seixas.....	2	1. ^o	21	1. ^o
Judith Pereira.....	2	1. ^o	21	1. ^o
Manoel Almeida de Andrade.....	2	2. ^o	21	2. ^o
Eugenio Lello Borges.....	3	2. ^o	22	2. ^o
Iñezil Penna Marinho.....	17	2. ^o	8	3. ^o
Paulo Frederico de Figueiredo Araujo....	17	3. ^o	5	4. ^o
Carmenzin Goyanna.....	1	4. ^o	20	4. ^o
Arthur Pereira da Motta.....	16	4. ^o	5	5. ^o
Tarso Coimbra.....	19	5. ^o	7	6. ^o
Horacio Verne.....	16	6. ^o	5	7. ^o
Djaima de Oliveira Montes.....	7	7. ^o	26	7. ^o
João Borges dos Santos.....	3	11. ^o	22	11. ^o
Joaquim da Costa Borges.....	7	12. ^o	22	12. ^o

D. E. F., em 20 de dezembro de 1940. Publique-se. — Major João Barbosa Leite, diretor.

Ministério das Relações Exteriores

(RETIFICAÇÃO)

Na relação dos agraciados com a Medalha de Prata Comemorativa do Cinquentenário da Proclamação da República, publicada no *Diário Oficial* de 27 de dezembro de 1940:

Onde se lê:

Dr. M. Martins Rodrigues;

Leia-se:

Dr. J. Martins Rodrigues.

Ministério da Fazenda

Serviço do Pessoal

SEÇÃO ADMINISTRATIVA

Folha de pagamento de gratificações por serviços extraordinários, no período de 6 a 23 de dezembro corrente, em virtude de vrorogação, na forma regulamentar, para execução dos serviços dis-